

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS DO OESTE CATARINENSE NO
TELEJORNALISMO REGIONAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Franscesco Flavio da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS DO OESTE CATARINENSE NO TELEJORNALISMO REGIONAL

Franscesco Flavio da Silva

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Franscesco Flavio da
Identidades contemporâneas do oeste catarinense no
telejornalismo regional / Franscesco Flavio da Silva.-
2017.
125 f. ; 30 cm

Orientador: Flavi Ferreira Lisboa Filho
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2017

1. Identidade 2. Telejornalismo regional 3. Estudos
culturais 4. Análise cultural 5. Santa Catarina I.
Lisboa Filho, Flavi Ferreira II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS DO OESTE CATARINENSE
NO TELEJORNALISMO REGIONAL**

elaborada por
Franscesco Flavio da Silva


Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador

Cássio dos Santos Tomaim, Dr. (UFSM)

Márcio Ronaldo Santos Fernandes, Dr.
(Unicentro)



AGRADECIMENTOS

Início agradecendo ao meu orientador, Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho pela coragem, pela paciência, por compartilhar seu conhecimento, pelo alto nível de exigência e pelo carinho que empregou em nossa relação acadêmica. Além de uma pesquisa, construímos uma amizade da qual me orgulho. Agradeço também aos integrantes da banca de qualificação e banca de defesa, pela análise minuciosa da pesquisa e pelas considerações qualificadas que contribuíram decisivamente para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Dedico esta obra à minha esposa, Aline Daiane Dilkin, a quem também agradeço todo o suporte e coragem que me fizeram seguir em frente, mesmo muitas vezes abatido pelas viagens ou pelo acúmulo de responsabilidades. Essa conquista é nossa.

Agradeço aos meus pais, Beatriz e Francisco, e minha irmã, Iasmyn, que por vezes me perceberam ausente neste período de dois anos. Obrigado pela compreensão e pelo apoio. Sou grato a toda a família de minha esposa, em especial aos tios Paulo Dilkin e Ania Kliemann pelo suporte e carinho neste período de idas e vindas entre Chapecó e Santa Maria.

Agradeço também à Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) pelo apoio e incentivo à minha qualificação e a todos os colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM (com muito orgulho, conceito 5 na Capes) que tive a oportunidade de conhecer nesta jornada e que de alguma forma contribuíram com esta pesquisa e com a minha formação.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS DO OESTE CATARINENSE NO TELEJORNALISMO REGIONAL

AUTOR: FRANSCESCO FLAVIO DA SILVA
ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO
Local e Data da Defesa: Santa Maria, 22 de março de 2017.

A presente dissertação busca analisar como dois telejornais locais (re)configuram em seus conteúdos a cultura identitária da região Oeste catarinense. Produzidos em Chapecó, Santa Catarina, os telejornais do meio-dia da RicTV (filiada à Record) e RBSTV (filiada à Rede Globo) são tradicionais na região e carregam em seus conteúdos sentidos que atuam na constituição da identidade dos sujeitos. O cenário desta análise situa-se no estado de SC, palco histórico de tensões entre diversas culturas, que por sua vez impossibilitaram a definição de uma identidade unificada, como a do ‘gaúcho’, no Rio Grande do Sul, apesar de controvérsias. Assim, este trabalho analisa os elementos da cultura identitária que constituem na contemporaneidade o Oeste catarinense pelos textos dos telejornais de Chapecó, verificando os sentidos presentes na mídia sobre a região e seus sujeitos. Como objetivos específicos procuramos identificar elementos da cultura identitária do Oeste catarinense contidos nos conteúdos dos telejornais; analisar esses elementos culturais presentes nas produções telejornalísticas; comparar as representações identitárias nos conteúdos telejornalísticos **das duas emissoras**; compreender como se dá a relação entre cultura e identidade nos telejornais produzidos em Chapecó. Partimos do aporte teórico-metodológico dos Estudos Culturais, para o desenvolvimento de um percurso analítico próprio baseado na estrutura de sentimento de Williams (1997), no circuito da cultura de Paul Du Gay et al. (1999) e na análise textual de Casetti e Chio (1999). Na análise verificamos que os telejornais direcionam suas estratégias em torno de valores e sentidos culturais da região. Percebemos como os textos noticiosos, a forma de apresentação e entrevistados dos telejornais evidenciam padrões que constituem pistas de uma identidade do Oeste catarinense, construída, principalmente, a partir do município de Chapecó, atrelada ao desenvolvimento econômico e ao passado ‘heroico’ que ainda repercute no presente. Ao mesmo tempo apontamos novas estruturas culturais emergindo em um cenário de tradições ainda recentes e que hoje é atingido pela globalização.

Palavras-chave: Identidade. Telejornalismo regional. Estudos Culturais. Análise cultural. Santa Catarina.

ABSTRACT

The present dissertation tries to analyze how two local news programs (re)configure in their contents an identity culture of the West region of Santa Catarina. Produced in Chapecó, Santa Catarina - SC, RicTV's midday news program (affiliated to Record) and RBSTV (affiliated to Rede Globo) are registered in the region and carry in their contents. The scenario of this analysis is in the state of SC, a historical stage of tensions between diverse cultures, which in turn made it impossible to define a unified identity, as a "gaucho", in Rio Grande do Sul, despite controversies. Thus, this work analyzes the elements of the identity culture that constitute in contemporaneity the West of Santa Catarina by texts of Chapecó's television news, verifying the senses present in the media about a region and its subjects. As specific objectives we try to identify elements of the identity culture of the West of Santa Catarina contained in the contents of the television news; Analyze these cultural elements present in television news production; As identity representations in the telejournalism contents of the two transmitters; How does a relationship between culture and identity occur in the television news produced in Chapecó? We start from the theoretical-methodological contribution of the Cultural Studies, for the development of an analytical course based on the structure of feeling of Williams (1997), on the circuit of the culture of Paul Du Gay et al. (1999) and a textual analysis of Casetti and Chio (1999). In the analysis we verify that the news programs direct their strategies around the cultural values and senses of the region. We perceive how news texts, a form of presentation and interviews of television news show patterns that constitute clues to an identity of the West of Santa Catarina, built mainly from the municipality of Chapecó, linked to economic development and the "heroic" past that still reverberates on present. At the same time, the new cultural structures emerging in a scenario of traditions still recent and that today is reached by globalization.

Keywords: Identity. Regional telejournalism. Cultural Studies. Cultural analysis. Santa Catarina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Circuito desenvolvido nesta pesquisa para a análise cultural-midiática dos telejornais.	48
Figura 2 – Imagem do território da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul.	63
Figura 3 – Mesorregiões geográficas (não politicamente) de Santa Catarina.	65
Figura 4 – Macrorregiões de Santa Catarina segundo o Sebrae e Secretaria Estadual da Saúde-SC.	66
Figura 5 – Apresentadores do Jornal do Almoço no estúdio – Eveline, Cleiton e Darci.	77
Figura 6 – Apresentadores do Jornal do Meio Dia no estúdio – Elizandra e Eduardo à esquerda e os apresentadores de esporte Renan e Sérgio à direita.	78
Figura 7 – Imagens de alguns dos entrevistados nos telejornais analisados.	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ESTUDOS CULTURAIS E A TELEVISÃO	19
1.1 TELEVISÃO E SOCIEDADE	19
1.2 OS ESTUDOS CULTURAIS	22
1.3 CULTURAS IDENTITÁRIAS	28
1.4 MEDIAÇÃO E TRADIÇÃO.....	31
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	38
2.1 ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA	38
2.2 À GUIA DE UM PROTOCOLO ANALÍTICO.....	43
2.3 ANÁLISE TEXTUAL.....	49
2.4 O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE.....	53
3 TELEVISÃO E CULTURA REGIONAL.....	55
3.1 A REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA.....	55
3.2 CULTURA IDENTITÁRIA NO TELEJORNALISMO REGIONAL.....	67
3.2.1 Jornal do Meio Dia da RicTV Record Chapecó	72
3.2.2 Jornal do Almoço da RBSTV de Chapecó	73
4 ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA DOS TELEJORNAIS.....	76
4.1 SUJEITOS E INTERAÇÕES FIXOS DOS TELEJORNAIS	77
4.2 SUJEITOS E INTERAÇÕES DOS ENTREVISTADOS DOS TELEJORNAIS	89
4.3 O CONTEÚDO DOS TELEJORNAIS	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	110

INTRODUÇÃO

Atuar como jornalista, assim como muitos outros ofícios, requer habilidades técnicas, morais e éticas. Muitas delas estão à disposição do conhecimento nos centros acadêmicos, outras vêm do berço e boa parte está na experiência social do fazer jornalismo. Uma prática rotineira do autoquestionamento, da revisão de valores, do respeito às diferenças, do distanciamento necessário do tema, do comprometimento com a informação e da responsabilidade com o público. Missão complexa para um ser humano e, ainda assim, insuperável por qualquer máquina ou tecnologia. Processar e produzir informação em um mundo plural, globalizado, conectado, líquido, em constate transformação requer um esforço de percepção e autoavaliação permanente.

O período profissional em que o autor desta dissertação atuou em jornalismo (radiojornalismo, telejornalismo e assessoria de comunicação) lhe mostrou como a mídia interage profundamente com a sociedade. No Brasil, o telejornal, por fazer uso de um suporte midiático tão atrativo e presente na casa dos brasileiros como a televisão, se tornou objeto de especial atenção. Quase um imigrante, o autor desta pesquisa deixou a cidade de Passo Fundo (RS) para atuar profissionalmente em Chapecó (SC). O estranhamento esperado com a mudança de Estado (instituição da federação) e de estado (região brasileira), no entanto, se manifestou, não pela diferença, mas por outro viés. A semelhança com a cultura sul-riograndense e as manifestações de gauchidade¹, justificáveis em parte pela imigração que povoou o Oeste catarinense, se fizeram notáveis, não só no modo de vida, mas também na mídia local, assim como a presença de culturas étnicas como a alemã, italiana e polonesa. Ao mesmo tempo, paira no ar certo contraste com a região litorânea de Santa Catarina, comumente difundida como uma das principais representantes da cultura catarinense.

Em um cenário de configurações históricas recentes, plural e de certas tensões culturais, surgiu o desejo de compreender a atuação da mídia (no caso, o telejornalismo regional) no processo cultural identitário² presente na região Oeste de Santa Catarina. Assim

¹ Este termo será utilizado neste estudo para trazer a ideia de fenômeno, como defende Lisboa Filho (2009, p. 21), “[...] abrindo possibilidades para a investigação de qualidades, comportamentos, valores, maneiras de agir, sendo mais abrangente, permitindo a consideração de múltiplas formas discursivas de representação do que é gaúcho.”

² Para uma compreensão clara do que buscamos como objetivo em nosso estudo, lapidamos o termo ‘processo cultural identitário’, ou apenas ‘cultura identitária’, para determinar o processo pelo qual uma cultura atua na (re)configuração das identidades dos sujeitos. Dessa forma, buscamos compreender a cultura identitária contemporânea da região Oeste nos textos do telejornalismo regional. O conceito será complexificado mais

como muitas outras do País, a região se caracteriza pela pluralidade cultural, influenciada tanto pelos movimentos migratórios dos séculos XIX e XX, como pelas interações mais recentes, promovidas pela globalização. Palco de uma série de condições históricas e atuais que tensionam a cultura regional, o papel da mídia se torna ainda mais relevante na atualidade ao lidar diariamente com os elementos culturais identitários, produzindo e reproduzindo valores, sentidos e práticas sociais.

Os oestinos³ não são sul-rio-grandenses, embora a cultura gaúcha se apresente com relevância na região, assim como as etnias de descendência europeias. Eles também não são catarinenses do litoral, não compartilhando o sotaque e alguns costumes. Próximo da fronteira com a Argentina, fazendo divisa com o estado do Paraná, os oestinos desenvolvem cada vez mais uma identidade própria, estabelecida na diferença, na diversidade e nas heranças culturais históricas, que nos instiga profundamente em pesquisar pelo viés midiático. Dessa forma, buscamos compreender os elementos que constituem as identidades desse espaço e tempo, identificando e relacionando seus sentidos na cultura para compreender a experiência histórica e seus efeitos nos indivíduos e grupos registrados em artefatos culturais (os telejornais).

Essa inquietante condição cultural e identitária atraiu o autor desta dissertação na busca por compreender como os textos jornalísticos, em especial no telejornalismo, carregam significados⁴ capazes de constituir e reconstituir a percepção de espaço e tempo de uma região e seus sujeitos. Mais do que isso, buscamos compreender que elementos culturais são esses que compõem uma cultura identitária para uma determinada região, percebendo aquilo que a rotina da produção e da própria audiência, muitas vezes, não é capaz de perceber.

Assoma-se o fato de a mídia televisiva ainda se manter como uma das mais acessadas pelos brasileiros, apesar de a internet ter impactado tanto na receita publicitária quanto na audiência televisiva (e em outras mídias tradicionais). Contudo, essas transformações não chegaram a colocar em risco a hegemonia da televisão na contemporaneidade brasileira. A cultura nacional incorporou o hábito de assistir televisão, estando acessível, em 2014, para 65,1 milhões de domicílios brasileiros, ou seja, 97,1% do total de domicílios do País (IBGE, 2016). Como mídia de alto impacto social, a televisão permanece merecendo a atenção dos

adiante no Capítulo 2, quando trataremos em específico de ‘cultura’ e ‘identidade’.

³ O termo ‘oestino’ será utilizado nesta pesquisa para designar o mesmo sentido de o ‘povo do Oeste de Santa Catarina’. Aplicamos esta variação para contribuir com a narrativa textual no decorrer da dissertação.

⁴ Em semiótica, a significação é o processo pelo qual um significante assume um significado, não de forma natural, mas sim cultural. Assim, por meio da linguagem, os indivíduos produzem sentidos (práticas significativas) e articulam suas experiências no mundo. Embora esta pesquisa não promova uma análise semiótica, utilizamos as expressões ‘sentido’ e ‘significado’ de acordo com a aplicação em estudos sobre a cultura (WILLIAMS, 1979) e também de operadores analíticos alinhados aos Estudos Culturais, como a análise textual (CASETI; CHIO, 1999).

pesquisadores. Autores como Schramm e Lerner (1973) consideram a relação entre mídia e sociedade como algo tão íntimo e paralelo que elas evoluem igualmente, e nunca individualmente. Bordenave (1982) acredita que comunicação e sociedade não existem em separado, mas são parte de um todo. O autor afirma que “a comunicação não pode ser melhor que sua sociedade, nem a sociedade estar melhor que sua comunicação.” (BORDENAVE, 1982, p. 17). Assim, acreditamos que estudar a mídia, seus processos e sua atuação na sociedade pode contribuir para compreender também a sociedade em que vivemos.

O telejornalismo exercido por dois grupos de comunicação, com sucursais sediadas em Chapecó (SC), possui um alcance significativo de público na região⁵, reproduzindo e reconfigurando a cultura identitária diariamente através de seus conteúdos. São esses sentidos, presentes nos textos telejornalísticos, que esta pesquisa se propõe a identificar. Eles nos inspiram a compreender como os telejornais (em suas especificidades) atuam no processo cultural identitário por meio de seus conteúdos, bem como sofrem interferências do contexto social. Queremos, assim, contribuir com o fazer jornalístico, ampliando a percepção sobre os sentidos gerados no cotidiano de produção, compreendendo e reforçando a atenção sobre o que é produzido e reproduzido, mas também ocultado e negado.

O *corpus* de nossa pesquisa compreende dias sequenciais da semana, mas também uma data comemorativa do aniversário de Chapecó, tida como a Capital do Oeste, título que evidencia sua importância e referência em diversos aspectos na região. Ao todo são 16 edições, ao longo de 12 horas, sendo oito de cada telejornal, coletadas em março e agosto de 2016.

Rotineiramente as emissoras de televisão de Chapecó (RicTV Record e RBSTV)⁶ exibem seus tradicionais telejornais do meio-dia, abrangendo a maioria dos 98 municípios da região Oeste de Santa Catarina. Com uma presença que ultrapassa décadas ininterruptas de produção semanal (de segunda a sábado), os telejornais do meio-dia se tornaram referências como difusores de informação. Cabe a eles registrar as principais ações sociais, culturais, políticas e econômicas. Eles apresentam o factual, sob o ângulo de produção de suas equipes de reportagem e empresas de comunicação, mas também atendem certas ‘exigências’ do público. Ao mesmo tempo em que interferem na estrutura social, recebem a interferência de diversas mediações, se apropriam de determinadas tradições, gerando um ciclo infundável de acepções que precisam ser identificadas e analisadas.

⁵ O sinal de ambas as emissoras de televisão chega a mais de 60 municípios da região Oeste de Santa Catarina, segundo os coordenadores de jornalismo.

⁶ O Grupo RBS, afiliado à Rede Globo, está presente em Chapecó desde 1980, atuando na área da transmissão televisiva (RBS TV) e rádio difusão (Rádio Atlântida). A empresa de comunicação Rede SC chegou à Chapecó em 2000, após a aquisição do SBT, sendo que em 2008 a emissora de televisão passou por um processo de fusão com a Record SC, afiliada da Record, que deu origem à RicTV Record.

Com o aporte teórico e metodológico dos Estudos Culturais, fundados no materialismo cultural de Raymond Williams (1979), buscamos perceber a presença e atuação de uma tradição seletiva, compreendendo o processo da mediação cultural que atua sobre os sentidos dos textos. Tratamos desses conceitos no Capítulo I, assim como definimos nossa compreensão de identidade pelo trabalho desenvolvido por Stuart Hall (2000). A crise das identidades, presente em comunidades da contemporaneidade, alvo de transformações promovidas pela globalização e redefinições de fronteiras, contribui para a compreensão dos fenômenos incidentes na região foco desta análise.

O telejornalismo traz consigo todo um conjunto de sentidos para seus produtos, tendo a televisão como uma tecnologia e uma forma cultural, e o jornalismo como uma instituição social (WILLIAMS, 1979). Nesse sentido, os autores Simone Maria da Rocha (2011), Itania Maria Mota Gomes (2011) e Raymond Williams (1974), que trabalham a televisão sob a ótica da análise cultural, corroboram com este trabalho.

Entendendo a importância da cultura para nosso estudo, seguimos como elemento central o conceito de materialismo cultural, que é trazido no Capítulo II. A cultura se torna fundamental na medida em que a encaramos como um modo de vida, de forma totalizante. A cultura está relacionada diretamente aos processos de formação identitária. Williams (1979) fundamentou seu estudo focado na compreensão de processos de mudança social a partir da arte e da literatura. Ele desenvolveu o conceito de estrutura de sentimento, como hipótese cultural, que é trazido por esta pesquisa alinhado ao circuito da cultura de Paul du Gay et al. (1999) – utilizado como inspiração, especialmente na esfera da produção para analisar os telejornais produzidos em Chapecó. Levamos em conta que a análise cultural que se pretende realizar aqui está focada nos textos midiáticos, mais especificamente do telejornalismo, tornando esta uma análise cultural-midiática. Nesse sentido, o circuito da cultura serve de base para elaboração de um protocolo analítico próprio, capaz de responder a questão problema deste estudo. Compreendemos que a sua aplicação na íntegra (do circuito da cultura) não caberia em uma dissertação, muito embora seja atraente às demandas desta pesquisa.

Ao estabelecermos a base da análise cultural-midiática, que articula o processo cultural ao de produção da mídia, utilizamos como operador analítico secundário a análise textual (CASETTI; CHIO, 1999) para a interpretação dos conteúdos telejornalísticos. A análise textual, proposta por Casetti e Chio (1999), oferece uma maior atenção às palavras, conceitos, símbolos-chave do texto, para aferir sua frequência e sua significação. Ela está diretamente conectada à esfera da produção e fornece análises substanciais das representações e suas simbologias, além dos argumentos de produção do telejornal.

Agregamos, como complemento à análise da produção do telejornalismo, a realização de entrevistas com os coordenadores de jornalismo das emissoras relacionadas⁷. Esse complemento nos forneceu importantes informações e pistas sobre os fatores determinantes presentes na construção dos conteúdos jornalísticos contemporâneos, assim como nos serviu para compreender determinadas transformações históricas na produção jornalística que, de outro modo, não seria possível ou exigiria esforço e tempo maiores.

Trataremos os contextos da região Oeste catarinense nos Capítulo III, no qual também investigamos o histórico de colonização e a formação cultural, social, política e econômica, que atuaram no processo de comunicação e constituição cultural, configurando-se como elementos do processo de mediação (WILLIAMS, 1979). Analisamos a produção e os produtos do telejornalismo regional para compreender quais elementos da cultura identitária estão presentes ou ausentes, silenciados ou explicitados e até mesmo negados. Isso nos direciona na busca por identificar os elementos culturais selecionados pela mídia para configurar essas representações⁸ da cultura identitária da região. Mais do que isso, este trabalho se propõe a investigar esse processo cultural protagonizado pelos telejornais e analisar como eles se relacionam com os contextos sociais e históricos de Chapecó em seus conteúdos.

Assim, tratamos do Oeste de Santa Catarina, caracterizando-o por uma série de aspectos culturais construídos ao longo do tempo e que são descritos, também, no Capítulo III. Tais questões, que envolvem essa região, abrem caminho para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à identidade e ao telejornalismo, ainda não explorados por esta perspectiva. Buscamos, ainda, compreender a identidade de uma região de formação social recente, constituída por diversos povos em um contexto territorial peculiar de divisas culturais. Para caracterizar e contextualizar o cenário social analisado, sem se aprofundar em cada um dos municípios que a compõem, pesquisamos na história as principais características da região com base em bibliografias científicas e conteúdos públicos governamentais de caráter informativo, como sites governamentais e referências do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assim como obras de autores que pesquisaram sobre a região.

Cabe dizer que a história da colonização da região Oeste evidencia a existência de diversas expressões culturais, muitas delas manifestadas até hoje através da linguagem, dos costumes e de todo um modo de vida. Diversos aspectos que caracterizam e diferenciam os catarinenses entre si são retratados pela mídia televisiva regional quase que diariamente. Seja

⁷ Os jornalistas Gilmar Luiz Fochessato da RBS TV Chapecó e Diana Borin da RicTV Chapecó.

⁸ O termo 'representação' é usado neste trabalho para determinar, de forma objetiva e simples, os sentidos e percepções gerados nos/pelos sujeitos. Não nos referimos às teorias desenvolvidas por autores como Hall (2000), que complexificam o conceito de representação.

pela presença de traços culturais presentes nos sujeitos e suas ações, como o jeito ‘manezinho da ilha’⁹, ou dos povos indígenas, ou das atividades agroindustriais e dos ‘colonos’ do Oeste, as culturas identitárias estão sempre presentes, nem sempre explícitas e evidentes. Seja através de fenômenos como a identificação com o futebol gaúcho (Grêmio e Internacional), que foi predominante na região Oeste por décadas, e que hoje disputa espaço com o time local (a Chapecoense), ou por meio de manifestações marcantes da cultura gaúcha através de movimentos tradicionalistas¹⁰, os sentidos culturais se (re)configuram, assim como as identidades.

Em pesquisa de Estado da Arte¹¹, realizada preliminarmente para a construção desta dissertação, foi possível constatar, nas últimas duas décadas no Brasil, centenas de trabalhos acadêmicos que se debruçaram sobre os temas Identidade/Mídia e também Identidade/Comunicação, evidenciando certo interesse de pesquisadores brasileiros. Tal interesse não se restringe à área da comunicação, mas também se manifesta nas áreas de Educação, Sociologia, Psicologia e Antropologia. Esses dados podem indicar a necessidade de estudos que tematizem questões em evidência, não esgotadas, e que acompanham as transformações culturais e identitárias inerentes aos sujeitos e grupos sociais. O cenário talvez aponte para uma necessidade permanente – e até natural – dos sujeitos de (re)avaliar a si e à estrutura social a qual pertencem.

O levantamento feito nos bancos de dissertações e teses revelou ainda que, como tema central, o par ‘Identidade/Telejornalismo’ possui pouco mais que uma dezena de dissertações e teses publicadas em portais on-line, como Banco de Teses da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). A nossa busca priorizou palavras-chave, temas e resumos nos operadores de busca on-line de cada portal. Pesquisas de fôlego que tratem a fundo o tema, com toda a sua complexidade midiática e cultural foram localizadas, mas não em quantidade expressiva, o que indica ainda haver espaço para exploração e desenvolvimento do campo,

⁹ O termo ‘manezinho da ilha’ é utilizado popularmente para designar aquele que nasce na Ilha de Florianópolis, capital de Santa Catarina, e/ou possui característica de fala rápida e cantante. O termo originou-se da ascendência histórica de meados do século XVIII, de populações das ilhas dos Açores, pertencente a Portugal, que se instalaram em Florianópolis e arredores litorâneos. Por vezes, também é utilizado para designar, pejorativamente, um indivíduo, embora esse sentido esteja menos presente na atualidade (FANTIN, 2000).

¹⁰ Santa Catarina é o segundo estado em quantidade de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) conforme levantamento da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG) realizado em 2016 (Fonte: www.cbtg.com.br), contabilizando no total 601 CTGs. O Rio Grande do Sul ficou em primeiro lugar com 1.731 CTGs. Segundo a fonte, Chapecó possui 22 CTG's. O município também promove o maior Acampamento Farroupilha fora do Rio Grande do Sul, recebendo um público de aproximadamente 150 mil pessoas nos nove dias do evento (SEMANA, 2016).

¹¹ Realizada no primeiro semestre de 2016.

muito embora contribuições significativas tenham sido produzidas por pesquisadoras como Iluska Coutinho, Itania Maria Mota Gomes e Elizabeth Bastos Duarte, entre outros(as).

Algumas das teses e dissertações mais relevantes para este estudo foram selecionadas pela proximidade do referencial teórico-metodológico com a nossa proposta de dissertação e são citadas nesta introdução, como a tese produzida por Ângela Cristina Trevisan Felippi (2006), orientada pela Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Escosteguy, intitulada ‘Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora’. A autora promoveu um aprofundamento dos aspectos culturais, seguindo o caminho dos Estudos Culturais britânicos e sul-americanos como base teórica e metodológica, através do aporte de autores como Stuart Hall, Raymond Williams, Néstor García Canclini, Renato Ortiz, Jesús Martín-Barbero. Esse trabalho dialoga de diversas formas com a proposta deste projeto de mestrado, principalmente na aplicação dos Estudos Culturais e dos autores citados. Embora a pesquisa siga pelo método da análise de discurso (Michel Foucault), os sentidos dos textos analisados também contribuem para a análise textual (CASSETTI; CHIO, 1999), prevista na nossa metodologia, já que os textos dos telejornais também produzem discursos.

Nem todas as pesquisas relacionadas aqui são citadas diretamente em nossa análise, visto que muitas nos forneceram inspirações e atuaram sobre o processo investigativo de forma indireta. Mesmo assim, consideramos pertinente atualizar o olhar científico sobre o que há de mais recente no campo da pesquisa em cultura, telejornalismo, identidade e região.

Outra pesquisa que contribuiu com nosso projeto leva o título ‘A representação de Minas Gerais e suas identidades representadas no Bom Dia Minas’, de autoria de Michelle Fabiana Pires Ferreira Guimarães (2015), orientada pela Prof.^a Dr.^a Christina Ferraz Musse. O trabalho foi desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora, que vem produzindo, através de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação, diversas contribuições para a análise em telejornalismo e identidade. Nele, a autora segue o caminho da análise de conteúdo (Laurence Bardin) para revelar representações de Minas Gerais em um telejornal diário matinal.

Foi possível perceber na exploração de trabalhos focados em telejornalismo/identidade certa presença de análise de discurso como método recorrente, como é o caso da dissertação ‘O telejornalismo na construção da identidade religiosa: representações evangélicas no Jornal Nacional e Jornal da Record e sua recepção por fiéis metodistas e batistas’, de Hideide Brito Torres (2011), orientado pela Prof.^a Dr.^a Iluska Coutinho. Outros métodos de análise, como a análise de conteúdo e análise textual, foram encontrados em nossa pesquisa. Um exemplo é a dissertação intitulada ‘Um telejornal pra chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local’, de Jhonatan Alves Pereira Mata (2011), da Universidade

Federal de Juiz de Fora, com orientação da Prof.^a Dr.^a Iluska Coutinho. A existência desses trabalhos demonstra a pertinência do uso dos métodos para o fim proposto para esta dissertação, ampliando a experiência empírica dos usos teórico-metodológicos.

Nosso esforço investigativo também buscou por dissertações e teses relacionadas à identidade/comunicação/Santa Catarina (catarinense) e identidade/comunicação/oeste catarinense (de Santa Catarina). No primeiro trio encontramos o trabalho de Fábio Bitencourt Cadorin, intitulado ‘Exame de processos de representação de identidade cultural de Tubarão em reportagens do telejornal ‘Câmera Aberta 2ª edição’, veiculadas pela Unisul TV’. A dissertação foi orientada pela Prof.^a Dr.^a Jussara Bittencourt de Sá, no Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina e tem como objetivo examinar os processos de representação da identidade cultural de Tubarão (SC) em reportagens do telejornal. O autor utiliza o estudo de caso para selecionar as reportagens alusivas ao aniversário do município e utiliza a análise de conteúdo alinhada com análise morfológica para se aprofundar nos sentidos e representações dos conteúdos.

Outra dissertação que contribuiu para nossa pesquisa em telejornalismo e produção de sentidos foi o trabalho intitulado ‘As funções discursivas da edição no telejornalismo: uma análise sobre as reportagens na cobertura dos atentados em Santa Catarina (2012-2014), de Lalo Nopes Homrich, orientado pela Prof.^a Dr.^a Cárilda Emerim, pela Universidade Federal de Santa Maria. Com base nos fundamentos teóricos da Teoria do Jornalismo, voltados aos critérios de noticiabilidade e modelos de produção associados, o autor articula os preceitos da semiótica discursiva para evidenciar as funções da edição no processo de produção das reportagens dos telejornais. Além disso, a dissertação aborda telejornais de Santa Catarina, das mesmas emissoras selecionadas para esta pesquisa.

Ficou evidente nos estudos levantados pelo Estado da Arte a preferência, embora não na totalidade, dos Estudos Culturais e também de autores como Stuart Hall para tratar de identidade. Muitos dos estudos também focaram especificamente em produção ou recepção, e poucos integraram as duas possibilidades de forma completa.

Buscamos também dissertações, teses e obras não ligadas à comunicação, mas que tratassem da identidade e formação social e cultural da região Oeste de Santa Catarina. Um enfoque especial foi dado na busca por obras que abordassem a heterogeneidade e pluralidade cultural de Santa Catarina e em especial do Oeste catarinense. Dentre as obras identificadas está ‘A colonização de Santa Catarina’ de Walter Piazza (1982) e o livro ‘Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense’, de José Carlos Radin (2001), que discorrem sobre várias perspectivas, como histórica, política, social, cultural e econômica da região.

Outro trabalho de destaque, que debate as questões culturais e identitárias de Santa Catarina no século XX é a dissertação de Thiago Sayão (2004), ‘Nas veredas do folclore: leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975)’, publicada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nela, o autor retrata um momento marcante da história, das questões culturais identitárias pelas quais o Brasil da Era Vargas passou, além de suas questões relacionadas à Santa Catarina e sua heterogeneidade, que refletem até os dias de hoje na cultura estadual e, de forma muito específica, em suas regiões.

Buscamos também neste trabalho contribuir com o desenvolvimento da análise cultural-midiática, em especial, aplicada ao telejornalismo, fornecendo um percurso teórico-metodológico que possibilite avançar e fortalecer os estudos sobre cultura e identidade em comunicação.

1 ESTUDOS CULTURAIS E A TELEVISÃO

Compreender os percursos de uma análise cultural-midiática exige o entendimento de um conceito central para a pesquisa, a noção de cultura. Nossa fundamentação parte dos Estudos Culturais, que nasceram na Inglaterra, em 1950, em um cenário de pós-guerra e de reconfiguração das classes sociais na Europa. Neste capítulo tratamos de contextualizar historicamente e conceitualmente as bases de nossa pesquisa, dando destaque aos conceitos de ‘identidade’ e ‘cultura’, tão caros ao tema desta dissertação, e também ‘tradição’ e ‘mediação’ cunhados por Raymond Williams (1979). Apresentamos os principais autores que permitiram desenvolver um caminho próprio na análise cultural da mídia.

1.1 TELEVISÃO E SOCIEDADE

O homem percebe o ambiente em que vive a partir de suas experiências. Antes das revoluções tecnológicas, o conhecimento de mundo era restrito e o campo de visão pequeno. As diferentes tecnologias e a possibilidade de acessá-las iniciaram uma transformação. Na área da comunicação, a expansão se deu pela imprensa escrita, rádio, televisão, internet e cinema. A relação ‘mídia e sociedade’ passa a ser encarada com muita proximidade.

Schramm e Lerner (1973) evidenciam o elo entre mídia e sociedade como uma relação de interdependência mútua e constante. A mídia pode ser vista como uma das formas mais representativas para se expressar valores, práticas e sentidos de um dado momento, em uma dada sociedade. Ao seu lado estão instituições como escola, igreja e estado, por exemplo, que também exercem influência para constituição de sentidos. Porém, a mídia atua na sociedade de forma, por vezes, diferente e intensa. Não só os meios de comunicação, como a comunicação em si, possuem relação de dependência com a sociedade, como afirma Bordenave (1982, p. 17):

A comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida da sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. A comunicação não pode ser melhor que sua sociedade nem esta melhor que sua comunicação. Cada sociedade tem a comunicação que merece. ‘Dize-me como é a tua comunicação e te direi como é a tua sociedade’.

Cada vez mais os meios de comunicação são vistos como ferramentas poderosas para o desenvolvimento, e a mídia regional possui extrema importância no papel constituidor de

uma identidade. Responsável por difundir produtos culturais produzidos a partir do local, é, também, papel da mídia regional gerar produtos culturais a partir de temas externos ao local, mas com o olhar regional, enquanto lógica de produção e de apropriação de bens simbólicos. Cabe compreender como a mídia regional capta e reorganiza esses sentidos, entendendo que também ela faz parte do ambiente regional.

Como fenômeno social mundial, a televisão naturalmente se tornou alvo de análises científicas e estudos que buscam a compreensão de seus diversos aspectos. As obras sobre televisão se revezavam entre os que a consideravam determinante de um significado social e os que acreditavam nela como mero transmissor de informação, cabendo ao público definir o sentido de sua mensagem (ROCHA, 2011). Os vários desdobramentos dessas pesquisas geraram análises isoladas da televisão, sem os contextos sociais, configurando um ambiente controlado, por vezes diferente do real. Contrariando essa proposta, as abordagens etnográficas e os Estudos Culturais trataram de incluir a complexidade das relações sociais gerais em contextos específicos, legitimando pesquisas mais qualitativas.

Um dos primeiros estudiosos a analisar programas televisivos pela dimensão tecnológica e cultural foi Raymond Williams. Em sua obra 'Television: technology and cultural form' (1974), o autor considera a televisão como um dos principais espaços contemporâneos de circulação e produção cultural. Além disso, reconhece a influência histórica e social na prática cultural que perpassa pelos programas (ROCHA, 2011).

Buscamos para nossa pesquisa uma visão de televisão e do telejornalismo na perspectiva dos Estudos Culturais, contemplando suas dimensões técnica, social e cultural. Para promovermos a análise cultural-midiática, tratamos a mídia televisiva e seu produto, o telejornalismo, como uma construção social com características próprias na produção e representação de sentidos.

Williams (1974) define televisão como tecnologia e forma cultural. Nesse sentido, trata o jornalismo como uma instituição social, que torna possível agrupar os sentidos do econômico, do social e de uma cultura particular, cumprindo funções fundamentais na sociedade (GOMES, 2006).

Para Williams (1974), a televisão é composta por textos que, de modo típico, se organizam no macro nível por associação. Para o autor, a televisão é um fluxo, que integra a prática textual com as experiências dos espectadores, assim como reconhece as bases institucionais da transmissão. Ele reforça a necessidade de considerar o caráter estrutural da televisão, que é composto por uma série de unidades (programas), que constituem uma programação, caracterizada pela forma sequencial e interrompida.

A percepção de Williams (1974) permitiu definir o fluxo como uma reunião planejada e contínua de unidades de programa que estão sempre acessíveis, definida pela sucessão de partes diferentes. Ou seja, o autor acreditava que a percepção dos telespectadores não ocorria por unidades distintas e separadas, ou seja, por programas. Williams (1974) tratou de dividir o fluxo em três tipos: o primeiro diz respeito aos programas exibidos geralmente no mesmo turno ou horário, como os telejornais do meio-dia, ou os programas de variedades vespertinos. Nesse tipo de fluxo, vários canais tendem a seguir o mesmo formato de conteúdo, que mesmo com troca de emissoras, pouca diferença se perceberia no estilo das grades de programação.

O segundo tipo de fluxo apresentado pelo autor é da sucessão de itens. Nele, tanto os programas como seus intervalos representam parte de uma exibição ininterrupta de conteúdos, dentro de uma grade, e que muitas vezes fazem referências entre si. O terceiro é o fluxo detalhado, que compreende a sucessão de imagens e palavras, muitas delas que combinam e se fundem entre si e com a sequência da grade, ou seja, o próprio fluxo (WILLIAMS, 1974). Assim, o autor constituiu uma base considerada pertinente para toda a pesquisa voltada à televisão, em que o contexto dos fluxos deveria ser levado em conta.

A contribuição da teoria do fluxo está na valorização do processo de transmissão de conteúdo pela televisão, retirando o foco da análise apenas daquilo que ela transmite, mas agregando também as características e condições impostas pelo fluxo, tanto na produção como na recepção.

Consideramos essa perspectiva adequada para esta pesquisa ao compreender que nosso objeto é composto justamente por dois telejornais, do gênero jornalístico televisivo, de canais de sinal aberto e exibidos no mesmo horário diariamente. A semelhança de tipos de conteúdos, tanto da RBSTV como da RicTV, e suas respectivas emissoras, Rede Globo e Record, permite a realização de uma análise comparada dos programas, com chances de evidenciar ainda mais diferentes padrões entre eles. Em certa medida, nosso estudo se integra ao conceito de fluxo de Williams (1974) quando selecionamos emissoras que compartilham alguns conteúdos como telejornais, novelas, filmes e programas de auditórios em horários, dias da semana e formatos semelhantes, em sinal aberto, de uma mesma nacionalidade (território).

Outra afirmação de Williams (1974) para a produção de uma análise cultural efetiva seria incluir a recepção para compreender não só como o programa e seu produto são produzidos, mas também como as pessoas reagem a eles, dentro de uma programação. Embora seja pertinente a afirmação, neste trabalho não será possível desenvolver essa esfera pela limitação de tempo para o desenvolvimento de uma dissertação.

O telejornalismo é um dos gêneros televisivos mais presentes e importantes na programação da maioria das emissoras de canal aberto. Fator de democratização da informação, ele é constituído como gênero configurado historicamente em ideologias, valores e regras determinadas. O telejornal de hoje é resultado de negociações e tensões do passado e pode fornecer importantes pistas sobre o amanhã.

1.2 OS ESTUDOS CULTURAIS

Dedicados inicialmente à análise crítica da teoria marxista, os Estudos Culturais surgiram como uma aplicação interdisciplinar de estudos destinados ao entendimento da cultura e da identidade. Richard Hoggart, em 1964, fundou o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, Inglaterra. O espaço era destinado à análise de fenômenos culturais na sociedade e em instituições, bem como a busca por um entendimento das transformações culturais contemporâneas.

O Centro foi influenciado por autores e obras da década de 1950, como o próprio Richard Hoggart, com *The Uses of Literacy*, de 1957, Raymond Williams, com *Culture and Society*, de 1958 e E. P. Thompson, com *The Making of the English Working-class*, de 1963 (ESCOSTEGUY, 1998). Dentre eles, Raymond Williams se torna fundamental para esta pesquisa por meio do conceito de “materialidade cultural”, que trataremos mais adiante neste trabalho.

Cada um desses autores direciona seus estudos para áreas específicas. No caso de Hoggart (1957), a cultura popular e a dos meios de comunicação, à época desprezadas enquanto materiais culturais, se tornam foco de análise. Esse autor promoveu uma atenção pioneira à causa popular, que até então era vista como submissa e passiva, e não ativa, produtora de resistência, como logo se provou. Com base na tradição marxista, Thompson (1963) desenvolveu estudos sobre a história social britânica. Embora compartilhasse com Williams a ideia de cultura como rede vivida de práticas e relações que constituem um cotidiano, Thompson demonstrou resistência a esse entendimento global, preferindo a compreensão de enfrentamento de modos de vida diferentes (ESCOSTEGUY, 1998).

Raymond Williams, em 1958, desenvolveu estudos sobre a história da literatura onde alicerçou os fundamentos dos Estudos Culturais, colocando cultura como categoria-chave capaz de conectar a análise literária com a investigação social. Em *Culture and Society*, Williams (1958) trata da formação deliberada de uma tradição, ao mesmo tempo em que luta contra uma tradição britânica que precisava ser estudada, atualizada e derrotada. O passo

seguinte de Williams, com o lançamento de *The Long Revolution* (1961), apresenta com intensidade para a época o impacto cultural dos meios massivos, mas com certo pessimismo em relação aos meios de comunicação e a cultura.

Pertencente à segunda geração dos Estudos Culturais britânicos, mas tido de igual relevância para sua constituição, Stuart Hall assumiu o posto de diretor do Centro em 1968, ocupado até então por Hoggart. Sua atuação na análise de práticas de resistência de subculturas e dos meios de comunicação de massa, ademais atuar na aproximação em momentos de tensão teórica e de incentivar debates políticos por meio de inúmeros, projetos colocou-o em evidência. Ainda, para este trabalho, Hall (1997; 2000) também adquire relevância ao desenvolver os conceitos de representação e identidade, além de colocar esta última em perspectivas contemporâneas, buscando a compreensão do que chamou de a “crise das identidades”.

Essas obras foram construídas como resultado de questões e tensões presentes na Inglaterra que ainda sentia os efeitos do fim da Segunda Guerra Mundial. Os quatro autores desenvolvem o conceito de cultura baseada na relação com a história e a sociedade. Assim, parte-se de uma concepção de que as práticas culturais são ao mesmo tempo formas materiais e simbólicas, pois a criação cultural de matéria e símbolos se situa no espaço social e econômico, constituídos sempre de forma condicionada (ESCOSTEGUY, 1998).

Nessa perspectiva de cultura, o reducionismo marxista em relação à cultura e seu economicismo centralizador foram alvos de produção crítica dos Estudos Culturais, que buscaram nos conceitos de base e superestrutura fundamentos para contestá-los. Na perspectiva culturalista, as relações econômicas não refletem a cultura e nem ela depende dessas relações. O aspecto autônomo da cultura influencia e é influenciado por relações políticas e econômicas, que estão em constante conflito entre si, e é essa complexa ordem que compõe a sociedade.

Os Estudos Culturais provaram que a cultura não se restringia apenas a artefatos, mas também a práticas, valores e sentidos. Assim, foi possível contestar as divisões que existiam entre alta/baixa cultura, ou cultura superior/inferior, promovendo as classes populares e grupos não hierárquicos para uma perspectiva nova e atuante. Assim, é possível ver os Estudos Culturais britânicos sob duas perspectivas: uma política, que buscou estabelecer uma nova concepção social de resistência em um dado momento histórico; e outra teórica, interessada em desenvolver um novo campo de análise da sociedade. Ao cabo, os Estudos Culturais não são tratados como disciplina, mas como uma área bastante abrangente e interdisciplinar, envoltos em uma multiplicidade de objetos.

Para nosso trabalho, cabe aprofundarmo-nos no materialismo cultural, de Williams (1979), que consolida a obra seguindo criticamente o pensamento de Lukács, Brecht, Althusser, Escola de Frankfurt, Círculo de Bakhtin e Gramsci. A posição do materialismo cultural busca responder questões que outrora, até o final do século XIX, ainda consideravam a cultura como um fetiche, um divisor de classes sociais e níveis intelectuais. Com a transformação do sentido da palavra para algo mais abrangente e importante em todos os aspectos da vida e da sociedade, ‘cultura’ passou a ser tratada como algo relevante para o trabalho social e a compreensão da sociedade e suas transformações.

Ainda nos anos 1940, Williams percebe que estudar cultura significava entender o funcionamento da sociedade, por meio de uma crítica empenhada, e transformá-la. O processo de convencimento de que a cultura pertencia a algo maior contou com dois grandes argumentos.

Uma das questões é, então, o fato de que a cultura – como estruturada, no exemplo lembrado por Williams, na educação ou nas artes – reproduz a desigualdade social que nega ao se colocar como ‘herança da humanidade’ ou ‘repositório dos valores espirituais’, ‘linguagem da alma’. Aí um gancho estratégico de se desmontar essa noção. Um segundo, e substancial, ganho está no aumento do poder de descrição da totalidade social através da análise da cultura, potencializada pela nova reorganização social na assim chamada era da comunicação ou dos mídia. (CEVASCO, 2001, p. 121, grifo do autor).

São mudanças de concepção do sentido de cultura que tratam de abandonar abordagens reducionistas e deterministas e que tratam de evidenciar seu aspecto totalizante na sociedade. Sem dúvida, um marco para o desenvolvimento de uma nova noção de cultura foi o surgimento da *News Left* britânica. Nos anos 1970, a cultura ganhou tal espaço nas discussões que estimulou radicais a se oporem ao marxismo estruturalista, influenciando decisivamente em uma nova crítica do marxismo ocidental, “em sua crítica ao capitalismo e à cultura que o potencia, confirmando a vocação do marxismo de filosofia do presente histórico e estabelecendo uma *intelligentsia* radical no seio de uma das mais conservadoras sociedades da Europa.” (CEVASCO, 2001, p. 121, grifo do autor).

Formada por “comunistas dissidentes”, “socialistas independentes” e marxistas “teóricos”, a *News Left* representava a necessidade de uma nova direção política, muito embora não tenha obtido êxito como movimento socialista. Sua primeira empreitada foi buscar compreender como a vida dos britânicos era afetada em sua experiência pelo capitalismo e pela mídia, ascendente na época. A partir da década de 1950, vários periódicos surgiram para discutir temas e impulsionar o anticapitalismo, propondo ideias e releituras para renovação de um marxismo nacional britânico.

Embora fosse contemporâneo e acompanhasse essa primeira onda da *News Left*, Williams também se preocupava com as questões da segunda geração dos Estudos Culturais. Temas como cultura popular, análise e efeito da nova sociedade das mídias e das maneiras de se combater as formas de dominação cultural (CEVASCO, 2001) ganhavam as contribuições críticas do autor, que atuava como uma ponte entre as duas gerações. Nesse sentido, Williams chegou a ser taxado de idealista, muito embora suas obras não indicassem uma visão ilusória da autonomia da cultura, central para uma revolução. O trabalho de Williams se concentrou em ampliar o materialismo para aprofundar a crítica do marxismo.

Foi na obra *Marxism and Literature*, de 1979, que Williams apresentou a difícil tarefa de conceituar a cultura, revendo posições largamente difundidas e valorizadas. O desafio de tratar tal tema se revela como altamente necessário, principalmente para aqueles que pretendem produzir uma análise cultural, como nesta dissertação.

Este [o conceito de cultura], através de variações e complicações, encarna não apenas os assuntos, mas também as contradições através das quais tem se desenvolvido. O conceito funde e confunde, ao mesmo tempo, as experiências e tendências radicalmente diferentes de sua formação. É então impossível levar a cabo qualquer análise cultural séria sem atingir a consciência do conceito ele mesmo: uma consciência que deve ser, como veremos, histórica. (WILLIAMS, 1979, p. 11).

O “materialismo” proposto por Williams (1979) está ligado diretamente ao materialismo histórico, em uma perspectiva totalizante, e das relações entre as diversas esferas da sociedade. A visão de “cultura” passa a ser percebida como todo um modo de vida, e não mais atribuída apenas à “arte” ou à “alta e baixa cultura”. Cultura passa a ser vista como uma das esferas da sociedade, capaz de gerar sentidos, como um recorte. Assim, assume papel importante na estrutura e organização da sociedade. Os meios de produção, circulação e troca cultural se expandiram por meio da tecnologia e da revolução da informação.

Na concepção dos Estudos Culturais, cultura tem a ver com produção e intercâmbio de significados em uma sociedade. Hall (1997) afirma que a cultura está na interpretação de mundo, mais ou menos parecida, assim como os pensamentos e sentidos entre duas pessoas. “[...] a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e ‘entendem’ o mundo de forma geral semelhante” (HALL, 1997, p. 2, grifo do autor) – por mais que essa leitura possa sugerir que a cultura soe excessivamente unitária ou cognitiva. Na verdade, toda a cultura possui uma grande diversidade de significados que podem ser interpretados de várias formas pelos sujeitos e sociedades. Assim, é relevante também perceber a importância dos significados (significação) presentes no conceito de cultura, pois ele é capaz de organizar e regular as práticas sociais,

influenciando condutas que ocasionam efeitos reais e práticos. A cultura envolve processos que não estão programados geneticamente nos sujeitos, mas que transmitem valores, que precisam ser interpretados e significados pelos outros, ou que dependem do significado para seu efetivo funcionamento.

Para Williams (1992), a noção de cultura se coloca como uma espécie de resposta aos acontecimentos que vivemos e como um esforço por compreender, interpretar e apreciar as mudanças provocadas na sociedade. Tentar compreender um produto cultural exige que se perceba todos os seus aspectos, identificando como se relaciona com as forças sociais, instituições e também tradições a ele vinculadas.

A cultura está ligada diretamente com elementos significados pelos sujeitos. É necessário que esses elementos complexos sejam analisados em sua totalidade social, tanto as trocas gerais como os laços locais (WILLIAMS, 1992). Nesse emaranhado de pontos que se entrelaçam é necessário identificar a existência de uma estrutura que ordene o processo cultural.

Estamos então definindo estes elementos como uma ‘estrutura’: como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão. Não obstante, estamos também definindo uma experiência social que está ainda em processo, com frequência ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isolada, mas que na análise (e raramente de outro modo) tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes e na verdade suas hierarquias específicas (WILLIAMS, 1979, p. 134, grifo do autor).

Com base em estudos focados na compreensão de processos de mudança social a partir da arte e da literatura, Raymond Williams (1979) desenvolveu o conceito de “estrutura de sentimento”¹², como hipótese cultural. São estruturas geradas externamente, do que é vivido na experiência histórica. Ela é fundamental para uma análise cultural interessada não só em formas estruturadas e consagradas, mas especialmente na emergência do novo, do que pode articular mudanças na cultura e na sociedade, no significante e no referente (CEVASCO, 2001). Conforme essa visão, o artista nunca expressa um ponto de vista isolado ou individual, mas sim uma representação do ponto de vista do grupo social ao qual pertence. Assim também encaramos os conteúdos de um telejornal, vistos como artefatos culturais, capazes de revelar em nossa análise os valores, sentidos e práticas de um determinado período e espaço. De forma abrangente, essa hipótese cultural atua refletindo sobre tempo e lugar específicos, onde pessoas vivem suas experiências, sendo “[...] a cultura de um período: o resultado vital e específico de todos os elementos da organização geral” (WILLIAMS, 2003, p. 57, tradução nossa)¹³. Dessa forma, o autor afirma que o senso de uma geração, por exemplo, é

¹² Conceito que desenvolveremos, em profundidade, no capítulo metodológico.

¹³ “[...] la cultura de un período: el resultado vital específico de todos los elementos de la organización general.”

correspondente aos processos de experiência social e das relações sociais em determinado período/contexto.

Uma geração pode formar a sua sucessora, com razoável êxito, no caráter social ou no padrão cultural geral, mas a nova geração terá sua própria estrutura de sentimento, que, aparentemente, não ‘procede’ de nenhuma parte [...] a nova geração responde a seu modo ao mundo único que herda, leva a cabo muitas continuidades que podem ser rastreadas e reproduz numerosos aspectos da organização que é possível descrever, mas de certo modo sente toda sua vida de forma diferente e molda a sua resposta criativa a uma nova estrutura de sentimento. (WILLIAMS, 2003, p. 57-58, grifo do autor).

O autor rejeita a visão que separa cultura e vida social material, presente de forma intensa na teoria marxista de base e superestrutura. Para isso, foi necessário ajustar o conceito de “determinação”, chave para o marxismo. Williams (1979) propôs transformar o conceito determinista de algo prefigurado, controlado, para algo como a fixação de limites e de existência de pressões. Isso permite à teoria cultural reconhecer e abranger a complexidade das relações de limites e pressões, evitando visões reduzidas de cultura como resultado de um simples reflexo da existência.

Essa nova visão trata a cultura como um processo ativo na construção de sentidos, aproximando o autor das formulações sobre hegemonia desenvolvidas por Antonio Gramsci. Hegemonia se tornaria outro conceito fundamental para Williams (1979) para estabelecer as relações existentes entre cultura e poder. A hegemonia exerce pressões e impõe limites em todas as atividades humanas, seleciona, organiza e interpreta a experiência e a produção de significados e valores. A noção de cultura como um modo de vida é infletida pela noção de cultura como um modo de dominação e a hegemonia enfatiza os fatos da dominação. Assim, podemos dizer que a hegemonia, como um complexo de atividades culturais e ideias, “[...] organiza o consenso e consente o exercício da direção moderada. Hegemonia é o conjunto de práticas e expectativas, é um sistema vivido – constitutivo e constituinte – de significados e valores [...]” (GOMES, 2010, p. 37). Com base nas definições de hegemonia de Gramsci, Williams (1979, p. 113) se apropriou do termo e o descreveu como sendo:

[...] não apenas o nível articulado superior de ‘ideologia’, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como ‘manipulação’ ou ‘doutrinação’. É todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivos e constituidores – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente.

Um aspecto importante em qualquer modo de produção, estabelecido em uma ordem ou sociedade dominante, é a sua incapacidade de abranger toda a prática social humana.

Williams (1979) defende que nenhuma modalidade de dominação é capaz de contemplar na totalidade as energias e intenções humanas, já que operam seletivamente, deixando sempre algo de fora. Essa característica ativa da cultura de selecionar o que fará parte ou não de uma hegemonia dominante é capaz de revelar, em uma análise cultural, as relações entre os diversos elementos que compõem uma sociedade em um dado espaço e tempo. Esse entendimento permite perceber a cultura não mais sob a ótica marxista, como expressão de uma superestrutura constituída por uma estrutura social e econômica. Cultura é o resultado dos constantes processos básicos que compõem a ação social.

Esta pesquisa pretende perceber essas movimentações dos sentidos na representação da identidade do Oeste catarinense, contando com a possibilidade de coletar pistas que indiquem o surgimento de novos sentidos. Por estar a cultura em constante transformação, reconfigurando e (re)significando aspectos de um modo de vida, se torna relevante perceber como os telejornais do meio-dia em Chapecó participam desse movimento por meio de suas representações. Entendemos o telejornal como uma instituição social pela qual a cultura se manifesta através de práticas, sentidos e significados que atuam na constituição de uma identidade regional e por ela também acaba sendo constituída.

1.3 CULTURAS IDENTITÁRIAS

Como fruto das interações e transformações culturais, outro conceito necessário para esta dissertação é o de identidade. A globalização, como fenômeno, promove alterações na sociedade e nos sujeitos. Passível de vários desdobramentos relacionados à identidade, os sujeitos podem engajar-se nas transformações, se tornando cidadãos globalizados, ou negá-las, colocando-se à margem da sociedade. Da negação pode surgir a resistência, que busca uma nova forma de instituir seus ideais, ou então surgem movimentos híbridos que negociam absorvendo determinadas influências e deixando para trás outras (CANCLINI, 1995). Para compreender as mudanças, precisamos nos aprofundar no conceito de identidade, em especial o desenvolvido no CCCS por Stuart Hall. O autor afirma que a identidade é:

[...] algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não como algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. (HALL, 2003, p. 38, grifo do autor).

Essa definição demonstra o quão complexa e necessária é a compreensão do conceito, tanto para entendimento dos sujeitos como dos processos sociais desencadeados por ela. Como algo inacabado, em constante mutação, influenciada de fora para dentro e de dentro

para fora, a identidade vive em tensão e provocando tensões. Perceber sua constituição ou estrutura pode ser uma tarefa complexa, mas necessária em contextos contemporâneos. De acordo com Hall (2000), a discussão dos fatores que constituem as identidades culturais vem se tornando prática recente na atualidade e está, também, ligada aos meios de comunicação. Isso porque indivíduos necessitam de elementos que os situem num contexto social, conferindo sentido às suas existências e aos papéis que esses desempenham enquanto sujeitos.

Todo indivíduo busca se centrar em um contexto local para depois encontrar os referenciais que interferem de forma mais contundente na sua individualidade. “Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável.” (CANCLINI, 2008, p. 190). Inevitável não relacionar esse conceito à relação existente entre os sujeitos e a cidades (regiões) em que nasceram ou escolheram para viver. Os produtos culturais, como reportagens de telejornal, por exemplo, são fundamentais nesse processo, pois funcionam como expressões ou manifestações da identidade local e, ao mesmo tempo, tendem a gerar outras marcas, que devido aos seus sentidos simbólicos, irão arraigar a identidade ou até mesmo modificá-las de acordo com a relação que irá se estabelecer entre os sujeitos e esses produtos. Porém, os produtos culturais não são os únicos responsáveis pela formação da identidade, mas a constituem em parte.

Em busca de compreender a questão da identidade, diferentes pesquisadores desenvolveram contribuições para esse conceito. Hall (2003), em especial, divide em três momentos a evolução das concepções de identidade, todas relacionadas ao sujeito. Na concepção iluminista, o sujeito era pensado de maneira unificada, como ‘uno’, considerando a essência particular de cada um, dotado da capacidade da razão; já na concepção sociológica, o homem interage com o mundo que o cerca, ora sendo modificado, ora modificando o que está a sua volta; e a terceira maneira de entender a formação de identidades pensa o sujeito pós-moderno como alguém que vai assumir identidades diferentes, em distintos momentos. Assim, não se terá uma identidade fixa ou essencial, mas que passará constantemente por mudanças. É nesse terceiro ponto que Hall (2003) fundamenta o que chama de crise das identidades contemporâneas.

Em uma região culturalmente plural como o Oeste catarinense, é possível que os sujeitos recebam a influência de diversos elementos distintos para a composição de suas identidades, conferindo a cada um uma estrutura única e complexa, mas também ativa e em constante revisão. Hall (2003) apresenta o conceito de diáspora para explicar o fenômeno que ocorre quando um povo deixa seu território de origem para se estabelecer em outro local, carregando

consigo sua tradição cultural constituída desde o nascimento. Essa cultura recebe manutenções constantes para se preservar, seja por meio da linguagem, da religião, do ambiente de ensino e/ou profissional e também pelas práticas sociais. Mas um fenômeno inevitável a essa condição diaspórica, influenciado pelo espaço, está relacionado ao povo e a seu novo território. Hall (2003) afirma que novos costumes acabam sendo internalizados pela presença e pelo convívio no novo espaço, promovendo transformações identitárias tanto dos sujeitos como do coletivo social, alterando a cultura de um povo. A relevância desse fenômeno é evidenciada pelo autor devido ao impacto “não apenas em seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo.” (HALL, 2003, p. 27).

No processo de hibridização¹⁴ cultural, cada sujeito reage de forma única, mas sempre carregando algo em comum com seu povo. Elementos culturais originários do território ancestral são preservados, deixados para trás ou reconfigurados, assim como novos são assimilados. No contexto da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Mesmo transformadas, existe uma tendência forte dos sujeitos se manterem conectados à cultura de sua terra natal pela ‘tradição’. Para Hall (2003), é por meio da tradição que os sujeitos se veem compelidos a regressar para sua terra natal para concretizar o pacto de fidelidade às suas origens, preservando assim a sua própria autenticidade.

É inevitável não reconhecer a influência da globalização nesse fenômeno da diáspora contemporânea, que promoveu não apenas o deslocamento (migração e imigração) de povos, mas a ligação entre eles como resultado da evolução tecnológica e dos meios de comunicação. Mesmo sem jamais ter deixado a cidade natal, o sujeito é capaz de conhecer, explorar e até certo modo conviver com culturas diferentes, estando exposto às mais diversas identidades coletivas, colocando em cheque o pensamento ‘iluminista’, que segundo Hall (2003) busca uma definição identitária estabelecida e estável.

A convivência entre culturas diferentes em um mesmo território nem sempre é pacífica e, muitas vezes, gera zonas de tensão permanentes. Na atualidade, existem dois processos opostos, descritos por Hall (2003), decorrentes da globalização. Um é representado pelas forças dominantes que desejam afastar novas culturas, e outro são os processos que sutilmente estão descentrando os modelos ocidentais, globalizando a cultura por meio da diferença cultural.

¹⁴ “O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os ‘tradicionais’ e ‘modernos’ como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade.” (HALL, 2003, p. 74). O autor define ‘tradução cultural’ como um processo de negociação entre matrizes culturais antigas e novas, característicos de imigrantes que deixaram seu território de origem. É um constante diálogo entre os sujeitos, estes que convivem com uma nova cultura territorial que não os assimila, assim como sustentam tradições de seu território de origem.

Woodward (2000) explica que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas de símbolos que representam, sendo fabricadas pelas marcações das diferenças. Para compreender esses fenômenos da linguagem e dos sistemas simbólicos é necessário incluir na metodologia, no âmbito da comunicação, técnicas adequadas a essa proposta. Muitos desses elementos passam pelos meios de comunicação de massa, que promovem representações, criando tanto ‘realidade’ como senso comum. Nesse ponto é que a identidade, tanto dos sujeitos como de uma região, se torna fundamental para nossa análise, pois é na sua representação que se manifesta a complexidade das relações culturais de um dado tempo e espaço. Em meio à globalização, envolvimento pela ação do capitalismo, e de desdobramentos históricos e atuais, os sujeitos tendem a manifestar traços representativos das transformações culturais de regiões como a selecionada para nossa análise, o Oeste catarinense.

Compreendidos os conceitos de cultura e identidade, neste trabalho a expressão ‘cultura identitária’ é entendida como algo que representa a complexidade e abrangência de ambos, permitindo relacioná-los, respeitando suas distinções. Entendendo que a cultura é um importante fator constituidor da identidade dos sujeitos, assim como a identidade torna-se parte (em certo ponto) da cultura na qual está inserida, justifica-se a aplicação do termo ‘cultura identitária’ para designar todo e qualquer elemento cultural que possa compor parte ou fragmento de uma tradição seletiva e/ou do processo de mediação. Logo, é possível afirmar que esses fragmentos culturais são potenciais influenciadores de uma identidade e, nesta perspectiva, podem ser negados, aceitos ou ocultados pelos sujeitos.

Partimos do pressuposto que a cultura identitária (ou elementos dela) está presente nos textos telejornalísticos das emissoras locais, expressa na linguagem, nos enquadramentos, na seleção ou exclusão de entrevistados, no cenário, nos figurinos, nos discursos e até mesmo no modo como determinados conteúdos recebem ou não relevância. Essa cultura modeladora das identidades (ou apenas cultura identitária) é fruto de um complexo processo de mediação, assim como resultado da seleção de determinados sentidos históricos de uma tradição. Nosso próximo subcapítulo abordará alguns desses conceitos.

1.4 MEDIAÇÃO E TRADIÇÃO

Embora pareça o resultado de uma complexa organização de sentidos dominantes, o que se estabelece culturalmente por hegemônico na sociedade é, na realidade, uma estrutura quase ordenada, que interliga valores, práticas e significados – que desagrupados soariam díspares (WILLIAMS, 1979). Esse processo é também consequência de resoluções políticas e

realidades econômicas específicas que contribuem de forma relevante para o processo cultural. Williams (1979) compreende ser necessário para a análise cultural três aspectos: tradições, instituições¹⁵ e formações¹⁶.

O primeiro é o mais relevante para nossa pesquisa, pois é a “expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos.” (WILLIAMS, 1979, p. 118). O termo era sustentado na teoria marxista por uma concepção, comumente percebida como superestrutura, limitando-se a uma noção de historicização relativamente inerte. Williams (1979) resgata o termo “tradição” para um novo sentido de meio prático de incorporação, uma força modeladora da cultura.

O aspecto mais revolucionário da forma como o materialismo cultural percebe a tradição está na característica “seletiva” que compõe sua organicidade. Williams (1979, p. 118) define a tradição como “uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativo no processo de definição e identificação social e cultural.” Esse conceito se torna central para nossa pesquisa, que pretende analisar a cultura manifestada nos textos telejornalísticos por meio dos valores, práticas e significados presentes como tradições seletivas do contexto histórico e contemporâneo da região Oeste catarinense.

Para uma aferição mais apurada da tradição seletiva neste trabalho, é necessário compreender sua atuação no presente. É possível identificar em uma cultura particular sentidos do passado que foram escolhidos para se manifestar no presente, recebendo certa ênfase e deixando de lado ou para traz outros sentidos.

O que temos, então, a dizer sobre qualquer tradição é que nesse sentido ela é um aspecto da organização social e cultural *contemporânea*, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de *continuidade predisposta*. (WILLIAMS, 1979, p. 119, grifo do autor).

É evidente na tradição seletiva uma predisposição em se manter presente, exercendo papel atuante na manutenção ou transformação dos valores, sentidos e práticas em uma organização social. Atuando dentro de uma determinada hegemonia, regida pelo interesse de domínio, a tradição seletiva promove transformação dos sentidos culturais e, conseqüentemente, dos modos de vida. Essa atuação se torna um dos fatores determinantes e

¹⁵ “As relações entre instituições culturais, políticas e econômicas são muito complexas e a sua substância é uma indicação direta do caráter da cultura no sentido mais amplo [...] As instituições formais, evidentemente, têm uma influência profunda sobre o processo social ativo.” (WILLIAMS, 1979, p. 120).

¹⁶ “[...] esses movimentos e tendências efetivos, na vida intelectual e artística, que têm influência significativa e por vezes decisiva no desenvolvimento ativo de uma cultura, e que têm uma relação variável, e com frequência oblíqua, com as instituições formais.” (WILLIAMS, 1979, p. 120).

constituidores da representação identitária presente e manifestada no jornalismo televisivo de Chapecó, que carrega consigo sentidos históricos de um passado ainda atuante. E são justamente esses elementos do passado e do presente, selecionados na produção e atuantes no conteúdo do telejornal, que nos auxiliarão a compreender quais características culturais persistem nas representações jornalísticas das identidades e que sentidos lhes são conferidos. Buscamos pistas que nos permitam uma percepção abrangente dos significados atrelados à região Oeste catarinense, palco de tensões culturais e identitárias.

Os sentidos hegemônicos são naturalmente os mais ativos em um nível mais profundo de análise da tradição. Expressos diretamente por práticas, como língua, família, instituições e lugares, os sentidos relacionados à tradição estão sempre sujeitos à negociação com áreas inteiras de significação, ora excluindo-as, ora apoiando-as, ora convertendo-as em algo que permita sua coexistência com os demais elementos hegemônicos presentes em sua estrutura. A definição de elementos contra-hegemônicos acaba se manifestando de forma mais concentrada no histórico, por meio da reinterpretação, negação ou correção do passado. Porém, Williams (1979) defende que essas reformulações apenas adquirem êxito dentro de linhas claras no presente, seguindo os pontos de conexão vitais. Uma tradição seletiva é poderosa e vulnerável ao mesmo tempo.

Poderosa porque é perfeitamente capaz de fazer conexões seletivas ativas, rejeitando como 'desatualizadas' ou 'nostálgicas' as que não lhe interessam, atacando as que não pode incorporar como 'improcedentes' ou 'estranhas'. Vulnerável porque o registro real é efetivamente recuperável, e muitas das continuidades práticas, alternativas ou opostas, ainda são possíveis. Vulnerável também, porque a versão seletiva de uma 'tradição viva' está sempre ligada, embora com frequência de formas complexas e ocultas, a pressões e limites contemporâneos explícitos. (WILLIAMS, 1979, p. 120).

Essa condição demonstra como a tradição seletiva está continuamente sob pressão, que atua como estímulo e desestímulo ao que é selecionado, promovendo autoavaliação. É justamente desses testes que derivam as transformações culturais, de sentidos e hábitos, que (re)configuram uma sociedade e a forma como ela é representada, causando aproximações e exclusões identitárias, conferindo a determinadas regiões certas tradições, quase inexplicáveis sem o devido aprofundamento e pesquisa.

Williams (1979) ainda aponta como constituidor da tradição seletiva a dependência de instituições identificáveis, ainda que não inteiramente, e também de formações. A prática da "socialização", por exemplo, atua como constituidora da base real do hegemônico, que de forma ocultada, associa ao processo de aprendizado valores, significados e práticas determinadas. Assim, família, escola, religiões, empresas empregadoras, dentre outras, atuam

sob o sujeito e a sociedade, implicitamente ou explicitamente, por meio de determinadas seleções dentre todas as possibilidades. Em meio a todos os exemplos de instituições, Williams (1979, p. 121) salienta a presença dos grandes sistemas de comunicação, “que materializam notícias e opiniões, e uma ampla variedade de percepções a atitudes selecionadas.” Assim como o autor, damos ênfase neste trabalho ao papel da mídia, que através de seus conteúdos (em específico o telejornalístico) seleciona determinados valores e configura determinados padrões.

Outro conceito importante para compreender o processo cultural e como ele se articula com o produto cultural é o que Williams (1979) entende por “mediação”. Mas para explicar sua definição e modos de atuação, é necessário compreender primeiro o sentido de “reflexo”, que possui trajetória na análise da arte e do pensamento. A compreensão de que a arte reflete o mundo real compõe a fórmula da infraestrutura/superestrutura marxista, passando por longa e extensa discussão de seu sentido reutivo. Williams (1979) trata o reflexo não como o espelho ante a natureza, mas da realidade por trás dela. O sentido de natureza interior ou suas formas constitutivas alinha-se com a ideia de visão (reflexo) da mente do artista em relação ao mundo.

Compreender o mundo real é entendê-lo enquanto material, o que permite vê-lo em suas formas constitutivas, mas nada além dessa natureza, compondo uma realidade material. Williams (1979) mostra como esse entendimento possibilita novas interpretações, como o de reflexo “falso” ou “deformado”, assim como o artista pode ter sua mente materialmente condicionada, ou seja, não independente. O materialismo abriu caminho para que duas versões se tornassem dominantes nessa linha de pensamento: a primeira interpretava a consciência como “reflexos, ecos, fantasmas e sublimações”; para contrapor essa versão reductiva, a consciência também foi interpretada como “verdade científica”, que ganhou mais espaço.

Dentro dessa visão baseada no conhecimento real do mundo material, a arte foi definida por uma teoria positivista, que teve na metáfora do ‘reflexo’ grande importância, alinhando seu sentido com o de ‘realismo’, ou, com menos frequência, de ‘naturalismo’. Assim, a arte era o reflexo da realidade, sendo o contrário determinado como falso ou deformidade. Nessa concepção, o mundo real poderia ser percebido, supostamente, como realmente é. Esse sentido foi alinhado com os conceitos de infraestrutura (produção e reprodução da vida real) e superestrutura (a arte), porém, encontrou no primeiro uma barreira devido a sua condição de processo.

Surgem então definições, classificadas por Williams (1979) como rivais do ‘naturalismo’, que havia iniciado como alternativa ao supranaturalismo, e do ‘realismo’, como

arte deliberadamente falsificadora. Ambos restringiam sua possibilidade de análise materialista no modo objeto-reflexo apenas para casos muito simples.

Outra distinção essencial feita por Williams (1979) foi entre o materialismo histórico, que via a atividade humana como integrante do processo de vida material, e o materialismo mecânico, que excluía a atividade da visão de mundo – base mais usada para a maioria das teorias simples do ‘reflexo’. Assim, o realismo ficou marcado pela dinamicidade, e o naturalismo pela inércia, como anteriormente o era no idealismo.

No movimento objetivista, a arte reflete a realidade básica do mundo, aquilo que já é conhecido ou definido por leis (cientificamente descobertas ou atestadas). O que não se enquadra é tratado como deformidade, falsidade ou superficialidade (não arte, não arte progressista, não arte reacionária e etc.). Essa teoria da arte como reflexo, alinhada aos processos históricos e sociais verificáveis, tornou-se um programa cultural e uma escola crítica amplamente desenvolvidos. Tido muitas vezes como uma consequência nociva do materialismo, Williams (1979) acredita que seu defeito tenha sido ser pouco materialista. O autor afirma que:

[...] a consequência mais prejudicial de qualquer teoria da arte como reflexo é que, através de sua persuasiva metáfora física (na qual um reflexo simplesmente ocorre, dentro das propriedades físicas da luz, quando um objeto ou movimento é colocado em relação com uma superfície refletidora – o espelho e então a mente), consegue suprimir o trabalho real no material – num sentido final, o processo social material – que é a feitura de qualquer obra de arte. (WILLIAMS, 1979, p. 100).

O caráter material e social da atividade artística é deixado de lado no processo material do reflexo, visto que toda obra é material e imaginativa. Assim, Williams (1979) traz o conceito de “mediação” como desafiante à ideia de reflexo. Caracterizada como um processo ativo, a mediação carrega o sentido do idealismo de reconciliação entre opostos ou interação entre forças separadas. A mediação seria então “o processo de relação entre ‘sociedade’ e ‘arte’, ou entre ‘a infraestrutura’ e ‘a superestrutura’” (WILLIAMS, 1979, p. 101), o que permite compreender que não há possibilidade de encontrar (sempre) a realidade refletida na arte, já que o conteúdo original passa por modificações no processo de mediação. Esse conceito se torna parte deste projeto justamente por representar o processo de modificação do conteúdo noticioso, que passa a agregar ou excluir, modificar ou repetir valores, práticas e significados que constituam uma representação identitária do Oeste catarinense pelos telejornais locais.

Compreender o processo de mediação implica em compreendê-lo como expressão indireta, em que a modificação promovida pelo processo pode ser remontada – ao serem

identificadas as ‘projeções’ ou ‘disfarces’, constituindo e revelando novamente as formas originais. Essa visão negativa de mediação, característica da obra marxista, foi especialmente aplicada aos estudos dos ‘meios’, responsáveis, neste conceito de ‘ideologia’, por deformar a ‘realidade’, tornando-se necessário ‘desnudar’, ‘revelar’ ou ‘desmascarar’ o conteúdo.

Em uma perspectiva positivista do conceito de mediação, que coexiste com o sentido negativo, Williams (1979) oferece a contribuição da Escola de Frankfurt, que não encara a mediação como algo necessariamente deformador de uma realidade. A escola alemã descreveu o conceito como “Todas as relações ativas entre diferentes tipos de ser e consciência são antes inevitavelmente mediadas, e esse processo não é uma agência separável – um meio – mas intrínseco às propriedades dos tipos correlatos.” (WILLIAMS, 1979, p. 101). A mediação se torna parte do objeto, e não um interlocutor ou um ponto de ligação entre duas pontas, mas sim um processo positivo na realidade social. Se o objeto se torna a mediação, está nele a possibilidade de se compreender esse processo. O objeto é capaz de, não na totalidade, mas ainda assim de forma relevante, apresentar os valores, significados e práticas que lhe compõem. Não como um processo de projeção, disfarce ou interpretação da realidade, mas como um processo constituidor de uma visão particular e intrínseca, gerada na sua formação como processo ativo.

O próprio Williams (1979) tratou de considerar o conceito de mediação e seus possíveis desdobramentos como incompleto, mas ainda assim melhor aceito do que o conceito de ‘reflexo’ – como processo passivo, para uma teoria cultural marxista. Um dos problemas estaria na indicação, na maior parte das vezes, de um dualismo básico.

A arte não reflete a realidade social, a superestrutura não reflete a base, *diretamente*: a cultura é uma mediação da sociedade. Mas é praticamente impossível manter a metáfora da ‘mediação’ (*Vermittlung*) sem um certo senso de áreas separadas e preexistentes, ou ordens de realidade, entre as quais o processo de mediação ocorre, quer de maneira independente, quer determinado pelas suas naturezas anteriores. (WILLIAMS, 1979, p. 101, grifo do autor).

Essa condição que prevê a mediação de categorias distintas, na filosofia idealista, é vista como uma visão sofisticada do reflexo. Se por um lado a ‘realidade’ é tida como algo diferente do ‘falar da realidade’, a existência de ‘reflexo’ e ‘mediação’ se torna inevitável (WILLIAMS, 1979). De todas as tentativas de ênfase marxista em colocar na prática análises da linguagem e significação, a visão mais moderna de mediação como processo ativo e substancial se torna sempre, segundo Williams (1979), a menos alienada.

O autor chega a considerar o problema do conceito de mediação insuperável, que indica uma visão sobreposta e dualista do mundo, ‘a realidade’ e o ‘falar da realidade’.

Aprofundando ainda mais o olhar em busca de testar o conceito, Williams (1979) afasta o sentido de “intermediação”, como sentido constitutivo e constituidor na melhor das hipóteses. Ao fim, o autor conclui que nem as teorias formalistas, estruturalistas e dualistas podem ser levadas à prática contemporânea, já que necessitam de uma história conhecida, de uma estrutura conhecida e de produtos conhecidos (WILLIAMS, 1979).

Jesús Martín-Barbero (1987) tratou de retomar o conceito de mediação de Williams (1979), conferindo-lhe um sentido mais concreto. Em uma de suas atribuições ao entendimento do processo de mediação, o autor descreve o conceito como prática social que vincula em seu processo diferentes racionalidades, lógicas ou temporalidades. Assim, a mediação também é entendida como um discurso específico que absorve diversas formas de apresentação, temporalidade e socialidades. Martín-Barbero (1987) visualiza na mediação uma categoria teórica, que trata de um modo de apropriação antinômica que torna possível, em uma determinada temporalidade, a comunicação entre diferentes durações.

Mediação ganhou o sentido de prática de produção, distribuição e consumo que permite o entendimento entre discursos heterogêneos. Martín-Barbero (1987) ainda atribui ao conceito o aspecto de local geográfico (ou instituição), que lhe conferia a capacidade de constituir sentidos pelas práticas e pelo modo de vida (convivência familiar, televisão, escola e etc.). Logo, é possível perceber na mediação um potencial instrumento de legitimação e articulação do hegemônico.

Os sentidos produzidos pelos meios, as novas tecnologias, por exemplo, também podem ser vistos como mediação, pois atuam no processo de transformação cultural. Na concepção de Martín-Barbero (1987), é na mediação que os meios de comunicação adquirem materialidade institucional. Esse aspecto torna o conceito fundamental no processo cultural e conseqüentemente na análise cultural-midiática. Em nosso trabalho, a mediação é encarada como processo ativo, presente no objeto, como substância das relações culturais que integram os conteúdos do telejornalismo de Chapecó com valores, práticas e significados. São esses elementos os que mais nos interessam, sendo eles forjados no processo de mediação, que tem como produto não o reflexo de uma realidade social, mas que carrega valiosas pistas das relações estabelecidas entre o objeto e a cultura social.

Partimos do pressuposto de que é na análise da produção dos conteúdos telejornalísticos e na compreensão dos textos e seus sentidos que poderemos verificar a cultura identitária contemporânea da região Oeste catarinense. Portanto, o conceito de mediação atua não apenas como base teórica, mas também analítica do *corpus*.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se propõe a desenvolver um percurso metodológico próprio, baseado na análise cultural-midiática, e, para tanto, a cultura presente nos processos midiáticos se torna objeto de estudo a partir dos conteúdos telejornalísticos. Este trabalho busca nos Estudos Culturais o método de abordagem do materialismo cultural de Williams (2011), desenvolvido como um paralelo ao método do materialismo dialético, proposto por Marx e Engels – que centraliza a economia como motor das ações sociais, culturais e morais. O caminho proposto por Williams (2011) tem como ponto central a cultura contribuindo para compreender diversos aspectos que constituem as identidades de um dado espaço e tempo. Buscamos base para inspirar nosso percurso metodológico no circuito da cultura de Paul du Gay et al. (1999), que articula e aprofunda os elementos constituidores dos sentidos na cultura, assim como na hipótese da Estrutura de Sentimento, formulada por Williams (2011), para compreender a experiência histórica e seus efeitos reais nos indivíduos e grupos, além de permitir a análise do simbolismo de um determinado período contido em artefatos culturais (no caso desta pesquisa, os telejornais). Em nosso trabalho também integramos como operador analítico a análise textual de Casetti e Chio (1999) para compreender os sentidos dos textos nos telejornais da RBSTV e da RicTV, ambos de Chapecó, objetos de nossa análise.

2.1 ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA

Coiro Moraes (2015, p. 103), ao interpretar o materialismo cultural de Williams (1979), indicou a cultura como central, “[...] pensada como força produtiva a partir do foco no que é efetivamente vivido pelos sujeitos, estes sim, a partir de suas ações, gerando as determinações no interior das condições e especificidades de classe.” As ações e experiências humanas se tornam foco da análise cultural, porém, ela não pode ser encarada como um objeto isolado. A complexidade de fatores que se envolvem nas definições de certas práticas incorporadas à cultura exige um olhar mais ampliado sobre o contexto, pois nele residem condições, muitas vezes determinantes, para se compreender a cultura de um dado tempo e como ela é transformada. Cevasco (2001, p. 160) adverte que o “materialismo cultural muda não só o que se olha, ‘o objeto’, como de forma decisiva, a maneira de olhar. Sendo a cultura produção, temos de rever muita coisa.” O primeiro passo consiste em não considerar os

produtos da cultura como ‘objetos’, mas processos sociais e, ainda, descobrir seus componentes e desvelar suas condições.

Essas condições revelam outra característica da análise cultural, que é a compreensão conjuntural presente na constituição da prática. Williams (1977), como estudioso da literatura, afirma que cada obra carrega consigo traços das condições em que foi constituída, gerando um sentido próprio, imbuído de elementos culturais de determinado espaço/tempo. Está no cerne dos Estudos Culturais a busca por respostas para questionamentos de seu tempo, em que questões históricas e sociais participam ativamente como elementos de transformação cultural. O jornalismo, como prática social, atua intensamente nessa esfera, reproduzindo e produzindo versões da realidade que criam, solidificam ou destroem certos sentidos culturais. O objeto da análise cultural também exige uma avaliação dos fatores externos que o constituem, e não apenas das partes internas que o formam.

Faz-se necessário, para a análise cultural, compreender as três categorias da cultura elaboradas por Williams (1961): a primeira é a “ideal”, que pensa a cultura como um estado ou processo de perfeição humana, composta por determinados valores absolutos e universais. A segunda é a categoria “documental”, na qual a cultura se manifesta pelas diversas obras intelectuais e imaginativas registradas no pensamento e na experiência humana. Essa categoria permite à análise cultural atuar como uma atividade crítica ao passo que avalia a linguagem, a forma e as convenções em que o conteúdo se manifesta. É na segunda categoria que nosso trabalho se situa, ao buscar no ‘documentado’ (os conteúdos dos telejornais), como um registro específico de seu tempo, uma análise crítica histórica relacionando tanto a tradição seletiva como o processo de mediação que a compõe. A terceira categoria da cultura é a “social”, que se preocupa em descrever um modo determinado de vida expressa em instituições e determinados comportamentos da vida. Assim, também, nosso trabalho se situa nessa terceira instância que busca identificar as instituições que conferem a nossa análise determinados padrões de significados e valores.

Não apenas os conteúdos (documentos) produzidos pelos dois telejornais de Chapecó se tornam foco de análise cultural-midiática pela linguagem, forma e convenções em que se manifestam, mas também o aspecto social em que estão inscritos e suas articulações com o contexto (política, geografia, história, economia, cultura e sociedade). Os veículos de comunicação, como qualquer outra instituição social, promovem padrões, presenças e ausências de elementos culturais que evidenciam tradições selecionadas. Dessa forma, uma reportagem televisiva, por exemplo, é capaz de evidenciar aspectos culturais de uma

identidade por meio da linguagem, forma e conteúdo, mas também por meio do contexto presente em seu processo de produção.

Para que esses fatores sejam percebidos, identificados e analisados, é necessário compreender certos padrões nos processos sociais. A presença insistente, ou não, de determinados comportamentos, aliados e relacionados às questões conjunturais, podem revelar importantes detalhes sobre as movimentações culturais, permitindo se aprofundar nessa complexa estrutura que constitui as identidades contemporâneas de uma região.

Um dos principais autores que se propôs a compreender a estrutura cultural e seus sentidos (ou sentimentos) foi Raymond Williams (1979) com sua hipótese da estrutura de sentimento. Seguindo seus passos, diversos autores trabalharam a complexidade de conceituar plenamente a estrutura de sentimento, inclusive o próprio Williams (1979) continuou a refiná-la ao longo de trinta anos para chegar a um conceito central. Diversos críticos teóricos e analistas culturais submeteram a estrutura a discussões e aperfeiçoamentos, assim como aplicaram a hipótese na análise de textos culturais e processos sociais (FILMER, 2003).

Existem duas características fundantes desse conceito. Uma que se refere ao sentimento real da experiência histórica e seus efeitos reais nos indivíduos e nos grupos, e outra que se refere ao simbolismo contido em artefatos culturais, como na literatura e em notícias, apresentados como raiz para todas as culturas e em todos os períodos históricos. A relação entre essas duas características, segundo Filmer (2003, p. 373), “[...] quer dizer que as estruturas de sentimento são geradas através da interação imaginativa e das práticas culturais e sociais de produção e resposta [...] que estão na raiz da estabilidade e da mudança das sociedades humanas.”

Dominante, emergente e residual são categorias analíticas que atravessam tempo e história da prática social, revelando os elementos que constituem determinada cultura. Segundo Williams (2011, p. 53), “[...] há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar especificamente de dominante e eficaz”, independentemente da sociedade e do período. A cultura dominante está continuamente ativa e adaptando-se, sendo flexível e abrangente. É o modelo estabelecido e reconhecido pelos indivíduos, legitimando e consolidando através de práticas a si própria, enquanto referência de uma determinada cultura. Williams (1973) se refere como processo de incorporação ao tratar da complexidade da hegemonia. Esse processo, em que os sujeitos adquirem valores e sentidos concretos, muito além de uma imposição ideológica abstrata, é capaz de configurar práticas e expectativas de vida desses sujeitos, ou seja, configurar uma cultura como dominante.

É importante compreender que na incorporação por uma cultura dominante, valores de oposição ou alternativos também podem fazer parte da estrutura dominante, ou seja, serem tolerados. Isso depende da circunstância, que varia historicamente. Assim, também, se percebe nas estruturas valores e sentidos não toleráveis ou deixados de lado, dependendo das áreas em que o dominante está centrado e de seus interesses. Nessa relação de tensionamentos e negociações é que Williams (1973) acredita que o hegemônico é constituído e, hipoteticamente, pode ser modificado.

Os conflitos sociais, as interações e inter-relações é que acabam por dar a dimensão crítica daquilo que é produzido culturalmente. Ao entender a cultura como todo um modo de vida, podemos compreender que qualquer mudança social nunca é parcial, sempre afetando todo o conjunto do sistema complexo que a compõe. Nessa trama, a cultura apresenta duas faces, uma referente ao conjunto de valores, normas, projeções em que os membros de uma sociedade são formados. A outra face representa os sentidos novos adquiridos na experiência, “[...] esse é o processo comum que articula sociedades e indivíduos, a cultura é sempre, ao mesmo tempo, tradição e criatividade; é sempre exterioridade e interioridade.” (GOMES, 2011, p. 33).

Na visão de Williams (1979), nenhuma cultura dominante é capaz de esgotar tudo o que envolve ou é produzido pelos sujeitos, deixando sempre resíduo ou o que se pode chamar de cultura residual. Formado no passado, o residual, segundo elemento da Estrutura de Sentimento, ainda atua na sociedade podendo se opor ao dominante ou conviver com ele. Diferente do sentido de arcaico, que é aquilo que está no passado, o residual atua na estrutura por meio de valores e sentidos ativos no presente.

Por ‘residual’ quero dizer que algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais como sociais – de formações sociais anteriores. (WILLIAMS, 2005, p. 224, grifo do autor).

A cultura residual pode ter uma postura alternativa ou oposta à cultura dominante. Um exemplo de elemento residual citado por Williams (1979) como preciso é a religião cristã no contexto britânico. Segundo o autor, a religião é formada no residual, mas apresenta sentidos e valores diferentes do contexto dominante capitalista, como a fraternidade e a absoluta oferta de serviços sem recompensa. Mesmo alternativo ou oposto, o elemento residual se mantém presente, a certa distância da cultura dominante, que em alguns casos permite práticas residuais dentro de seu domínio, mantendo a experiência sob controle.

Williams (1979, p. 126) afirma que é justamente na incorporação do que é ativamente residual “[...] – pela reinterpretação, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas –

que o trabalho da tradição seletiva se faz especialmente evidente.” Nesse sentido, os costumes e valores de um povo originário de outro território se mantêm ativos, como forma de manutenção das identidades e como um modo de valorização de elementos residuais que, mesmo não fazendo mais tanto sentido no novo espaço (e às vezes tempo), são aceitos dentro de uma estrutura dominante como necessários. Veem-se as manifestações de gauchidade em Chapecó (e não apenas em Chapecó) como um exemplo do residual, com suas práticas e valores selecionados para compor uma tradição que significa os sujeitos e constitui traços de identidade.

Em determinadas situações, quando o dominante é omissivo na sua manutenção, é possível retroceder para algum sentido residual formado no passado, mas que ainda produz sentido. Isso demonstra o caráter cíclico da estrutura, em que algo residual pode se tornar (ou voltar a se tornar) dominante.

O terceiro elemento a ser explorado, o emergente, tensiona a relação entre dominante e residual, pois gera novos valores e ideias que contrapõem o que está estabelecido na cultura vigente. No processo cultural ativo e constante, existem sempre novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências sendo criados. Williams (1979, p. 127) credita como emergente “[...] as áreas da experiência, aspiração e realização humanas que a cultura dominante negligencia, subvaloriza, opõe, reprime ou nem mesmo pode reconhecer.”

Embora se entenda que o emergente é sempre algo novo na estrutura cultural, existe certo rigor no seu conceito que impede possíveis confusões, recorrentes de sua semelhança com novas formas da cultura dominante. O emergente se distingue pelo caráter alternativo e oposto, o que também o torna confundível com o residual. A diferença entre o emergente e o residual está na formação do emergente, que não está no passado, mas no presente. Como prática ainda não aceita e incorporada na plenitude, o emergente surge como algo incompleto, relativamente subordinado.

Como um conjunto de valores e sentidos de oposição ou alternativos, o emergente (ou nova prática) passa por uma tentativa de incorporação, que o torna dominante ou o mantém como emergente. Williams (1979) cita outro exemplo de emergente: o surgimento da classe operária na Inglaterra no final do século XIX. Logo que constituída, a nova classe foi percebida e suas novas práticas, valores e sentidos postos à prova pela estrutura dominante.

O emergente também deve ser visto como algo adaptado, e não apenas uma nova forma. Williams (1979) chama a atenção para aquilo que nomeou de “emergência preliminar”, que vem antes, que é atuante, que exerce certa pressão, mas que ainda não está totalmente articulado. Em uma análise histórica, o emergente se torna o dominante, mas em uma análise contemporânea, o emergente está em trânsito, ainda não plenamente constituído.

Avaliar como novas convenções surgem e como elas disputam o consenso tácito demanda estar atento a processos de persistência, ajustamento, assimilação inconsciente, resistência ativa, esforço alternativo que caracterizam qualquer processo de disputa por reconhecimento no campo cultural e evidenciam que a mudança que devemos procurar não é simples. (GOMES, 2011, p. 45-46).

Por isso, Williams (1979) sugere atenção para aquilo que está em “trânsito” ou em “em transição” na análise cultural. Reconhecendo o alto nível de complexidade dessa tarefa, o autor compreende que não se deve supor que a análise permitirá mais do que nos aproximarmos da compreensão total de uma estrutura, além das vias disponíveis.

Para compreender melhor esse processo cultural, Gomes (2011, p. 40) salienta três aspectos fundamentais para a noção de estrutura de sentimento construída por Williams (1979). O primeiro é que na experiência vivida, cada elemento é parte inseparável do todo; o segundo reconhece a estrutura de sentimento como uma experiência social em processo ou solução, com frequência ainda não reconhecida como social; e o terceiro é a busca da análise em reconhecer como novas convenções surgem e se consolidam no processo contínuo de mudança cultural.

As estruturas de sentimentos fazem parte das alterações contidas na produção cultural, permitindo perceber mudanças na tradição e na organização social. O principal papel dessa hipótese cultural na contemporaneidade, segundo seu criador, é acessar a emergência de novas características que ainda não se cristalizaram em convenções, normas e gêneros. Trata-se de um método que nos possibilita a compreensão de como a cultura se relaciona na atualidade no Oeste catarinense, e perceber uma possível emergência de uma identidade regional nova, composta por diversos elementos derivados da pluralidade cultural, que mesmo em sua extensa complexidade, evidencia e ignora certos elementos do processo cultural identitário. São esses elementos contidos nos textos dos telejornais que nos fornecerão tais pistas, nos aproximando do que seria a identidade contemporânea do Oeste catarinense.

2.2 À GUIA DE UM PROTOCOLO ANALÍTICO

Estando a cultura em constante transformação, reconfigurando e (re)significando aspectos de um modo de vida, se torna relevante perceber como os telejornais do meio-dia em Chapecó participam desse movimento e podem contribuir ou não para esse processo. A aplicação da estrutura de sentimento, junto às apropriações do circuito da cultura de Paul du Gay et al. (1999), nos dará condições de compreender a relação entre cultura e identidade nos telejornais produzidos em Chapecó. A nossa análise cultural busca os processos sociais nos textos midiáticos, mais especificamente no telejornalismo, tornando esta uma análise cultural-

mediática. Assim como Williams (1961), compreendemos os meios de comunicação como (re)produtores e constituidores da cultura, um local onde se verificam os ditos processos sociais.

Logo, buscamos por métodos que respeitassem e compartilhassem dos conceitos centrais deste trabalho, fornecendo assim um caminho mais coerente para o protocolo analítico, ao mesmo tempo em que valoriza e se apoia em uma tradição metodológica já praticada. Valemos-nos, então, do circuito da cultura de Paul du Gay et al. (1999) para inspirar nossa análise cultural-midiática. Essa proposta é fruto de um percurso já desenvolvido na estruturação de um método capaz de compreender a complexidade da análise cultural em mídia, promovido por Hall (2003) em seu ensaio *Encoding/Decoding*, de 1980. Nele, o autor articulou produção e recepção, reconhecendo a relação de mútua troca entre as duas. Na produção, a mensagem é codificada, gerando um discurso significativo, e enviada ao receptor, a quem cabe decodificar a mensagem. Cada aspecto dessa estrutura é trabalhado em detalhes por Hall (2003), promovendo um considerável avanço na área dos Estudos Culturais.

Tendo por base o processo já desenvolvido por Hall em 1980, Paul du Gay et al. (1999) promove uma ampliação dos elementos que compõem a análise cultural, gerando um circuito composto por cinco eixos: produção, regulação, identidade, representação e consumo. Tais elementos, segundo du Gay et al., são inseparáveis da própria noção de circuito e promovem uma leitura dos sentidos atribuídos aos artefatos culturais. Além de inseparáveis, todos os cinco elementos se relacionam entre si. Lisboa Filho e Coiro Moraes (2014, p. 70, grifo dos autores) interpretam essa inter-relação da seguinte forma:

[...] a *representação* refere-se a sistemas simbólicos, como os textos e imagens envolvidos na *produção* de um artefato cultural, por sua vez, esses sistemas geram *identidades* que lhes são associadas e têm um efeito de *regulação* na vida social, promovendo *consumo*.

Essa articulação exige a análise particular de cada elemento e em relação ao todo, uma vez que as partes interagem entre si, de forma sequencial ou aleatória. Cabe salientar que nossa proposta investigativa está centrada na esfera da produção dos sentidos e promove adequações pertinentes a uma pesquisa com essa tônica. Nesse sentido, o circuito de du Gay et al. (1999) serve de inspiração para elaboração de um protocolo analítico próprio que esteja atento a responder a questão problema deste estudo.

No eixo ‘produção’ estão relacionados aspectos da construção do produto cultural e o próprio produto enquanto discurso narrativo. Fazem parte também desse eixo as condições e modos de produção que definem a forma do conteúdo. Nele se concentra o principal foco de atenção da nossa análise, pois é aqui que residem os sentidos produzidos pelo discurso telejornalístico, gerando significados capazes de representar identidades. Não apenas os

discursos e seus sentidos, estão presentes nesse eixo, mas também o contexto de produção que é influenciado por aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, tanto da região como das regulações das próprias emissoras de televisão. A esse eixo associamos, como método secundário, a análise textual (CASSETTI e CHIO, 1999), que abordaremos mais adiante, aplicada aos programas telejornalísticos objetos deste estudo.

Para compreender as intenções do momento de produção dos telejornais, promovemos entrevistas semiestruturadas (Anexo A) com os coordenadores de redação de ambas as emissoras de Chapecó, realizadas em dois momentos com cada um. São ao todo sete questões direcionadas para a captação de práticas e normas que também exercem o papel de reguladores no processo de produção. A entrevista buscou perceber os elementos culturais existentes nas práticas do fazer jornalístico, o que muitas vezes não é possível apenas com a análise do texto em si. Embora diretamente ligadas ao eixo da produção, as entrevistas também contribuíram na investigação das mediações e tradições ligadas ao eixo da regulação.

A ‘representação’, no circuito da cultura, é constituída por sentidos produzidos pelos discursos, no caso, dos produtos telejornalísticos. Por meio da linguagem, signos e imagens estabelecem significações que dão sentido às coisas. Os sentidos são reproduzidos pelos textos, que influenciam e são influenciados pelos conjuntos de representações simbólicas presentes nos discursos dos sujeitos. Para Woodward (2000), essas representações constituem identidades que são atribuídas ao produto. Nesse aspecto, é possível verificar como representação e identidade possuem uma interdependência de atuação.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, p. 18).

Essa capacidade de autoquestionamento que a identidade concede aos sujeitos também promove a comparação de si com outro, a partir do momento que reconhece a existência de outro. Assim, a relação social promove estruturas classificatórias, que, segundo Woodward (2000), aproximam e afastam os sujeitos, assim como determinam, dentro de grupos ou esquemas, distinções como o sagrado e o profano, o bem e o mal, o que pertence à identidade do Oeste catarinense e o que não pertence.

A representação abarca também sentidos sociais, culturais, políticos, históricos e econômicos de uma determinada região, presentes no contexto enunciativo de conteúdos telejornalísticos, por exemplo. Nesse ponto, nosso trabalho se propõe a identificar esses

sentidos na região Oeste catarinense, centrado principalmente no município de Chapecó, para percebermos os elementos que compõem essa estrutura identitária própria. Um segundo passo será relacioná-la com as representações identitárias da região contidas nos enunciados do telejornalismo das duas emissoras de televisão instaladas em Chapecó. Trata-se de alinhar as representações sociais históricas com as midiáticas.

Dentro do eixo da ‘identidade’ ocorre a representação dos sujeitos e da região. Ela surge dos discursos de uma cultura, das definições e conceitos que a representam. Para Hall (2003, p. 38), a identidade está sempre incompleta, em processo e em formação. Como a identidade, a cultura não é um conceito estanque. O processo de formação cultural envolve deslocamentos de sentidos que refletem as identidades representadas. Dentro dos eixos de representação e identidade, buscamos compreender qual identidade do Oeste catarinense está sendo representada pelos telejornais da região. Ainda nesses eixos, será possível relacionar as características culturais identificadas na pesquisa bibliográfica, literária e históricas da região Oeste e cotejá-la com a hipótese cultural da estrutura de sentimento, percebendo pistas de como os sentidos ligados à identidade da região Oeste se (re)configuraram na contemporaneidade nas representações midiáticas.

Relacionado diretamente à recepção, o ‘consumo’ é o eixo do circuito da cultura que resulta no contato do público com o artefato cultural, inclusive na opção pelo contato ou não com o produto e também no qual se dá a interpretação (ou decodificação) dos enunciados. É ele também responsável pela construção da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade (CANCLINI, 1995), assim, está o consumo relacionado ao modo como exercemos cidadania. É importante compreender nesse eixo que o consumo, em si, não se realiza apenas por meio de bens materiais, mas também de bens abstratos. Por isso, é fundamental perceber a capacidade racional dos sujeitos de se relacionar e se organizar economicamente, politicamente, socialmente e culturalmente.

Por meio das opções de consumo nota-se quais são os sentidos empregados por determinado grupo social, em um dado momento, para as mais diversas questões, como as necessidades e preferências dos sujeitos. Assim, também é possível perceber quais relações esses sujeitos estabelecem com determinados temas, assuntos e até representações identitárias.

Neste trabalho, a recepção não será o foco, visto que o esforço está concentrado no eixo da produção. Por mais que a análise cultural centrada no circuito da cultura indique o estudo das relações entre seus eixos centrais, Gomes e Janotti Junior (2011) afirmam que pesquisas empíricas, em grande parte dos casos, não praticam a ideia de trabalhar com o

circuito inteiro do processo comunicativo. Ou seja, os autores compreendem que a análise cultural pode resultar no exame em parte do circuito, pressupondo o que não foi examinado.

Em um estudo teórico, a abordagem de um analista da cultura como Barbero consiste em focar os processos produtivos da cultura e suas bases materiais, numa clara alusão ao materialismo cultural de Raymond Williams, e, transversalmente, comentar as injunções deles com as relações sociais e culturais com base em exemplos empíricos episódicos que servem para comprovar aqueles. (GOMES; JANOTTI JUNIOR, 2011, p. 78).

Portanto, buscaremos em nosso trabalho trazer informações sobre o público e a audiência dos telejornais, apenas como elucidativas à análise, que recai sobre as identidades pela perspectiva da produção dos sentidos.

Por fim, o quinto eixo é o da ‘regulação’, que pode ser concebido como os paradigmas e normas que intervêm nos sentidos. Para Hall (1997), a regulação não consiste apenas em permitir ou negar, mas em determinar modos diferentes de controle. A regulação faz parte também dos meios de produção de conteúdos, presente em determinações editoriais promovidas tanto pela equipe jornalística como pela direção da empresa, enquanto grupo comercial privado, como é o caso das emissoras RBSTV e RicTV. Para perceber as intencionalidades que não estão expostas na esfera da produção, buscaremos, por meio da entrevista com os responsáveis pelo jornalismo das emissoras, compreender, também, as forças que atuam e condicionam os discursos nos telejornais.

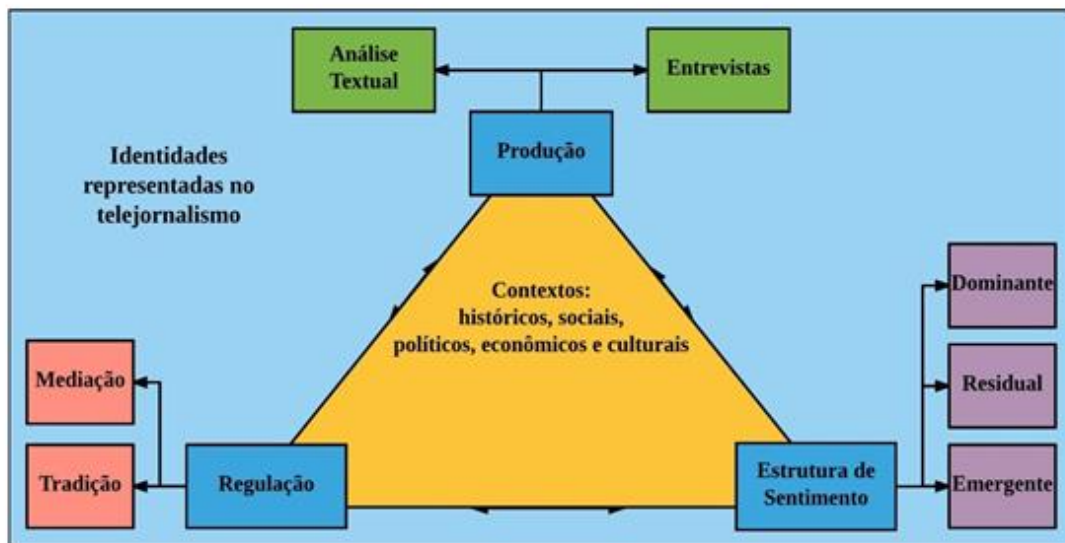
Outra forma de perceber a regulação está na avaliação de páginas online (sites) governamentais e materiais bibliográficos (livros e estudos científicos), que dispõem de discursos e análises sobre a identidade do Oeste catarinense. A reunião de trabalhos científicos e fontes oficiais nos oferece condições de supor, por meio da interpretação, alguns discursos que tratam da questão identitária da região. Entendemos que esses outros artefatos culturais também se relacionam com o circuito, em especial por meio da regulação, já que emitem sentidos específicos nas áreas de educação, turismo, política e etc., (re)configurando a cultura de uma sociedade. Traremos este material no terceiro capítulo ao contextualizar a região Oeste de Santa Catarina com base em obras científicas, literárias e turísticas. O eixo da regulação neste trabalho nos permite perceber as mediações que regulam os processos culturais e identitários a partir dos telejornais e dos contextos históricos e contemporâneos.

Tanto as entrevistas como a pesquisa bibliográfica nos darão substâncias para perceber as mediações e tradições presentes na estrutura social. Acreditamos que nesse agrupamento de sentidos e valores será possível encontrar padrões e ausências que nos permitirão

compreender o que é valorizado e anulado na cultural regional, e como esses elementos culturais são relacionados no discurso telejornalístico.

Para contribuir com a visualização do protocolo metodológico adotado nesta pesquisa para análise dos telejornais do meio-dia de Chapecó, apresentamos a síntese na Figura 1.

Figura 1 – Circuito desenvolvido nesta pesquisa para a análise cultural-midiática dos telejornais.



Fonte: Elaboração própria.

De forma objetiva, para darmos conta das identidades representadas no telejornalismo do Oeste catarinense, seguiremos três grandes categorias analíticas (conforme estrutura apresentada na Figura 1), que atuam como um circuito, interligadas e em constante movimento de trocas: produção, estrutura de sentimento e regulação. A essas três categorias estão associadas práticas, sentidos e valores presentes na sociedade, na cultura, na política, na economia e na história, ou seja, nos diversos contextos. Ao mesmo tempo em que nutrem o circuito, elas também o (re)configuram constantemente, de acordo com interesses, e como resultado de tensões.

Os contextos são determinantes também para constituir e (re)significar os sentidos na ‘estrutura de sentimento’, composta por aspectos dominantes, residuais e emergentes da cultura. Na estrutura de sentimento, os contextos atuam como substâncias ativas na negociação de poder em grupos sociais e conseqüentemente sob os sujeitos e suas identidades. Levamos em conta que é na análise dos elementos culturais, em um determinado espaço e tempo, que a cultura de um período pode ser compreendida e analisada.

Na categoria ‘produção’ utilizaremos o operador analítico da análise textual para perceber os sentidos representados nos textos dos telejornais. Alinhamos a essa categoria o suporte da entrevista semiestruturada (Anexo A) com os responsáveis pelas equipes de jornalismo das duas emissoras analisadas como estratégia para identificar as intenções e as percepções presentes na produção dos conteúdos telejornalísticos. Foram elaboradas perguntas iniciais para a introdução dos assuntos, seguidas de perguntas secundárias, improvisadas, que surgiram como resultado das afirmações dos entrevistados. Todo o conteúdo foi gravado em dispositivo eletrônico (celular) com a devida autorização dos entrevistados.

Para a categoria ‘regulação’ buscamos analisar as mediações e as tradições seletivas presentes nos conteúdos dos telejornais e como elas contribuem para constituição dos sentidos atuais das representações identitárias. Tradição e mediação também participam diretamente da estrutura de sentimento, pois é nas negociações da estrutura que as mediações atuam e contribuem para a seleção de determinadas tradições em uma cultura, que, por sua vez, se alicerça nos diferentes contextos. Observamos tanto as ações ativas como as passivas das emissoras (como empresas privadas) e suas redações (como jornalismo) que podem expressar tendências regulatórias ligadas a determinadas tradições. Além de nos atentarmos para os fatores condicionantes da linguagem, forma e conteúdo, nossa análise buscou perceber as mediações que exercem pressão, tanto externa como interna, no processo de produção e principalmente no conteúdo dos telejornais.

2.3 ANÁLISE TEXTUAL

Associada à análise cultural-midiática, que se inspira no circuito da cultura, especificamente no eixo da produção, buscamos o suporte da análise textual, proposta por Casetti e Chio (1999), como operador analítico. Os referidos autores dão uma maior atenção às palavras, conceitos, símbolos-chave do texto, para aferir sua frequência e sua significação. O método atua com a ideia de que a televisão não reproduz a realidade, mas a recria, produzindo significados a partir de um sistema de regras que estão direta e indiretamente relacionados aos elementos culturais presentes no modo de vida dos sujeitos e de sociedades. A aplicação desse protocolo visa contemplar na análise os complexos elementos de significação culturais, presentes nas representações midiáticas do telejornalismo, que por sua vez acabam por significar e ressignificar elementos identitários dos sujeitos e da região Oeste catarinense. Esse aprofundamento dos dados coletados fornecerá análises mais substanciais das representações e suas simbologias, além dos argumentos de produção do telejornal.

Existe na constituição desse método uma apreciação das características e nuances dos Estudos Culturais, permitindo uma análise das representações e seus sentidos e efeitos. Nessa perspectiva, Casetti e Chio (1999) apresentam três ideias básicas para a análise cultural em televisão: a primeira considera o texto, como programa televisivo, não apenas uma construção linguística, caracterizada por uma arquitetura e um funcionamento interno, mas um evento que produz sentidos e signos em um tempo e espaço determinados; a segunda é que o texto não é um dispositivo que guarda para si um sentido definido e realizado, mas carrega as intenções de quem o construiu e também é objeto de interpretação do destinatário; e a terceira concepção é a de que o texto, para os sujeitos sociais, é um recurso que se deve utilizar, apesar de ser uma proposta para ser interpretado.

A partir da constituição de um esquema de leitura foi possível identificar possíveis nós textuais a serem levados em consideração, que nos permitirão promover uma análise interpretativa dos resultados relacionando-os com o aporte teórico. Buscamos na análise não apenas os sentidos expressos pelos sujeitos, mas também por todos os textos que compõem os telejornais. A análise textual aplicada a programas de televisão oferece duas formas de estruturar o esquema de leitura: uma simples, contendo os pontos mais importantes do texto, gerando um esquema mais amplo dos núcleos-guias; ou com um formato mais estruturado, que simule uma entrevista com o texto, a partir de um ponto de vista mais restrito, seguindo um único foco.

O primeiro formato de esquema de leitura de Casetti e Chio (1999) contempla os seguintes núcleos-guias: ‘Sujeitos e interações’, que organiza os ‘personagens’ que integram o telejornal, os tempos de fala reservados, além do comportamento dos mesmos; ‘Texto verbal’, que apura o peso do texto verbal atribuído à linguagem utilizada, o tratamento dispensado ao discurso daquele que tem seu ‘lugar de fala’; ‘História’, que analisa a estrutura narrativa utilizada, no caso, o formato jornalístico, mas também o fio narrativo; ‘Colocação em cena’, que analisa os enquadramentos, os movimentos de câmera, montagens, inserção de efeitos sonoros, títulos, ambientação como em salões, praças, ruas mercados e cenários.

Após a verificação do *corpus* e decomposição do texto, foi possível perceber as primeiras adaptações necessárias ao esquema de leitura no núcleo-guia ‘Sujeitos e interações’, que em nosso trabalho será dividida entre análise dos ‘personagens fixos’ dos telejornais (apresentadores, repórteres e comentaristas) e análise dos ‘entrevistados’, entendendo que ambos possuem significativas diferenças relacionadas aos papéis desempenhados, comportamento, estilo, lugar de fala dentre outros. Concluimos que o esquema de leitura

proposto por Casetti e Chio (1999) dá conta, neste estudo, de extrair as especificidades, semelhanças e diferenças dos conteúdos dos telejornais.

Um exemplo que serviu de inspiração para essa definição foi a dissertação de Rossana Zott Enninger, intitulada ‘Análise cultural do telejornalismo local: representação e identidade na RBSTV Santa Rosa’, publicada em 2015. Nela, a autora apresenta a análise da equipe que compõe o telejornal, especificando em detalhes os aspectos pertencentes ao item do núcleo-guia ‘Sujeitos e interações’. Outro fator relevante está na repetição (ou padrão) de práticas do telejornalismo previamente percebidas como figurino, formato de apresentação, lugar de fala e postura editorial, que diferem dos aspectos envolvidos nas condições de representação dos entrevistados, por mais que também sejam envolvidos pelo mesmo processo de produção do conteúdo. Optamos por definir um núcleo estruturado para ‘Sujeitos e interações’, valorizando aspectos culturais, identitários e territoriais, alinhando o instrumento às premissas de nosso trabalho.

Para os entrevistados desenvolvemos um esquema mais complexo (estruturado), ampliando e integrando novos elementos às categorias do núcleo-guia ‘Sujeitos e interações’ de acordo com a intenção de nossa pesquisa, que é perceber elementos culturais históricos e atuais que contribuam para uma cultura identitária da região Oeste de Santa Catarina. Assim, apresentamos os seguintes elementos analisados:

A – Cidade/região: trata de registrar o município, região ou país que o sujeito representa no contexto da reportagem, permitindo-nos obter dados relevantes sobre a incidência territorial dos personagens que compõem cada conteúdo. Carrega em si a densidade dos sujeitos e o espaço (território) que representa. Não significa propriamente a cidade ou região de nascimento do entrevistado, mas sim onde está seu senso de pertencimento¹⁷.

B – Institucionalidade: trata de determinar qual instituição o sujeito representa: pública, privada, grupo social (associações, sindicatos, movimentos sociais, o próprio telejornal e etc.) e sociedade civil (quando representa a si mesmo como cidadão, de forma não organizada). Essa categoria evidencia o espaço e a função dos sujeitos em relação à estrutura social na qual estão inseridas.

C – Comportamento: trata da forma como o sujeito age, sua conduta, que pode ser positiva, neutra¹⁸ ou negativa, nos permitindo atribuir as condições mais comuns de

¹⁷ Ignorar a cidade natal dos entrevistados foi necessário, pois muito deles não nasceram em Chapecó, mas consideram o município sua casa e declaram a si próprios como chapecoenses, consequentemente representando Chapecó quando sujeitos atuantes.

¹⁸ Compreendemos que não existe postura ou conduta neutra. Porém, será utilizado o termo ‘neutro’ em nosso trabalho para qualificar os casos em que as condutas positivas ou negativas não constituem características

representação de determinados sujeitos ou grupos pelos telejornais. A categoria se relaciona com o estilo dos sujeitos e grupos e como sua imagem é apresentada para a sociedade.

D – Característica/traço cultural: que colhe elementos culturais e identitários perceptíveis quanto a gênero (homem e mulher), faixa etária (criança, jovem, adulto, idoso)¹⁹, sotaque²⁰ (sem sotaque marcante, sotaque étnico europeu, ou manezinho da ilha, ou gaúcho, ou periferia), etnia (indígena, europeia²¹, africana, não definida), entre outros. O sotaque, embora pertença ao núcleo-guia ‘Textos verbais’, integrará ‘Sujeitos e interações’ para articular a sua relação com os autores da fala, permitindo relações diretas com os sujeitos e grupos e não apenas com o contexto verbal do conteúdo. Essas pistas nos darão condições de conhecer importantes características dos sujeitos, assim como possíveis traços culturais que carregam.

E – Papel: diz respeito à posição que o sujeito entrevistado ocupa conforme seu discurso e contexto: vítima, herói, beneficiado, vilão, referência, fiscal, liderança, reivindicador. Acrescentamos a essa categoria os itens: trabalhador rural, trabalhador urbano e atleta, para análise específica deste trabalho. Muitos dos sujeitos poderão ocupar dois ou mais papéis devido ao caráter dinâmico das representações e contextos das entrevistas.

F – Tempo de fala: registra duração da fala destinada para cada entrevistado.

Buscamos aqui uma aproximação inicial dos conceitos teóricos e da prática da análise cultural-midiática com os objetos desta pesquisa. Entendemos que os resultados poderão contribuir para a construção e aperfeiçoamento do método de pesquisa empregado na análise cultural do telejornalismo. A análise dos dados será comparativa com o intuito de perceber as especificidades e modos de produção de cada emissora.

Nosso percurso analítico foi dividido em quatro momentos e inicia pelo mapeamento dos conteúdos para promover a análise descritiva:

a) definição e decomposição do *corpus*;

suficientes ou claras para se sustentar.

¹⁹ As definições de faixa etária apresentam divergências quanto aos critérios de agrupamento. Para este trabalho, optou-se por agrupar crianças (até 11 anos de idade) e adolescentes (12 a 18 anos de idade) segundo o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990) e idosos (60 anos ou mais de idade) pelo Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003).

²⁰ Entendemos que o sotaque, quando marcante, carrega consigo determinados sentidos que, através da linguagem falada, evidenciam o repertório cultural constituidor do sujeito, definidos por elementos como tradição, território, etnia, nacionalidade, classe social e etc. Assim, a ausência de sotaque marcante na execução da língua portuguesa falada pode evidenciar certa tendência à cultura globalizada ao não possibilitar relacioná-la com nenhuma cultura específica, ou seja, é quando existe a indefinição de sotaque, levando em conta o que é pertinente para esta pesquisa.

²¹ A característica ‘europeia’ é designada neste trabalho para tratar também de pessoas com a pele branca mais acentuada, muito embora algumas possam ser resultado da miscigenação. Designamos como ‘europeu’ os sujeitos que demonstram fenótipo mais ligado à colonização portuguesa, italiana, alemã, espanhola, holandesa e etc.

b) aplicação do guia de leitura adaptado do núcleo-guia ‘Sujeitos e interações’, que serve para definir critérios de quais reportagens serão consideradas na análise qualitativa. Seleção dos conteúdos que destacam valores, sentidos e práticas culturais, conforme o problema de nossa pesquisa, assim como as repetições e reiteraões. O resultado da análise desse guia nos indicou quais os conteúdos seriam relacionados para análise, conforme o perfil dos entrevistados dos telejornais;

c) aplicação da análise textual dos personagens fixos do telejornal (apresentadores e repórteres). Como o formato e a abordagem dos conteúdos tendem a seguir padrões preestabelecidos do telejornalismo e das empresas, buscamos, por meio desses guias de leitura, as discrepâncias e práticas repetitivas para selecionarmos para a análise;

d) buscamos nos textos dos telejornais as evidências mais significativas, seguindo os indicadores evidenciados pelos guias de leitura aplicados anteriormente (nos passos ‘a’, ‘b’ e ‘c’), caracterizados pelos destaques relacionados à proposta desta pesquisa. Em seguida, cruzamos esses dados com o nosso aporte teórico e pesquisa bibliográfica para construir nossos apontamentos finais na análise.

2.4 O *CORPUS* DE ANÁLISE

Esta pesquisa analisa os elementos da cultura identitária que constituem na contemporaneidade o Oeste catarinense representadas nos dois telejornais produzidos em Chapecó e difundidos para cerca de 60 municípios da região. Os objetos selecionados são os dois telejornais produzidos em Chapecó, coletados no mês de maio (quatro edições de cada telejornal) e agosto (quatro edições de cada telejornal), totalizando 16 edições (oito edições de cada emissora) dos telejornais Jornal do Almoço (RBSTV Chapecó) e Jornal do Meio Dia (RICTV Record). Foram determinados os períodos de 18 a 21 de maio²² e de 24 a 27 de agosto, que compreende o aniversário de 99 anos de Chapecó (25/08), para a coleta dos telejornais, e também dias da semana sequenciais, sem outra data específica que altere a rotina de produção das emissoras, além de contemplar meses diferentes de um mesmo ano. Descartamos da coleta os meses de dezembro, janeiro e fevereiro por apresentarem diversos aspectos que alteram a rotina de produção (natal, *reveillon*, carnaval, período de férias e recesso para muitas instituições e empresas).

²² Esse período, que compreende as edições de quarta, quinta, sexta e sábado, tanto em maio quanto em agosto, se justifica pela limitação de uma pesquisa de mestrado, visto que o total de edições dos telejornais atingiu uma quantidade considerada adequada pelo autor (16 edições). A ausência ou inclusão das edições de segunda e terça-feira não representam modificadores significativos para esta pesquisa, visto que não há alterações nos padrões de produção e dos produtos dos telejornais, conforme verificação empírica.

A coleta sequencial de quatro edições em semestres distintos poderá nos fornecer dados comparativos entre os períodos, além de ampliar a possibilidade de capturar na análise elementos importantes do que seriam os padrões rotineiros de produção e representação das identidades nos telejornais. Compreendemos que a coleta de material apenas em datas especiais que intencionalmente produzem representações de Chapecó e da região Oeste não seria capaz de representar equitativamente a produção rotineira do telejornal. Portanto, nos propusemos a investigar também as produções do cotidiano, as quais não apresentam datas comemorativas ou que incitem a representação de alguma cultura (etnia, religião, comunidades e etc.) ou região em específico. Esse dia a dia se faz presente na vida de milhares de telespectadores, representando um contraponto à data do dia 25 de agosto, quando empiricamente percebemos representações direcionadas.

A seleção da data de aniversário de Chapecó (25 de agosto), por ser uma data marcada de representações do município e região, será analisada separadamente. A quantidade histórica de produções, por parte dos telejornais, que buscam retratar com destaque o município neste período fez que com que nos interessasse integrá-la à pesquisa. Em seus conteúdos, os telejornais abordam o que há de mais marcante no passado como projeções do futuro, apresentando também uma leitura do presente. Consideramos para o nosso trabalho um momento ímpar para coletar e analisar produtos que, devido à data comemorativa, incitam a representação identitária do município, e direta ou indiretamente da região Oeste.

Os programas telejornalísticos foram gravados por meio de dispositivo digital (*hard disk* móvel) nas emissoras de televisão. Além disso, ambos os telejornais disponibilizam seus conteúdos diariamente nos *websites* das emissoras²³, embora não possuam chamadas de entrada e saída, manchetes/escaladas, alguns comentários e notas. Compõe também o *corpus* desta pesquisa o levantamento de material acadêmico, histórico, turístico e público (governos federal e estadual), apresentados no eixo da regulação do circuito da cultura e aprofundados no Capítulo 3.

²³ Conteúdos da emissora RicTV Chapecó disponíveis em: <<http://ricmais.com.br/sc/rictv-chapeco/>>. Conteúdos da emissora RBSTV Chapecó disponíveis em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/>>. Acesso em: vários acessos.

3 TELEVISÃO E CULTURA REGIONAL

Neste capítulo contextualizamos a região Oeste de Santa Catarina, assim como os processos que contribuíram para sua constituição econômica, cultural, social e histórica, compreendendo que esses são elementos fundamentais para a realização da análise cultural-midiática. Buscamos também apresentar os principais aspectos para nossa pesquisa sobre a televisão, o telejornalismo e a mídia dessa região, em especial as emissoras de televisão RBSTV e RicTV de Chapecó.

3.1 A REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Chapecó é habitado por próspera população ordeira, trabalhadora e honesta e que somente tem suas vistas voltadas para o engrandecimento deste pedaço de nossa querida pátria [...] O município possui hospitais, clubes, e sociedades recreativas, cinco advogados, seis médicos, engenheiros e diversas empresas colonizadoras. (SILVA, 1950 apud MARCON, 2003, p. 113).

Iniciamos este subcapítulo da pesquisa com esta afirmação de Zander P. da Silva, em sua obra de 1950, intitulada ‘Oeste catarinense’, com o intuito de resgatar um pouco da atmosfera difundida sobre o principal município da região em um período de franco desenvolvimento e tensões sociais. Não propomos uma construção completa ou determinista do que foi e é a história do Oeste catarinense, mas reunimos alguns argumentos estruturados e defendidos na academia e na opinião pública que nos auxiliarão nesta complexa missão de retratar a região.

Neste trabalho, o conceito de região é tido como algo que se desenvolveu a partir da prática da crítica na área da geografia e hoje é entendida como a articulação entre espaço, tempo e ação dos sujeitos. Para contextualizar a região na qual estão inseridos os telejornais locais analisados nesta pesquisa, buscou-se nas construções históricas entender seus processos de constituição e transformações culturais. Dentre os desafios da definição de critérios que determinem o que constitui uma região, optou-se por selecionar aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais nos documentos que serviram de fonte.

Palco histórico de embates, o que hoje conhecemos como a região Oeste de Santa Catarina foi alvo de disputa territorial entre Brasil e Argentina de 1881 a 1895 e, posteriormente, entre os estados do Paraná e Santa Catarina no período de 1912 a 1916, na

conhecida Guerra do Contestado²⁴. Paralelamente às disputas territoriais desse período, tensões sociais entre os nativos (indígenas e caboclos²⁵) e imigrantes estiveram presentes na região até a década de 1970. Enquanto indígenas e caboclos habitavam a região de forma “ilegal”, constantemente tinham suas terras reivindicadas pelos recém-chegados, que traziam consigo o “direito legal” às propriedades (VICENZI, 2008). Caboclos e indígenas (Kaingangs e Guaranis) habitavam as cobiçadas áreas florestais, ideais para as atividades agrícolas idealizadas pelos colonos imigrantes. Enquanto caboclos e indígenas mantinham um padrão de subsistência seminômade com base na coleta, na caça e na pesca, os colonos imigrantes contrastavam com objetivos capitalistas de fixar propriedade, expandir território e acumular riquezas e recursos.

É nesse contexto, no início do século XX, que milhares de imigrantes vindos do estado vizinho Rio Grande do Sul chegaram ao Oeste catarinense em busca de novas terras para se estabelecer e produzir. Por meio do incentivo de companhias imobiliárias colonizadoras (apoiadas pela Igreja Católica e financiadas pelo Estado), que atendiam às estratégias capitalistas do governo e ao interesse de empresários, a região recebeu a terceira geração de imigrantes sul-rio-grandenses de descendência italiana e alemã.

A migração dirige-se primeiro para os estados da região sul do Brasil, migrando para o oeste e meio-oeste de Santa Catarina, assim como para o sudoeste e extremo-oeste do Paraná. O fato dos migrantes optarem por Santa Catarina e Paraná deu-se por conta das companhias colonizadoras desses estados pertencerem, em sua maioria, a empresários do Rio Grande do Sul, que, diante da dificuldade em obter novas áreas para a comercialização naquele estado, passaram a atuar na venda das terras desocupadas no oeste catarinense, onde o governo concedia a estas empresas terras devolutas, em troca da construção de estradas transformando-os nos principais responsáveis pelo processo de recrutamento e povoamento do oeste de Santa Catarina. (SILVA, 2010, p. 57).

Desde 1748 Santa Catarina recebe fluxos migratórios. O litoral do estado foi povoado por colonos açorianos (portugueses) e também alemães, italianos e poloneses (dentre outras nacionalidades) que ocuparam principalmente o vale do Itajaí. Blumenau recebeu imigrantes alemães, assim como Joinville e Brusque. Itajaí, Tubarão e áreas ao sul do estado foram

²⁴ Motivados por interesses capitalistas de ampliação de terras e produção de riquezas, milhares de caboclos foram retirados de suas terras por coronéis. Inspirados pela crença messiânica religiosa causada pela morte de seu líder, o monge José Maria, os caboclos promoveram ofensivas contra os novos proprietários de suas terras durante quatro anos, sendo, ao final, derrotados pelas forças armadas nacionais, financiadas pelos Estados do Paraná e Santa Catarina. Muitos autores tratam este fato histórico como a grande guinada do desenvolvimento socioeconômico da região, que abriu caminho para um novo modelo de produção capitalista, ao custo de cerca de 20 mil vidas.

²⁵ Seguimos em nossa pesquisa a definição do sujeito ‘caboclo’ segundo Thomé (1984), que produziu estudos sobre os caboclos do Oeste catarinense seguindo bases étnicas, identitárias e modos de vida. Segundo o autor, “a denominação caboclo - que não se confunde com colono - [...] abrange vários tipos de humanos, desde o branco (lusitano, castelhano ou imigrantes europeus mais recentes), o índio (Tupi-guarani ou Kaingang e Xokleng), o mameluco (da mescla do branco com índio), o cafuzo (descendente do cruzamento do negro e índio), o mulato (mestiço de branco e negro), ou o produto final de misturas de todas estas etnias entre si, desde que mantenha suas características próprias, que o tornam inconfundível onde quer que se apresente.” (THOMÉ, 1984, p. 9).

colonizadas por descendentes de italianos em torno de 1877. A partir de 1882, o município de Jacinto Machado e algumas outras regiões foram ocupados por descendentes de poloneses (PIAZZA, 1982).

No Oeste catarinense, a ação das companhias não apenas colonizou a região, mas, antes disso, promoveu a desestruturação socioeconômica existente para implantar a nova ocupação. A expulsão gradual dos indígenas e caboclos permitiu a extração de madeira, o que acelerou o desenvolvimento comercial da região e promoveu o desmatamento. Inúmeras tensões ocorreram em virtude dos conflitos por terras, embora não muito enfatizadas pelos registros históricos da época.

A região, no entanto, não estava vazia, pois muitos caboclos e luso-brasileiros nela sobreviviam dos abundantes recursos existentes na natureza e/ou cultivando pequenos roçados. Com a crescente migração para o Oeste, na década de 1930, alguns grupos constituídos por colonos, madeireiros e colonizadores, conquistaram uma posição hegemônica, identificados posteriormente como sendo os inauguradores da história propriamente dita. Grande parte da historiografia dominante consagra, ainda hoje, um destaque especial à presença destes sujeitos, corajosos desbravadores e inauguradores da história regional. (MARCON, 2003, p. 69).

Os sujeitos que desbravaram a região foram luso-brasileiros, remanescentes de bandeirantes, foragidos da justiça, perseguidos políticos, colonos (imigrantes) e os caboclos. Para autores como Marcon (2003), essa tomada de terras acabou por marginalizar os caboclos e forçar sua retirada para outras regiões. Casos de violência entre antigos e novos posseiros se espalharam pela região, assim como ressignificaram os valores atribuídos à terra, transformando o cenário político e econômico da época.

O território que hoje compreende a região Oeste de Santa Catarina era oficialmente conhecido como o Município de Chapecó²⁶, com mais de 14 mil quilômetros quadrados. Em 1917, o pequeno povoado do município, Passo dos Índios, se tornou o Distrito de Chapecó (sede administrativa municipal) com o fim da disputa pela região entre Paraná e Santa Catarina (Guerra do Contestado). O vilarejo de poucas casas rapidamente se transformou em um local de intensa movimentação social, constituindo e concentrando poderes econômicos e políticos.

Com o passar dos anos, vários povoados se emanciparam de Chapecó, adquirindo autonomia administrativa como municípios. As pequenas propriedades agrícolas viviam da mão de obra familiar para a produção de diversos cultivos, em especial o milho. Com o excedente da produção do grão, a criação de suínos surgiu como uma oportuna opção, se desenvolvendo rapidamente e fornecendo carne para Curitiba e São Paulo. Logo, em 1940, surge o primeiro frigorífico de abate e industrialização de suínos em Chapecó.

²⁶ Apesar de certa controvérsia, o nome 'Chapecó' vem do Kaingang 'Xapeco', que significa 'ugar de onde se avista o caminho da roça' e conta com uma área de 60 km².

Não apenas geograficamente, mas também administrativamente, a distância entre o Oeste catarinense e a capital do Estado, Florianópolis, era imensa (RADIN, 2001). Tanto o era, que as principais demandas na área da saúde, do comércio e também as referências políticas continuavam atreladas ao Rio Grande do Sul. Uma comitiva comandada pessoalmente pelo governador Adolfo Konder, em 1929, buscou aproximar a região Oeste catarinense do Estado, reforçando a liderança da capital sobre a região, e promovendo a ideia de uma identidade estadual e nacional (ZANELATO, 2012). Por semanas, o governador e sua comitiva atravessaram a região inaugurando estradas, escolas, resolvendo pendências locais e nomeando lideranças. O que buscavam na realidade era encerrar as motivações da guerra do Contestado, promover a brasilidade na região, para afastá-la da Argentina, e promover o dito avanço civilizatório. Apesar dessa iniciativa, muito mais precisava ser feito pela região. Nas décadas seguintes fica cada vez mais evidente a ausência de incentivo e apoio governamental à região, que ainda era tratada por muitos como o ‘sertão’, terra de colonos, gaúchos, índios e bugres subdesenvolvidos.

Com as terras sendo desmatadas e colonizadas, a região Oeste catarinense conheceu um período de violência e conflitos, que culminou, entre as décadas de 1950 e 1960 (MARCO, 2003), com a prática da grilagem. Muitos caboclos que haviam conquistado o direito às terras foram pressionados a deixar suas propriedades. Alguns resistiram e outros cederam, migrando para cidades e demais regiões.

Não obstante, um evento marcou a região e a cidade de Chapecó alcançando registros na imprensa nacional e internacional da época. Quatro homens (de origem cabocla) foram chacinados pelas mãos de cerca de 200 pessoas (envolvendo lideranças e autoridades da época), sem direito a julgamento, por serem suspeitos de incendiar a igreja da cidade. O fato ocorreu em 1950, quando o distrito de Chapecó possuía pouco menos do que três mil habitantes. Essa história originou o livro ‘O linchamento que muitos querem esquecer’, de Monica Hass (2007). A pesquisadora reuniu argumentos em sua pesquisa histórica que indicam, dentre os diversos fatores que ocasionaram a barbárie, questões de valores, como a ética do trabalho, a fé religiosa, o julgamento moral e a inegável presença dos jogos de poder local. “No desenrolar dos fatos que resultaram no linchamento, evidenciam-se aspectos do conflito entre partidários políticos, fruto de resquícios da campanha eleitoral” (HASS, 2007, p. 204), além da prática desmedida de um delegado da época que usava de violência para promover “ordem” e grilagem em benefício próprio.

A chacina marca negativamente Chapecó, na região sul do País como uma cidade violenta, repleta de roubos e assaltos, onde tudo se resolve ‘no tiro’. O próprio termo

‘coronelismo’ ganha contornos próprios. O título de coronel foi dado para o proprietário de uma das principais empresas colonizadoras do Oeste catarinense (a Colonizadora Bertaso, Maia & Cia), que assumiu na sociedade regional um papel paternalista perante os imigrantes, de quem compraram as terras, exigindo em troca apoio político. Sem a proteção do Estado, a população formada por imigrantes dependia dos favores do coronel Bertaso (HASS, 2007). Nesse sentido, alguns autores consideram os colonizadores não como ‘aventureiros’ ou desbravadores, mas como ‘oportunistas’, pois adquiriam rendimentos políticos e lucro nas regiões exploradas, além de recursos estaduais extravagantes.

Conforme Marcon (2003, p. 109), enquanto alguns livros de história produzidos na época e *a posteriori* retratam a região “como *locus* de crescimento econômico, de trabalho e bravura”, os relatos de caboclos da época, registrados pelo autor em pesquisas acadêmicas, evidenciam o sofrimento desse povo e de muitos imigrantes que, para sobreviverem, enfrentaram a miséria e a injustiça, não apenas em Chapecó, mas em outros povoados (hoje municípios) da região Oeste de Santa Catarina.

A respeito dos imigrantes sul-rio-grandenses, eles trouxeram consigo mais do que elementos residuais de uma cultura alemã e italiana de seus antepassados europeus. Eles implantaram na região uma nova tradição adquirida/construída no sul do continente americano. Muitos pertencentes à terceira ou à quarta geração de descendentes europeus, nascidos no Brasil, esses imigrantes haviam integrado novos hábitos ao seu modo de vida. Justamente nesse período de expansão migratória, se desenvolveu no Rio Grande do Sul, e por vários pontos do País onde havia imigrantes sul-rio-grandenses, a influência da cultura gaúcha, ratificada, mais tarde pela expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), difundido por meio de centenas de Centros de Tradição Gaúcha (CTGs). Essa tradução “inventada”²⁷, como defendida por alguns autores, e intensamente reforçada, se enraizou através da construção do imaginário do gaúcho, servindo mais como uma representação de ‘nação gaúcha’, independente de território, religião ou etnia.

Desde as intervenções do governo Konder em 1929, se percebe ações políticas com intuito de promover o desenvolvimento na região, embora muitas delas tenham se difundido mais no discurso do que na prática, mas que efetivamente marcaram o que podemos chamar de cultura identitária do Oeste catarinense nesse período.

²⁷ Entendida por Hobsbawm e Ranger (2002, p. 9) como, “[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Em 1955, o governo estadual criou o Plano de Obras e Equipamentos e, em seguida, os Planos de Metas do Governo de 1961 e 1966 (PLAMEG I e PLAMEG II), culminando na criação da Secretaria dos Negócios do Oeste sediada em Chapecó, a implantação do Projeto Catarinense de Desenvolvimento (PCD), que trazia a ideia de integração estadual mediante a implantação das microrregiões e da eleição das cidades polos. Na década de 1960, a Política Cultural Estadual do governo de Santa Catarina procurava, entre suas metas, transmitir a cultura às cidades do interior, baseada estrategicamente a partir da capital, Florianópolis. Acreditava-se que seria possível amenizar a série de discursos embasados no ‘multiculturalismo’ catarinense construindo obras como pontes e rodovias entre as várias regiões, buscando aproximá-las do centro administrativo catarinense, visando à unificação dos aspectos econômicos, sociais e culturais.

A dissertação de Fernando Antonio Vitoria, intitulada ‘De ‘Velho Chapecó’ a ‘polo formador de polos’: a construção discursiva da ‘Capital do Oeste’ [1970 a 1980]’, analisa as políticas públicas e discursos do governo e imprensa da época. O autor identifica algumas questões-chave na análise que compreende os discursos e ações políticas/governamentais da época, como:

[...] a crença na cidade planejada; o discurso do desenvolvimento da cidade polo sem estagnação dos municípios vizinhos; a cidade polo como solução para o problema das demandas locais; o planejamento como solução máxima das mazelas populacionais e grande garantidor do bem estar do cidadão; os problemas infraestruturais de Chapecó, principalmente no setor de água e saneamento. (VITORIA, 2011, p. 19).

O que conclui a pesquisa de Vitoria (2011) é que o discurso desenvolvimentista de Chapecó e região é mais vitorioso do que a realidade da época. O investimento estadual na cidade polo (Chapecó) sufocou o crescimento de outras cidades menores da região, que estagnaram ou até mesmo regrediram. Ainda, a supervalorização de uma conduta urbana e civilizada não resolveu problemas sociais nas áreas da saúde, saneamento e segurança. “Chapecó é pensada e construída por um discurso que averba desenvolvimento, progresso, modernidade, participação e educação” (VITORINO, 2011, p. 147), embora diversos registros da época possam colocar em cheque esse projeto discursivo das lideranças.

A partir da década de 1970, os governantes locais e estaduais iniciaram uma série de ações de promoção do desenvolvimento, atraindo indústrias por meio de incentivos. Grandes agroindústrias se instalaram na região Oeste expandindo a produção de carne suína e avícola, indústrias madeireiras ampliaram a produção de móveis. Conseqüentemente, surgiram muitas vagas de emprego, o comércio e a área da prestação de serviços avançaram no mesmo ritmo,

assim como as demandas por moradia, saúde, alimentação, educação, saneamento básico (VITÓRIA, 2011).

Ao passo que a região se desenvolvia economicamente, normatizações eram impostas com vistas ao fortalecimento do sistema de produção, como por exemplo, as diversas exigências das agroindústrias em relação aos modos de produção dos cooperados, que deveriam obedecer ou abandonar a produção. Enquanto isso, as áreas urbanas recebiam o resultado do êxodo rural, provocado pela abertura de vagas de emprego e pelas atraentes condições promovidas pela vida assalariada urbana em comparação a do campo (descanso nos finais de semana e feriados, garantia de salário no final do mês, direito a férias e etc.). As cidades, em especial Chapecó, expandiam sua população sem que conseguissem atender à altura necessidades básicas como segurança, educação e saúde.

Embora tenha se tornado alvo de fortes relações capitalistas, a partir dos anos 1970 também surgiram na região Oeste movimentos de resistência estimulados pelo cenário nacional da época. Muitos desses movimentos estavam ligados a diversos setores sociais: agricultores, operários, indígenas, intelectuais e religiosos. Dentre os diversos movimentos, surge uma célula do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o Movimento das Mulheres Agricultoras, o Movimento de Retomada das Terras pelos Índios e o Movimento dos Atingidos pelas Barragens. Todos eles lutavam contra a opressão e exploração que determinados grupos sofriam.

Na área da educação, havia apenas universidades federais e estaduais na região litorânea na década de 1970. Por uma iniciativa de lideranças da região Oeste, foi criada a Fundação Universitária de Desenvolvimento do Oeste (Fundeste)²⁸, em 1970, iniciando as atividades em 1971. O intuito era levar ensino superior para aquela região, qualificando a formação educacional e impedindo o êxodo de jovens que buscavam em outras regiões oportunidades de aprimoramento pessoal e profissional, e que dificilmente retornavam para sua terra de origem após conquistarem o diploma.

Foi criada em 1979 a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) com o intuito de gerar estratégias e ações para estimular a promoção da memória e a produção artística catarinense (SAYÃO, 2004). Mas, apesar das diferentes ações integradoras do passado, o catarinense ainda não comungava uma identidade central e abrangente. Característica esta que se fez presente no passar dos anos e que hoje se (re)configura envolvida em diversos aspectos

²⁸ A Fundeste é hoje mantenedora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Disponível em: <www.fundeste.org.br>. Acesso em: 10 dez. 2016.

sociais contemporâneos e históricos, ganhando contornos muito específicos em cada uma de suas regiões.

O fortalecimento econômico, tanto pela força produtiva como pela atuação dos discursos, tratou de tornar o Oeste catarinense uma potência de produção agroindustrial, que por sua vez estimulou o desenvolvimento de diversos outros setores. Essa imagem construída do Oeste do estado e de Chapecó, como capital da região, ainda atraem e intrigam investidores de fora, assim como estimulam os já estabelecidos.

Conforme o Censo de 2010 (IBGE, 2011), Chapecó possui aproximadamente 180 mil habitantes. Os demais municípios sede das Secretarias de Desenvolvimento Regional (SDR)²⁹ e/ou das Associações Microrregionais³⁰ (Dionísio Cerqueira, São Miguel d'Oeste, Itapiranga, Maravilha, Palmitos, Quilombo, São Lourenço do Oeste, Concórdia, Seara, Joaçaba, Xanxerê, Campos Novos, Videira, Caçador e Curitiba) não ultrapassavam 40 mil habitantes cada.

Em 2002 o Ministério da Integração Nacional emitiu um parecer³¹ informando que a região estava empobrecida e que havia pressão dos sistemas produtivos sobre os recursos naturais, principalmente pela diminuição da mata, “erosão dos solos e intensa poluição das águas por dejetos suínos, assim como crescente perda de dinamismo da economia regional ocasionando o êxodo rural e a emigração regional.” (DAMO, 2014, p. 161). O mesmo texto trata do pioneirismo, da capacidade empreendedora, do espírito cooperativo e a estratégica localização geográfica da região, que possui três contatos diretos com o Mercosul.

A partir da década de 1990, a região Oeste passou a fazer parte da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul³², que congrega 415 municípios dos três estados do Sul do País, mobilizando e articulando a sociedade da Macrorregião Norte do Estado do Rio Grande do Sul, do Oeste de Santa Catarina e do Sudoeste do Paraná. A mobilização é resultado de iniciativas de instituições regionais, Associações de Municípios e universidades regionais, associadas às administrações públicas em nível estadual e municipal. Como fruto dessa organização, em 1997 foi criado o Plano de Desenvolvimento Sustentável da Área da Bacia do Rio Uruguai, entregue ao então Ministério do Planejamento e Orçamento, conforme elucida a Figura 2.

²⁹ O governo estadual, a partir de 2003, iniciou um processo de descentralização do poder em Santa Catarina, aos moldes da União Europeia, para promover o desenvolvimento regional com vistas à participação das lideranças locais na definição das prioridades e na execução das políticas governamentais com a corresponsabilidade de governar Santa Catarina com toda a sociedade. Foram criadas no total 36 SDRs sediadas em todas as regiões catarinenses.

³⁰ Estas associações são compostas por Associações de Municípios, fruto de iniciativas espontâneas em determinadas microrregiões polarizadas, com caráter associativo, de direito privado, sem fins lucrativos, regidas por assembleias gerais e estatutos.

³¹ Disponível em: <<http://www.mesomercosul.org.br/mesoregiao.asp>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

³² Disponível em: <www.mesomercosul.org.br/imgs/carta.doc>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Figura 2 – Imagem do território da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul.



Fonte: Adaptado de: <http://www.mi.gov.br/documents/63635/67806/GRANDE_FRONTIEIRA_DO_MERCOSUL.pdf/2791b4ac-40df-4fe2-b44f-6a05542052c0>.

Descrições atuais sobre Chapecó podem ser encontradas em sites de acesso massivo como o Globo.com. Registramos em nossa pesquisa a publicação de 29 de novembro de 2016, quando uma reportagem do referido site descreveu a região com o intuito de contextualizar a cidade a qual pertence a Associação Chapecoense de Futebol – a Chapecoense, que teve parte de seu time, gestores e jornalistas mortos em um trágico acidente aéreo no mesmo período. No título da reportagem é destacada a força econômica da região: ‘Cidade do Chapecoense é polo agroindustrial no sul do país’. Em seguida, um subtítulo complementa: ‘Chapecó é a 7ª maior economia de SC e emprega 78,3 mil pessoas. Patrocinadora do clube, Aurora é 3ª maior da indústria da carne do país’. Na reportagem, o texto descreve uma cidade com PIB de 7,7 bilhões, que abriga 21,8 mil empresas, com forte atuação não só na agroindústria, setores de serviços e no comércio, creditando os dados à Associação Comercial e Industrial de Chapecó – ACIC. É dado destaque também para a presença da agroindústria Brasil Foods (BRF), dona das marcas Sadia e Perdigão (também nascidas na região Oeste catarinense), com três unidades no município. É registrada também a presença dos setores de plásticos e embalagens, transportes, móveis, bebidas, biotecnologia e maquinários para frigoríficos, que compõem o parque industrial de Chapecó, o turismo de negócios e como todo esse conjunto beneficia e é beneficiado pelos municípios da região. (LAPORTA, 2016).

Ao final da reportagem do Globo.com, são apresentados os dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Chapecó – que é 0,79 –, e salientado que se trata do 67º maior do Brasil e 12º em Santa Catarina. O texto encerra informando que 20% da população

possui formação superior, com 26 instituições de ensino na cidade. A reportagem trata de fazer uma descrição objetiva das características e virtudes econômicas do município como sendo uma das principais (talvez a principal) característica de Chapecó, citado como polo de desenvolvimento do Oeste catarinense. (LAPORTA, 2016). Aspectos como etnia, cultura, formação histórica e costumes são deixados de lado pela reportagem.

No site do governo do Estado de Santa Catarina, na página destinada a apresentar a cultura do estado, a descrição reforça como algo positivo a diversidade cultural:

Os casarões portugueses do Litoral, a arquitetura em estilo enxaimel no Vale do Itajaí e no Norte do Estado e as tradições italianas ainda fortes no Oeste são exemplos concretos da diversidade cultural catarinense, hoje enriquecida com a soma de novos sotaques e costumes daqueles que escolheram Santa Catarina para viver. (SANTA CATARINA, [S. d.], online).

O destaque da região Oeste se refere apenas à presença da cultura italiana e no decorrer do texto nada mais é descrito sobre a região, nem mesmo eventos culturais, como ocorre com outras regiões. Buscamos também o site da Secretaria de Estado de Turismo de Santa Catarina³³, quando trata da descrição dos aspectos turísticos do estado. Nele não são referenciados diretamente a região Oeste ou Chapecó em nenhum momento. Podemos relacionar no texto apenas a descrição, de forma indireta, que o estado recebeu levas de imigrantes europeus e também do Rio Grande do Sul, além de ter sido palco de um dos mais importantes conflitos internos no Brasil, a Guerra do Contestado.

No site da prefeitura municipal de Chapecó, até a data de 10 de janeiro de 2017, não havia descrição histórica e/ou cultural do município e da região. Na mesma data, buscamos no site da Secretaria de Cultura do município³⁴ por conteúdos históricos e contemporâneos de Chapecó e região e nada foi encontrado.

O Estado de Santa Catarina é dividido geograficamente pelo IBGE em seis mesorregiões – Grande Florianópolis, Norte, Oeste, Serrana, Sul e Vale do Itajaí – e possui 6.910.553 habitantes, como pode ser observado na Figura 3.

Chapecó conta com uma população de mais de 209 mil pessoas, segundo dados do IBGE estimados em 2016³⁵. A mesorregião Oeste é composta por 98 municípios e é dividida em cinco microrregiões representadas por cidades polo: Chapecó, Xanxerê, Concórdia, São Miguel do Oeste e Joaçaba. Outras divisões territoriais em determinadas áreas acabam por reconfigurar esse mapa, como é o caso do Plano Diretor de Regionalização da Saúde,

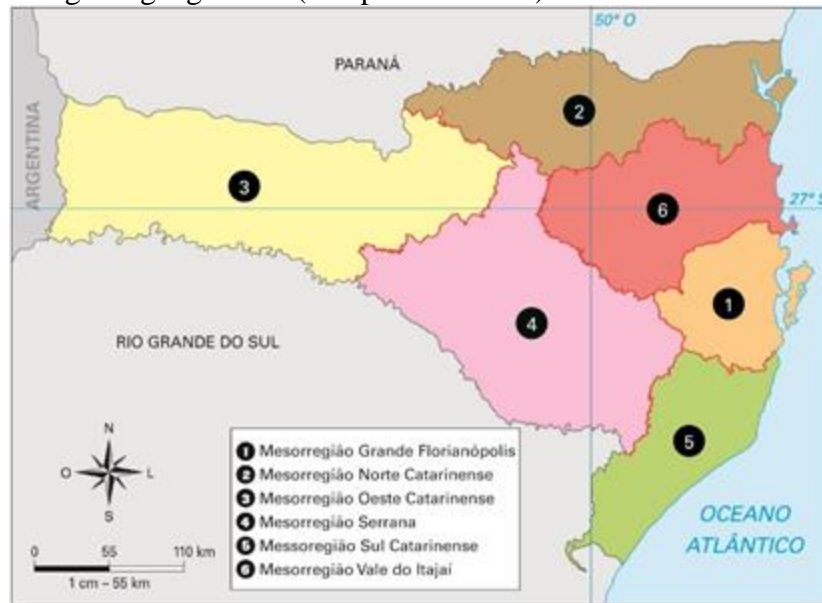
³³ Disponível em: <<http://turismo.sc.gov.br/o-estado/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

³⁴ Disponível em: <<https://www.chapeco.sc.gov.br/cultura/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

³⁵ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2978%2068>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

elaborado pela Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina, que separa o estado em nove macrorregiões de 21 regiões de saúde. Em casos como esse são levadas em consideração características demográficas, socioeconômicas, geográficas, oferta de serviços, relações entre municípios entre outras.

Figura 3 – Mesorregiões geográficas (não politicamente) de Santa Catarina.

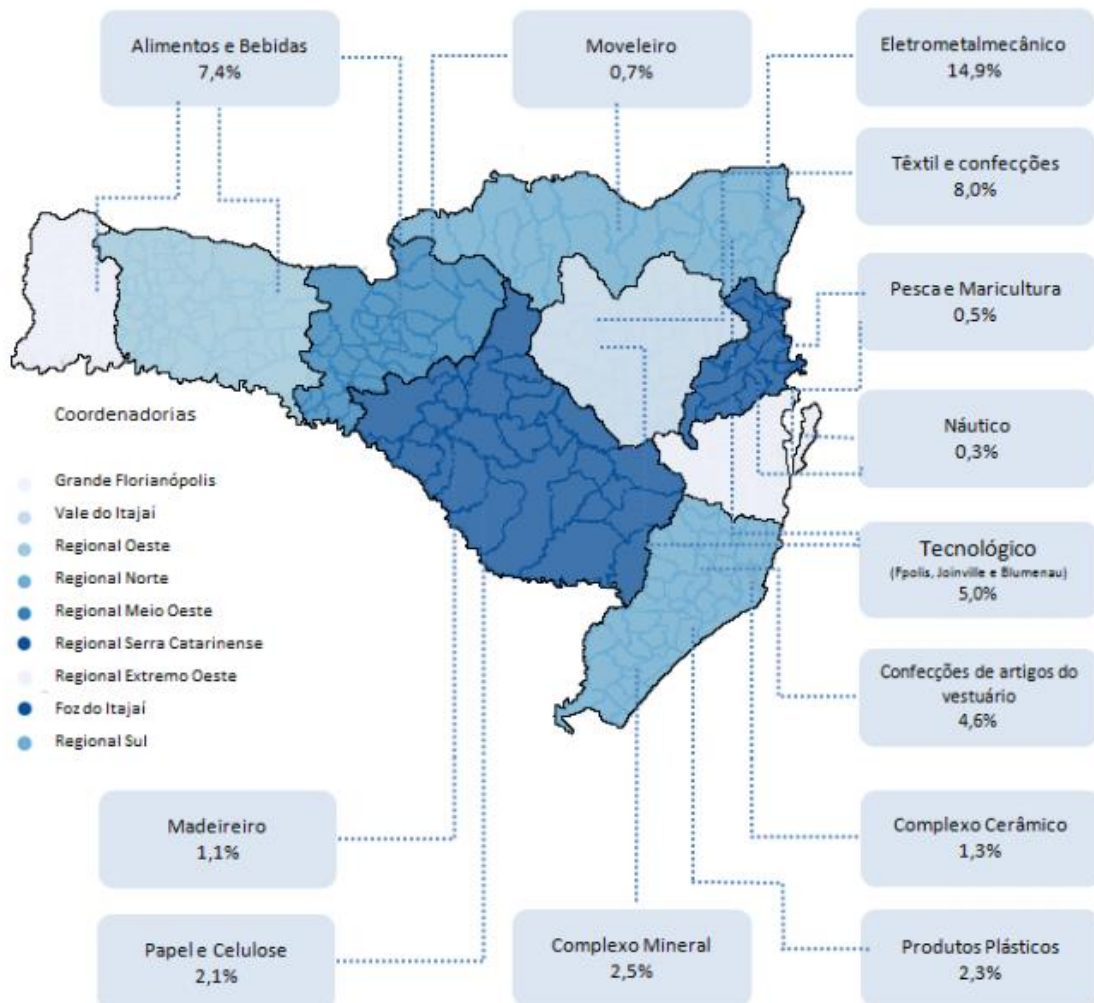


Fonte: Adaptado de Silveira (2015).

Assim como a Secretaria Estadual da Saúde de Santa Catarina, o Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Micro Empresas (Sebrae) divide o estado em nove macrorregiões, abrangendo cada uma um determinado número de municípios: Extremo-Oeste (30 municípios); Foz do Itajaí (20); Grande Florianópolis (16); Meio-Oeste (32); Norte (26); Oeste (58); Serra Catarinense (29); Sul (43); Vale do Itajaí (39), conforme podemos visualizar na Figura 4.

Assim, não é difícil encontrar regiões que ora pertencem ao Oeste e ora pertencem a outro conjunto regional, com nomenclaturas diferentes das utilizadas nas macro e microrregiões do estado. Nesse caso, percebemos a mesorregião do Oeste catarinense sendo dividida em três macrorregiões: Extremo-Oeste, Oeste e Meio-Oeste. Diferentemente da mesorregião, que tem um caráter mais geográfico e demográfico de contexto histórico, a divisão macrorregional demonstra preocupações de ordem administrativas e econômicas, possivelmente atendendo a uma necessidade de diminuição dos agrupamentos regionais para geri-los com maior eficiência.

Figura 4 – Macrorregiões de Santa Catarina segundo o Sebrae e Secretaria Estadual da Saúde-SC.



Fonte: Adaptado de Sebrae (2013).

Em nossa pesquisa, quando tratamos do ‘Oeste catarinense’, nos referimos especialmente ao Oeste mesorregional, de extensa abrangência territorial e histórica. Entendemos que selecionar apenas a macroregião Oeste de Santa Catarina limitaria a abrangência de nossa pesquisa, nos forçando a eliminar as subdivisões vizinhas, sendo que a cultura identitária do Oeste, como hipótese, ultrapassa essa divisão, alcançando também as macroregiões do Extremo-Oeste e, muitas vezes, do Meio-Oeste. Outro argumento de nossa escolha é o fato de as sucursais da RBSTV Chapecó e da RicTV Chapecó atuarem em um raio de cobertura que ultrapassa os limites da macroregião Oeste.

Essa variedade de divisões territoriais e subdivisões pode ter comprometido o processo de regionalização e, sem dúvida, interfere no desenvolvimento de cada região na atualidade. Ao mesmo tempo em que determinados grupos sociais, estabelecidos por regiões macro e micro, sentem a necessidade de se associarem para promover estratégias de desenvolvimento e organização, o excesso e/ou desordenamento dessas associações gerou conflitos regionais.

Alguns deles promoveram a extinção de algumas associações locais pela sobreposição de funções em decorrência da implantação de algumas SDRs (DAMO, 2014).

Na descrição histórica, que perpassa questões culturais, políticas, sociais e econômicas, fica nítida a característica pulsante da região Oeste, que embora de povoamento recente, é alvo de constantes transformações provocadas por fatores internos e externos. Com um grande potencial econômico, parte dele já explorado pelas agroindústrias, a região ainda busca perpetuar divisas, tanto territoriais como identitárias, fruto de um rápido e intenso desenvolvimento que incorreram em erros e acertos históricos, mas que trazem para o presente um complexo contexto a ser entendido e organizado.

3.2 CULTURA IDENTITÁRIA NO TELEJORNALISMO REGIONAL

A crise das identidades não é algo recente, mas se mantém presente atuando sobre os sujeitos e grupos sociais, ora promovendo a união e a convergência cultural, ora criando zonas de tensão e conflito que necessitam ser compreendidas. Regiões em que os mapas que outrora ordenavam o espaço e davam sentido global aos comportamentos estão agora, como descreve Canclini (2008), se desvanecendo. Essa transformação constante dos sentidos culturais age diretamente na constituição ou atualização das identidades, reconfigurando a sociedade. É um fenômeno, no mínimo, intrigante e profundamente relevante de se acompanhar para perceber sua forma e ação em um determinado espaço/tempo. No caso deste estudo, nos instiga compreender o papel atual do telejornalismo local nesse processo.

Para melhor compreender como a cultura identitária se manifesta e atua nos telejornais locais, devemos resgatar parte do contexto histórico de inserção das empresas telejornalísticas na região Oeste. Mais do que isso, buscamos pistas da composição cultural (modos de produção, organização e contexto) do passado e que tenham sobrevivido ou se reconfigurado na atualidade. Não está entre os nossos objetivos o aprofundamento e detalhamento dessa história, visto sua amplitude e exigência analítica, mas aguçamos o olhar sobre os aspectos mais pertinentes para nossa pesquisa, convergindo com os objetivos da análise cultural-midiática.

A história de Santa Catarina também possui marcas de outro fluxo migratório do Rio Grande do Sul, o da comunicação. Cabe aqui fazer um breve relato da trajetória da chegada da televisão ao Brasil, passando primeiro pelo Rio Grande do Sul, depois em Santa Catarina e, por fim, Chapecó.

Em 1950, chega ao Brasil um dos inventos que mudou para sempre a concepção de comunicação de massa no mundo. A televisão, trazida por Assis Chateaubriand para a exibição do primeiro canal de TV da América Latina, a extinta da TV Tupi de São Paulo, fez com que rapidamente surgissem outras emissoras nacionais como a Record, TV Excelsior e a TV Paulista³⁶. Logo a televisão se tornou uma ferramenta mágica para a venda de produtos – todos os tipos de produtos. A televisão se espalhou rapidamente por várias partes do País. No Rio Grande do Sul (RS), por exemplo, o próprio Chateaubriand comandou a instalação da TV Piratini em Porto Alegre, fundada em 1959. Alguns anos depois, em 1962, o empresário e jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho funda, em Porto Alegre, a TV Gaúcha, que mais tarde se tornaria Grupo RBS (Rede Brasil Sul)³⁷. Já no estado de Santa Catarina (SC), até o ano de 1979, existiam apenas duas emissoras, a TV Cultura e a TV Coligadas. Nesse período, o Grupo RBS expandiu sua transmissão com a criação da TV Catarinense, em Florianópolis.

Assim, da mesma forma como os colonos sul-rio-grandenses do século passado cruzaram o Rio Uruguai em busca de novas oportunidades, também os veículos de comunicação televisivos o fizeram. A influência cultural gaúcha se manteve viva no início do século XXI, não apenas para os nascidos em solo sul rio-grandense, mas viva e ativa em terras catarinenses.

A entrada do Grupo RBS no estado foi estratégica e devido ao grande investimento, fora do alcance das outras emissoras locais, os gaúchos são considerados os pioneiros da televisão. Eles trouxeram consigo costumes e práticas típicas da cultura gaúcha, implícitas no fazer televisivo, disseminando-as rapidamente no solo catarinense.

Somente o Grupo RBS, que já tinha um padrão testado no Rio Grande do Sul de produção regional não trouxe inovações nesta concepção, muito embora seja apontado como inovador na forma como administrou e implantou a empresa em Santa Catarina. Do ponto de vista dos formatos dos programas, repetiu as fórmulas de sucesso no estado gaúcho que já tinham uma certa aproximação do padrão de produção da TV Tupi e, mais tarde, da própria Rede Globo. (CAVENAGHI; EMERIM, 2014, p. 142).

Nos três primeiros anos em Santa Catarina, o grupo RBS já contava com outras cinco emissoras e, hoje, a rede atende todas as regiões do estado, comandando seis emissoras, conhecidas como RBS Joinville, RBS Criciúma, RBS Chapecó, RBS Florianópolis, RBS Blumenau e a RBS Centro-Oeste.

³⁶ Foi a segunda emissora de TV a ser fundada na cidade de São Paulo. Hoje é comandada por Roberto Marinho e atual Rede Globo.

³⁷ Filiada desde 1967 à Rede Globo. Hoje possui 12 emissoras somente no estado do Rio Grande do Sul.

As práticas de produção de conteúdos executadas no RS pela Rede Brasil Sul passam a estar cada vez mais presentes no cotidiano da população catarinense. Elas tornam-se fortes referências para o novo sistema de produção que se instalava em SC. Os primeiros profissionais que atuaram na implantação das emissoras no estado deixaram registros que relatam a influência da cultura gaúcha na seleção dos conteúdos dos primeiros programas televisivos locais. Severo e Gomes (2009 *apud* CAVENAGHI; EMERIM, 2014, p. 218), em seu relato histórico sobre a chegada das primeiras emissoras de televisão à Santa Catarina, registram

[...] depoimento de Mário Motta, apresentador da emissora³⁸ nesta época, que demonstra a influência do jornalismo gaúcho na programação da TV lageana: “eventualmente recebíamos por fitas, via ônibus de um dia para o outro, reportagens sobre o Inter, sobre o Grêmio, sobre o Campeonato Gaúcho que eles mandavam como colaboração”.

O esporte, historicamente, foi uma das principais ligações entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esse elo cultural se estende até os dias atuais, em que as notícias dos dois maiores clubes de futebol profissional do Rio Grande do Sul – Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, também conhecidos como ‘a dupla ‘Gre-Nal’ – ainda figuram nos quadros esportivos dos telejornais, mas cada vez com menos espaço devido à ascensão dos clubes catarinenses e da chegada de novas gerações, menos identificadas com os clubes sul-rio-grandenses.

Essa relação da mídia e sociedade atua pela mediação da cultura simbólica do território, como um espaço/tempo vivo, que se relaciona com símbolos e práticas que o manipulam, tornando-o multifuncional. Haesbaert (2004) acredita que território e territorialidade devem sempre ser tratados pelas relações de poder exercidas sobre elas, fazendo-se necessário distinguir aqueles que os constroem (indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como Igreja e etc.).

Presente direta ou indiretamente entre os elementos de diversos movimentos culturais, o fator territorial sempre esteve impregnado de culturas e identidades, atuando também na sua formação. Sodré (1988, p. 23) traz dois conceitos centrais para a compreensão desse fenômeno, território e territorialização, que comungam com as concepções de Haesbaert (2004), mas sob uma abordagem mais cultural. Para o autor, território é o “[...] lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a protoforma de qualquer cultura: sistemas de regras de movimentação humana e de um grupo, horizonte de relacionamento

³⁸ TV Planalto em 1980, que mais tarde seria comprada pelo Grupo Sílvio Santos, se tornando afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT do Brasil.

com o real.” A territorialização é “a força de apropriação exclusiva de um espaço e que resulta de um ordenamento simbólico, sendo capaz de engendrar regimes de relacionamento, relações de proximidade e distância.” (SODRÉ, 1988, p. 14-15).

Ao analisar a questão da formação da identidade nacional, estabelecida e dependente para muitos grupos sociais sob determinados territórios, Hall (2003, p. 51) afirma que “[...] as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre nação, constroem identidades.” No entanto, ele alerta que essas identidades não são capazes de apagar, nem mesmo de subordinar todas as outras formas de diferenças. Sodré (1999) estabelece um paralelo sobre a constituição de identidade afirmando que até mesmo o estabelecimento de um idioma em específico para cada uma das nações acaba por contribuir para a formação da identidade de cada uma delas.

O fator territorial está incluso na lista de matérias-primas que o autor Manuel Castells (1999) acredita contribuir para a constituição da identidade fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Cada indivíduo reorganiza os seus significados em função de tendências sociais e sociedades, projetos culturais enraizados e estrutura de tempo/espaço.

Castells (1999) afirma que, por si só, ambientes locais não induzem um padrão específico de comportamento ou identidade distinta. Movimentos sociais urbanos, através de seus atores sociais, não só pelas conquistas, mas por sua existência, produzem significados, tidos como elementos essenciais para as cidades ao longo da história. Eles se tornaram os principais movimentos de resistência ao movimento unilateral capitalista. Isso gerou um paradoxo de forças políticas com bases cada vez mais locais em um mundo cada vez mais global.

Se no final do século XX as tensões culturais se agravaram devido à chegada de novas tecnologias e modos de produção e à queda de velhos paradigmas, é o século XXI o resultado dessas várias e intrigantes manifestações culturais. Na era da sociedade em rede, os sujeitos, se e quando construídos, não são mais formados com base na sociedade civil, que, segundo Castells (1999), vem se deteriorando. O fenômeno contemporâneo é o de prolongamento da resistência comunal, no âmbito da reconstrução de identidades defensivas. Essa nova forma de construção da identidade na sociedade em rede, para muitos, é gerada pela disjunção sistêmica entre local e global, e também na separação, em diferentes estruturas de espaço e tempo, de poder e experiência. É aqui que o territorial e a territorialização se inserem como elementos-chave, dentre tantos, para a ressignificação de sentidos, sendo eles também, ressignificadas pela ação dos sujeitos e do tempo.

Em um território como o Oeste catarinense, alvo de intensas lutas por terras e ofensivas migratórias, a imprensa se mostra como uma instituição claramente afetada por esses movimentos, evidenciando de diversas formas resquícios de sua formação cultural histórica. Seja pela presença de conteúdos diários ligados à dupla Gre-Nal no jornalismo esportivo, seja pelos diversos programas radiofônicos, colunas em impressos e blogs voltados à cultura gaúcha, italiana e do campo (rural), a cultura dos colonizadores ainda se preserva ativa na região, resistindo às investidas da globalização, relacionando-se intensamente com o território, arraigada em tradições.

No caso do telejornalismo, a produção local busca de várias formas se aproximar da cultura local com o intuito de atrair audiência, de gerar identidade local e de se relacionar com o público. No jornalismo, um dos critérios de noticiabilidade é a ‘proximidade’. Ao analisar essas práticas da imprensa local, autores como Bazi (2001) reforçam a ideia de que o público é sim atraído por informações locais, mas igualmente o são os anunciantes, garantindo a manutenção das emissoras e o lucro. Não está em jogo apenas o dever do jornalismo de informar a região sobre os seus principais acontecimentos, mas também o da empresa de comunicação de atrair o público para o seu ‘negócio’. Nesse sentido, as emissoras aproveitam a tendência dos espectadores em reafirmar suas raízes para cativá-los.

Nessa complexa relação, muitas vezes controversa, é possível observar a seleção de conteúdos e abordagens que evidenciem temas locais. Dessa forma, acreditamos que o telejornalismo local é uma ferramenta de reforço de determinadas tradições, quando as retrata, assim como enfraquece outras, ao evitar abordá-las. Da mesma forma, o telejornalismo local atua como resultado de processos de mediação que agem no momento da seleção de conteúdos e da definição dos formatos desses conteúdos, tornando o próprio telejornal uma fonte mediadora. Se considerarmos que o jornalismo tem o papel de interpretar a realidade local e do mundo para um determinado público, torna-se fundamental manter o olhar crítico sobre essa conduta. O jornalismo local tem uma imensa responsabilidade para a promoção do acesso à informação, da cidadania e do pleno exercício do estado de direito, atuando como fiscalizador social e formador de opinião. No que tange à cultura, o telejornalismo local se configura como uma instituição envolvida em um contexto não apenas histórico, econômico, político e social, mas também territorial.

3.2.1 Jornal do Meio Dia da RicTV Record Chapecó

Em 1989 iniciou em Chapecó a transmissão do segundo canal de televisão do município e região, a TV O Estado, que pertencia ao Sistema Catarinense de Comunicação (SCC), do empresário Mário Petrelli, afiliada, na época, ao Sistema Brasileiro de Telecomunicações (SBT). No ano de 2000, SCC passa a se chamar Rede Santa Catarina de Comunicações (Rede SC), ainda com transmissão do SBT. Em 2008 a Rede SC passou por um processo de fusão com a Record SC, afiliada da Record. Em primeiro de fevereiro daquele ano surgiu a Rede Independência de Comunicação (RicTV Record), com emissoras em Florianópolis, Joinville, Blumenau, Criciúma, Chapecó, Itajaí e Xanxerê, além do canal Record News, em Florianópolis e Xanxerê, e também quatro jornais impressos diários.

As emissoras pertencentes ao Grupo Ric atuam com programação nas áreas do entretenimento e informação (jornalismo). Os programas Balanço Geral, SC no Ar, Jornal do Meio dia, Ver Mais, Cidade Alerta, Ric Notícias e Ric Rural são produzidos em Florianópolis e em parte pelas demais sucursais do estado. Alguns deles possuem apresentação e produção totalmente local, como é o caso em Chapecó do Jornal do Meio Dia, do Ver Mais e do Ric Rural. Atualmente, a RicTV Chapecó abrange 54 municípios³⁹.

Dentro da área da mesorregião Oeste catarinense (composta por 98 municípios) o Grupo Ric também possui emissoras sucursais em Xanxerê (Ric Record Meio-Oeste) e Concórdia (RicTV Record Chapecó), com os telejornais Jornal do Meio Dia Xanxerê e Jornal da Uma Concórdia. Este último é produzido e apresentado em Concórdia, mas veiculado pela Ric Chapecó no horário das 13 horas, com duração de 15 minutos.

O programa Jornal do Meio Dia de Xanxerê é produzido e apresentado localmente e exibido na área de cobertura da microrregião de Xanxerê, que compreende 17 municípios, integrando sua programação jornalística com o Jornal do Meio Dia de Joaçaba, que também atende a microrregião de Joaçaba, composta por 27 municípios. Ambas pertencem à RicTV Record Meio-Oeste, que apesar da nomenclatura, tem sua duas microrregiões (Xanxerê e Joaçaba) pertencentes à mesorregião Oeste catarinense.

Criado em 2000, o programa Jornal do Meio Dia se tornou diário pela Rede SC em Chapecó, chegando até os lares de vários municípios do Oeste catarinense. Mesmo com a troca da emissora de Chapecó para a RicTV Record, o programa se manteve com o mesmo nome e o

³⁹ Dados disponíveis em: <<http://ricmais.com.br/sc/comercialric/wp-content/uploads/2013/04/Atlas-de-Cobertura-2013-IPC-2013.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

mesmo formato. O Jornal do Meio Dia passou a ser o concorrente⁴⁰ direto do Jornal do Almoço da RBSTV, gerando comparações e buscando se diferenciar no estilo de fazer telejornalismo.

No período de nossa pesquisa, o telejornal contava com dois apresentadores fixos (Elizandra Gomes e Eduardo Prado), um apresentador da editoria de esporte (Renan Agnolin⁴¹), um comentarista esportivo (Sérgio Badalotti) e três repórteres (Fernanda Moro, Diego Antunes, Leticia Ferrari, Murilo Souza⁴²), a gerente de jornalismo (Diana Bordin⁴³), uma pauteira (Angel Kramer), um produtor (Matheus Graboski) e dois estagiários que auxiliam na produção. A partir do segundo semestre de 2016, exclusivamente nas edições de sábado do telejornal, a apresentação passou a ser feita pelo deputado federal e ex-prefeito de Chapecó, João Rodrigues (do Partido Social Democrata – SC) e com reportagens de Jotha Biavatti⁴⁴. O programa conta com uma hora e 15 minutos de duração, sendo que 60 minutos são de conteúdos jornalísticos, sem comerciais.

Uma característica do telejornal é a presença do merchandising dentro do bloco jornalístico, que é veiculado sempre no final de cada um dos cinco blocos pelos apresentadores, assim como o quadro Maleta da Sorte, voltado ao entretenimento, que por meio da interação com o público (por telefone) oferece um valor em dinheiro para o acertador da palavra secreta.

Os dois primeiros blocos são destinados à divulgação de notícias em geral. O terceiro bloco é voltado exclusivamente ao esporte e os dois últimos ao quadro chamado ‘Comunidade’, focado em assuntos policiais e emergência. Segundo a coordenadora de jornalismo, esse formato de conteúdo e dos blocos continua o mesmo há sete anos.

3.2.2 Jornal do Almoço da RBSTV de Chapecó

A RBSTV Chapecó pertence ao Grupo RBS, filiada à Rede Globo de Televisão. Fundada em 1957 por Maurício Sirotsky Sobrinho, a emissora sul-rio-grandense expandiu sua área de atuação também para Santa Catarina no final dos anos 1970, somando, atualmente, 18

⁴⁰ Dados sobre a audiência. Em busca realizada na internet, encontramos dados de uma pesquisa promovida pela RicTV Record e a Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) divulgados no site Acontecendo Aqui, em 17 de julho de 2013. A pesquisa aponta que o Jornal do Meio Dia (RicTV) possui 46% da preferência em Chapecó e o telejornal do mesmo horário, identificado pela letra G, detêm 31%, seguidos de 2% da emissora S e 2% da emissora B. Disponível em: <<http://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/rictv-record-divulga-resultado-de-pesquisa-de-audiencia-em-chapeco-realizada-pela-unoesc>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

⁴¹ Vítima da queda do avião da Chapecoense, em 29 de novembro de 2016.

⁴² Na segundo semestre o repórter deixou a equipe da RicTV para integrar a equipe da RBS TV Joaçaba.

⁴³ Há 10 anos na RicTV Chapecó como repórter, editora e atuando como gerente de jornalismo de 2012 a 2016.

⁴⁴ Vítima da queda do avião da Chapecoense, em 29 de novembro de 2016.

emissoras de TV aberta, duas emissoras de TV locais (TV COM), 24 emissoras de rádio e oito jornais, além de plataformas on-line.

Em Chapecó, a RBSTV foi inaugurada em 1983 e possui forte presença na região, atuando não apenas no meio televisivo, mas também com um jornal diário – Diário Catarinense – e uma emissora de rádio – Atlântida.

A licença para operar um canal em Chapecó foi concedida a Darci Lopes, fundador da TV Cultura de Florianópolis que, mesmo antes do início das operações, teve o canal vendido para Petrelli, colocando no ar, em 23 de abril de 1982, a TV Cultura de Chapecó exibindo a programação do SBT. Um ano depois do início das operações, Mário Petrelli vende a emissora para o Grupo RBS. (CAVENAGHI; EMERIM, 2014, p. 141).

Atualmente, o Grupo RBS conta, em Santa Catarina, com a RBSTV de Florianópolis, Blumenau, Joinville, Centro-oeste, Chapecó e Criciúma, os jornais Diário Catarinense, Hora de Santa Catarina, A Notícia e Jornal de Santa Catarina e as rádios CBN Diário, além das emissoras da Itapema e Atlântida em Santa Catarina. Os programas produzidos pelo grupo são voltados à informação e ao entretenimento: Bom Dia Santa Catarina, Jornal do Almoço, RBS Notícias, Campo e Lavoura, Vida e Saúde, Mistura com Camille Reis e Globo Esporte SC.

Na região Oeste, além da RBSTV Chapecó, a RBSTV Centro-Oeste também abrange municípios que pertencem à mesorregião Oeste de Santa Catarina. Com sede em Joaçaba e sucursal em Lages, a emissora abrange as macrorregiões Meio-Oeste e Serra catarinenses.

O Jornal do Almoço é o único programa televisivo produzido pela emissora em Chapecó. Na época de nossa análise, a equipe do Jornal do Almoço de Chapecó contava com dois apresentadores (Eveline Poncio e Cleiton César), um comentarista (Darci Debona), uma editora responsável (Juliana Vinhas), coordenador de jornalismo (Gilmar Luiz Fochessato⁴⁵) e também com três repórteres (Isabella Fernandez, Isabel Medeiros e Giovani Klain⁴⁶). A apresentação da editoria de esporte é dividida entre o apresentador Cleiton César e os repórteres.

A RBSTV Chapecó possui em sua grade de programação diária local, desde 1997, a produção de quatro blocos do Jornal do Almoço (JA), sendo um deles produzido por Florianópolis. Antes, predominava o conteúdo produzido por Florianópolis em todo o telejornal. O JA conta com aproximadamente 45 minutos de produção com informações regionais e

⁴⁵ Gilmar está há 20 anos na RBS TV, 15 deles em Chapecó, onde atuou como repórter, apresentador, editor e coordenador de jornalismo. Em 2016 ele também passou a coordenar a RBSTV Centro-Oeste, que sofreu alterações na sua estrutura e modos de produção no mesmo ano. A sucursal deixou de apresentar conteúdos de Lages e Joaçaba, passando a exibir o Jornal do Almoço apresentado por Florianópolis. Gilmar coordena uma equipe de reportagem (repórter e cinegrafista) em Lages e outra em Joaçaba que produzem conteúdos das regiões do Meio-Oeste e da Serra catarinense para as demais sucursais do estado.

⁴⁶ Vítima da queda do avião da Chapecoense, em 29 de novembro de 2016.

estaduais. O primeiro e o segundo blocos do telejornal são destinados a editorias em geral, o terceiro bloco é voltado ao esporte, o último bloco costuma receber diversas editorias.

Cabe ressaltar que em março de 2016 foi anunciada a venda do Grupo RBS de Santa Catarina para um grupo de empresários, se desvinculando do Grupo RBS do Rio Grande do Sul, que segue normalmente com as atividades na área da comunicação. Apesar do fato, segundo o coordenador de jornalismo da RBSTV de Chapecó, nenhuma orientação atípica foi repassada para a produção jornalística em 2016, devendo ela permanecer com as mesmas premissas já instituídas pelo Grupo RBS. A conclusão da transição para os novos gestores pode levar até dois anos⁴⁷.

⁴⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/03/rbs-vende-suas-operacoes-em-santa-catarina.html>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

4 ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA DOS TELEJORNAIS

Este capítulo traz uma análise do objeto desta pesquisa, focado nas 16 edições dos telejornais de forma individual e comparativa. Relacionamos as questões mais marcantes detectadas na pesquisa, ao mesmo tempo em que tecemos uma leitura geral desse material, identificando padrões e diferenças. Intercalamos, quando pertinente, os conteúdos extraídos das entrevistas com os coordenadores de jornalismo das emissoras.

Consideramos adequada uma breve contextualização dos dados gerais coletados nesta pesquisa. No período de coleta de maio (do dia 18 ao 21) e agosto (do dia 22 ao 26) foram identificados, no total, 53 reportagens, 20 notas simples, 41 notas cobertas, 15 comentários, 13 entrevistas, 14 boletins. Para caracterizar e facilitar a compreensão do leitor, seguimos as classificações de gêneros de Rezende (2000), que divide os telejornais em informativo e opinativo. O gênero informativo contém em sua subdivisão cinco formatos: a nota – tida como um relato sintético e objetivo de um fato, que pode apresentar-se como nota simples (texto lido pelo apresentador) e nota coberta (quando o texto é acompanhado de imagens); a notícia – narração ao vivo de um texto com exibição de imagens; reportagem – formato que explora de forma mais ampla o acontecimento, com estrutura completa, cabeça, *off*, boletim, sonora e nota pé com intervenção do repórter; a entrevista – diálogo entre jornalista e um convidado; e indicador – matérias de caráter utilitário ou serviço.

Dentro do gênero opinativo, segundo Rezende (2000), as emissoras expõem suas opiniões ou as opiniões das equipes de jornalismo. Elas são divididas em três formatos: o editorial – geralmente lido pelo apresentador do telejornal, expressa a opinião da emissora sobre determinada questão; o comentário – analisa ou interpreta os fatos cotidianos em determinadas áreas; e a crônica – trata de fatos reais utilizando de recursos literários em seu texto.

Os telejornais somaram cerca de 620 minutos de transmissão de conteúdo (sem publicidade, comerciais e *merchandising*)⁴⁸, tendo cada edição do Jornal do Almoço (RBSTV) o tempo médio de duração de 37 minutos de produção editorial (das 12h às 12h45) e o Jornal do Meio Dia (RicTV) a média de 40 minutos (das 12h às 13h). Ambos os telejornais dividem seus conteúdos em blocos (quatro blocos na RBS e cinco na RicTV), que separam e agrupam

⁴⁸ Embora seja um importante elemento para análise da televisão, não contemplaremos a publicidade em torno do telejornal, visto que o foco do estudo está direcionado especificamente para conteúdos jornalísticos. Cabe comentar que o Jornal do Meio Dia (RICTV) possui *merchandising* em meio aos blocos jornalísticos, os quais também não serão trazidos neste trabalho.

editorias clássicas de jornalismo como esporte, geral, economia, segurança, educação, cultura e etc. Dos dados analisados, destacamos aqueles em que identificamos a presença mais expressiva de elementos relacionados à cultura e à identidade da região.

4.1 SUJEITOS E INTERAÇÕES FIXOS DOS TELEJORNAIS

Na análise dos ‘Sujeitos e Interações’ é necessário tratar dos apresentadores, pois eles são parte importante do contexto enunciativo dos textos produzidos pelos telejornais. Por se tratar do primeiro subcapítulo da análise, trouxemos certos contextos da produção dos telejornais e também de conteúdos para contribuir com a compreensão do cenário em que os sujeitos fixos estão imersos. A análise propriamente dos conteúdos será realizada em subcapítulo próprio, mais adiante.

Na RBSTV a bancada do Jornal do Almoço de Chapecó é comandada por um casal de âncoras e um comentarista que ganham a companhia de repórteres em boletins dentro e fora do estúdio e em reportagens. O telejornal possui ainda um apresentador fixo para a previsão do tempo, o meteorologista Leandro Puchalski (gravado em Florianópolis) e uma comentarista política, Carolina Bahia (gravado em Brasília). Essa estrutura se manteve a mesma em ambos os períodos de coleta das edições analisadas.

Figura 5 – Apresentadores do Jornal do Almoço no estúdio – Eveline, Cleiton e Darci.



Fonte: Frame Jornal do Almoço coletado em 17 de maio de 2016.

Na RicTV, a bancada do Jornal do Meio Dia, coletado em maio de 2016, também possuía um casal de apresentadores e o mesmo formato de participação de repórteres e convidados da RBSTV. Dentre os apresentadores fixos o telejornal possuía uma apresentadora da previsão do tempo no primeiro semestre, Gisele Borba, e Rafaela Arns no segundo semestre (também gravado em Florianópolis) e dois apresentadores do bloco esportivo, Renan Agnolin e Sérgio Badalotti. No material coletado em agosto, também percebemos alteração no quadro de apresentadores fixos. A jornalista Elizandra Gomes deixou a apresentação do telejornal do meio-dia para assumir outro programa da RicTV de Chapecó, o Ver Mais, assim como o repórter Murilo Souza, que deixou a RicTV de Chapecó e foi para a RBSTV Centro-Oeste.

Figura 6 – Apresentadores do Jornal do Meio Dia no estúdio – Elizandra e Eduardo à esquerda e os apresentadores de esporte Renan e Sérgio à direita.



Fonte: Frames do Jornal do Meio Dia coletado em 17/05/2016 e 18/05/2016.

Dentro das convenções culturais que o telejornalismo criou no Brasil está o figurino de seus apresentadores e repórteres. A maioria dos sujeitos fixos das duas emissoras analisadas, que atuam dentro do estúdio, está formalmente vestida (terno com ou sem gravata para homens, e vestido ou calça/saia média com blusa e/ou terno para as mulheres) deixando a exceção, muitas vezes, para os repórteres e a dupla de apresentação do bloco esportivo da RicTV, que se permite vestes mais informais, como camisas polo e camisetas com calça jeans e tênis.

Além da construção de uma imagem culta e profissional, de credibilidade, atribuída às premissas do *ethos* jornalístico, no figurino, ambas as emissoras se equiparam, não representando propriamente uma região, mas sim um modelo nacional facilmente reconhecido no telejornalismo brasileiro contemporâneo. A exceção está presente em períodos de baixa temperatura climática, típicas da região sul do País, em que os repórteres em externas são expostos, promovendo uma série diferenciada de estilos e conjuntos.

Aos personagens fixos dos telejornais cabe a função de informar, comunicar e reproduzir a informação, sendo que a maioria segue estilo padrão de apresentação do telejornalismo brasileiro. Entre eles, se diferencia dos demais o apresentador da RicTV, Eduardo Prado. Com uma personalidade característica de apresentação e comentários opinativos, o apresentador do Jornal do Meio Dia se expressa de forma mais incisiva, variando do alegre e bem-humorado ao tenso e nervoso, dependendo do tema tratado. Ele possui o maior tempo de fala e presença no ar entre os apresentadores dos dois telejornais, muito pelos comentários e narrativas dos fatos, mas também pelo tempo maior de duração do telejornal que apresenta. A partir de julho de 2016, o apresentador perdeu sua parceira de bancada para o programa Ver Mais, passando a ancorar sozinho o Jornal do Meio Dia de Chapecó de segunda a sexta-feira. Segundo a coordenadora de jornalismo na época, Diana Bordin, a troca ocorreu em virtude da saída do então apresentador do Ver Mais (Thiago Freitas). A escolha de Elizandra Gomes para substituí-lo se deu em função de ela ter perfil adequado para o programa de variedades.

O estilo de fala, por vezes interiorano, por vezes coloquial do apresentador da RicTV evidencia um formato mais despojado na apresentação. Com um leve reforço na pronúncia do ‘r’ o apresentador remete ao dialeto, muitas vezes, associado ao ‘gaúcho’. Expressões como ‘tchê’, ‘barbaridade’ e ‘bah’, coletados no período de análise, são indícios de uma manifestação cultural da região sul brasileira e também da gauchidade no seu modo de comunicar. O mesmo formato de linguagem verbal é apresentado por um dos comentaristas esportivos da RicTV (Sérgio Badalotti), mas em menor proporção. O estilo de apresentação do âncora do telejornal busca a aproximação com o público de forma explícita ao tratá-los por ‘meu amigo e minha amiga’, além de utilizar expressões regionais conhecidas, como ‘bicho véio’, usadas como interjeição.

Segundo a coordenadora de jornalismo da RicTV de Chapecó, Diana Bordin, a emissora segue um padrão de seleção de seus apresentadores do Jornal do Meio Dia que tende a seguir traços culturais específicos de cada região. Ela cita exemplos como o ocorrido na sucursal de Blumenau, que possui um histórico recente de apresentadores muito identificados com a cidade. Os repórteres e apresentadores da RicTV de Chapecó são todos da região Oeste catarinense. Ainda, segundo a coordenadora, para a apresentação do telejornal é procurado um perfil de profissional que geralmente é encontrado em profissionais do rádio em cada região. Ao justificar o formato de apresentação do Jornal do Meio Dia e sua relação muitas vezes informal e opinativa com o público, a coordenadora acredita que a sociedade necessita de reforços de conceitos morais e éticos constantes. Os apresentadores tendem a emitir juízos de

valor em relação a muitos casos, principalmente os mais polêmicos ligados à segurança, violência, problemas sociais e etc. Segundo ela, o retorno do público acaba sendo muito positivo, expressado por meio de ligações e manifestações em redes sociais da emissora e pessoalmente para o apresentador (Eduardo). Muitas vezes, mesmo quando são expressos posicionamentos ‘lógicos’, como a necessidade de segurança em uma região esquecida pelo poder público, o retorno da audiência é favorável e imediato.

De forma muito sutil, em ambos os telejornais, é possível perceber a presença desse estilo de apresentação que remete à gauchidade e à região de colonização europeia, em contraste marcante com a total ausência do estilo ‘litorâneo’ ou ‘manezinho’, por exemplo, caracterizado pela influência da colonização portuguesa daquela região de Santa Catarina. Nem mesmo os apresentadores da previsão do tempo dos dois telejornais (ambos produzidos em Florianópolis) e a comentarista política (Brasília) da RBSTV, apresentam sotaque destoante dos demais apresentadores das emissoras da região e seguem um estilo mais próximo do encontrado no padrão nacional de telejornalismo.

Detectamos em todas as edições do JA de Chapecó de agosto reportagens produzidas em outras sucursais do estado e também da Rede Globo, como a série ‘Por uma cidade mais inteligente’. Apresentada pelo repórter Rogério Coutinho, do Rio de Janeiro, a reportagem não contém identificação referente à emissora responsável, como a estampa no microfone com a logo da RBSTV ou da Rede Globo. Nesses conteúdos foi usado microfone de lapela. Essa preocupação em não regionalizar o repórter por meio de características culturais marcantes representa uma possível preocupação das emissoras em manter um padrão de apresentação dos telejornais que siga certas diretrizes nacionais ou até mesmo ‘a-regionais’⁴⁹. Cabe comentar que as imagens dos cenários apresentados nas reportagens e também no crédito dos repórteres, quando aparecem no vídeo, tornam possível ao público supor o local ou região em que a reportagem foi produzida ou por onde ela passou. Um exemplo é a série ‘Por uma cidade mais inteligente’, que mostra paisagens famosas do Rio de Janeiro, evidenciando que o conteúdo não foi produzido na região sul do País.

Em entrevista com o coordenador de jornalismo da RBSTV de Chapecó, Gilmar Luiz Fochessato, foi possível conhecer mais sobre a história do Jornal do Almoço de Santa Catarina e em especial de Chapecó. No tocante a esta pesquisa, registramos o protagonismo da emissora do Oeste catarinense em iniciar um movimento de regionalização do conteúdo dos JAs em Santa Catarina, que desde 1979 era apresentado de Florianópolis para todo o

⁴⁹ Criamos este termo para descrever a ação de eliminar ou evitar traços regionais.

estado com cerca de 90% de conteúdos da capital e 10% das demais sucursais (por meio de reportagens e participações de repórteres ao vivo). Segundo Gilmar, percebeu-se a necessidade do público da região em acessar mais notícias locais, invertendo a lógica de produção. Em 1997, iniciando por Chapecó, o Jornal do Almoço começou a ser produzido e apresentado pela emissora local, restando apenas dois dos cinco blocos para apresentação de Florianópolis e conteúdos de caráter estadual. Ainda, segundo Gilmar, a emissora se propôs a promover a regionalização de seus conteúdos pela ampliação da produção e apresentação locais, entendendo a importância social dessa ação. Em 2010 ocorreu outra mudança significativa no programa, iniciada desta vez pela sucursal de Joinville. Os JAs de todas as sucursais passaram a ter 100% da apresentação local (todos os blocos), assim como na produção de conteúdos que passou a privilegiar ainda mais temas regionais. Essa alteração chegou à sucursal de Chapecó em 2015. Houve uma preocupação das equipes de jornalismo, segundo Gilmar, para não deixar que este novo foco impedisse a entrada de conteúdos relevantes de outras regiões do estado e até mesmo de fora dele. Para o coordenador de jornalismo da RBSTV de Chapecó, hoje, “[...] cada Jornal do Almoço tem a cara da sua região, não apenas por ter essa liberdade de ter 100% da produção local, mas também porque cada região é muito diferente uma da outra em Santa Catarina. São características diferentes.”⁵⁰ Como resultado, houve um retorno positivo imediato do público na época e que se estende até os dias atuais. Uma mudança que também afetaria a relação entre a apresentação do telejornal e o público.

Além de evidenciar a percepção de que as regiões de Santa Catarina são diferentes entre si, com características particulares, o coordenador também relatou como essa diversidade interfere na definição dos conteúdos e inevitavelmente seus formatos de apresentação. Se o telejornal é a cara da região, como consequência do modo de ser regional, os apresentadores são parte importante dessa construção. Sem dúvida, existem certos padrões que devem ser atendidos para que apresentadores de estúdio e repórteres contribuam para essa representação. Da mesma forma, a concepção de região desenvolvida pela equipe de jornalismo e pela emissora (o modo como significam os elementos dessa cultura identitária regional) trata de selecionar determinados aspectos para compor essa identidade regional, reforçando uns e inevitavelmente excluindo outros.

Quando o coordenador de jornalismo da RBSTV Chapecó afirma que há 100% de liberdade para a produção local, é reforçada a ideia de que o telejornal representaria fielmente

⁵⁰ Gilmar Luiz Fochessato, em entrevista concedida ao autor em 18 de janeiro de 2017.

a identidade e cultura da região. Faz-se necessário questionar se essa condição é fator fundamental e eficiente na representação da região a ponto de considerar que o telejornal tem ‘a cara da região’. Talvez, o Jornal do Almoço tenha ‘uma das caras da região’. Ou seja, a liberdade para a produção local automaticamente garantiria que o telejornal representasse ‘a cara’ da região, apesar de toda a sua complexidade e diversidade. É plausível considerar que a dita ‘liberdade de produção local’ contribua, em algum nível, para promover um autorretrato mais fiel da região em que a emissora está inserida. Porém, ela não pode ser considerada determinante para esse resultado, até porque o telejornal seleciona uma pequena parcela dos fatos contemporâneos e históricos que compõem a região, compartimentados em editorias e filtrados pela linguagem jornalística que segue as instruções editoriais da empresa a que pertence.

Nessa mudança de hábitos de produção e exibição do JA em Santa Catarina, alguns programas deixaram de ser transmitidos em algumas sucursais da RBSTV, como, por exemplo, o quadro do colunista Cacau Menezes⁵¹. Nele eram abordados temas culturais, agenda de eventos e atualidades sobre os mais diversos assuntos. Segundo o coordenador de jornalismo, desde 1997 o conteúdo de Cacau não é mais exibido para o Oeste do estado. O colunista ainda atua no Jornal do Almoço e tem seu quadro exibido pelas emissoras de Florianópolis e Criciúma.

Quando a direção de Florianópolis da RBSTV decide não mais exibir determinados quadros produzidos e apresentados em Florianópolis devido à incompatibilidade com o público da região Oeste, se percebe uma regulação atuando sobre o que é aceito ou não no telejornal. Essa regulação ocorreu por parte do público, que segundo Gilmar, teve voz ativa no processo, reconfigurando a estrutura do telejornal. É possível também que a mudança tenha sido influenciada mais pela equipe do telejornal de Chapecó do que pelo público, ou mesmo protagonizada pelas percepções dos diretores de Florianópolis, que são quem efetivamente costumam tomar decisões de tal cunho.

A possibilidade de redução na audiência é outro fator importante e também pode ter atuado na decisão. Pouca audiência pode significar diminuição de verba dos patrocinadores, prejudicando os negócios da empresa de comunicação, assim como contrapondo as intenções jornalísticas de contribuir com a sociedade se relacionando com o público da forma mais construtiva possível.

⁵¹ Colunista do Jornal do Almoço, em Florianópolis, desde 1979, Cacau Menezes é conhecido pelo seu estilo fortemente ligado à cultura litorânea de Santa Catarina, evidenciado tanto pelo conteúdo de seus comentários como também pelo sotaque típico da região.

A força social, econômica e política que atuou sobre esse fato histórico demonstra a predominância de uma cultura dominante que não permite/permitiu a entrada de elementos ‘de fora’, mesmo que pertencentes ao mesmo estado da federação. Tal hipótese, somada ao fato de não haver recentes inserções na programação do telejornal de quadros e apresentadores que destoem das características que se colocam como hegemônicas em Chapecó e região, indica certo protecionismo ou recusa por parte do público (e internalizada pela emissora) em negar as representações identitárias que caracterizem outros povos do mesmo estado. Trata-se de um movimento institucional contemporâneo, de origem social e institucional, contrário aos verificados a partir da década de 1930, quando ações políticas ligadas ao Estado buscavam a homogeneização de uma cultura estadual sobre uma única concepção cultural do povo e das regiões catarinenses. Essa reação do público, percebida na década 1990, que passou pelo telejornalismo, transformando a apresentação das sucursais da RBSTV, representa a emergência de um novo sentido de região e de estado ligado à diversidade cultural de Santa Catarina, porém relacionada às particularidades (e tensões) de cada região.

Entendemos que o fenômeno da padronização jornalística dos apresentadores se repete em outras regiões do País ao pensarmos como causaria estranhamento ao público a apresentação de um telejornal da região Nordeste por alguém com fortes características da região Sul e vice e versa. Porém, o que trazemos para a discussão reside no fato de, dentro de um mesmo território federativo (Santa Catarina), haver divisões culturais que impõem limites (ou divisas), refletidas nos telejornais. Levando em conta o histórico distinto do povoamento do estado e também suas relações sociais e culturais, é possível relacionar na contemporaneidade a existência de um sentimento de disputa ou negação de uma cultura identitária que não condiga com a do Oeste do estado, mesmo que catarinense. Aqui, percebem-se certos traços de uma cultura identitária regional, que se caracteriza não apenas pelas semelhanças, mas pelas marcações da diferença.

Analisando a circunstância de as sucursais da RBSTV Florianópolis (mesorregião Grande Florianópolis) e Criciúma (mesorregião Sul) exibirem o quadro de Cacau Menezes, enquanto as demais sucursais da emissora, com apresentação local (Chapecó, Joinville e Blumenau), não o exibem, explicita-se como as negociações culturais identitárias podem variar em um mesmo Estado (político e geográfico), baseadas não apenas na diferença, mas desta vez, nas semelhanças. Não está em jogo apenas o esforço de se priorizar a produção telejornalística local, mas também de atender demandas estruturadas pela cultura contemporânea de cada região que atuam como mediação nos telejornais. Nesse caso, é possível que as regiões da Grande Florianópolis e Sul compartilhem certos elementos

culturais identitários, eleitos como tradição, que tornam o quadro no mínimo aceitável para seus públicos, ou mesmo um tremendo sucesso, seja pelo formato e/ou pelo conteúdo.

Outro aspecto identificado na apresentação do *Jornal do Almoço* está na busca pelo relacionamento entre apresentadores e o público, manifestado de diversas formas durante o período de coleta das edições. Um exemplo emblemático ocorreu no programa de aniversário de Chapecó (25 de agosto), quando o casal de apresentadores comentam entre si suas condições de nascido em Chapecó (Cleiton) e de acolhida pelo município (Eveline). A intenção do discurso é demonstrar como o município é um bom anfitrião, motivo de orgulho para quem nasceu ou veio de outra região residir em Chapecó, corroborando o conteúdo de um vídeo especial, referente ao aniversário da cidade, exibido anteriormente. A estratégia do telejornal consiste em se aproximar do público criando empatia, vinculando-se a Chapecó e suas virtudes. O município e algumas de suas características positivas são evocados na apresentação e absorvidos, tornando Chapecó o elo entre o telejornal e seu público. Nesse momento, são ignoradas as características históricas e atuais negativas, privilegiando aspectos bons do município e seu povo, que são reforçadas pela experiência dos apresentadores.

Ao mesmo tempo em que se relacionam com os clubes de futebol de Chapecó e do Rio Grande do Sul, as demais equipes de Santa Catarina ocupam um lugar secundário nos telejornais. Na edição do dia 23 de agosto o apresentador do *Jornal do Almoço*, Cleiton Cesar, ao encerrar o telejornal chamando o público para assistir ao *Globo Esporte*, afirma: “Veja [...] as informações da dupla da capital, Avaí e Figueirense. Os dois times da capital estão sem treinador. [...] E é claro, as notícias da **nossa** Chapecoense no *Globo Esporte*”. Trouxemos esse exemplo por ser emblemático em relação ao que ocorre muitas vezes quando os apresentadores e repórteres tratam da Chapecoense. É possível afirmar que os sujeitos fixos de ambos os telejornais ‘torcem’ para a Chapecoense e conseqüentemente representam o posicionamento das emissoras (RBSTV de Chapecó e RicTV de Chapecó).

É possível perceber no *Jornal do Meio Dia* (RicTV), enquanto estratégia da emissora, uma tentativa mais clara de relacionamento com o público através de aspectos da cultura gaúcha e do interior (regiões rurais) do Oeste catarinense, ou o que o apresentador do telejornal (Eduardo) descreve como ‘comunidade’⁵². A apresentação do telejornal, muitas vezes, abre mão do formalismo e neutralidade das expressões da língua. O telejornal da

⁵² Em vários momentos nas edições coletadas por esta pesquisa, o apresentador afirma se comunicar com/para a ‘comunidade’, referindo-se ao público em geral, mas que denota muitas vezes a um sentido mais restrito de público, talvez mais relacionado às camadas sociais mais humildes ou que não detém certo poder (econômico ou político). Ao mesmo tempo, podemos entender em outros textos do telejornal que a ‘comunidade’ representa toda a população de abrangência da emissora ou da região Oeste catarinense.

RicTV busca aproximação e relação com elementos culturais por meio da fala de seu apresentador principal (Eduardo⁵³) e de seu comentarista esportivo (Sérgio⁵⁴). A presença do sotaque gaúcho e interiorano, mesmo que concentrada em dois personagens fixos, revela uma possível regulação promovida não apenas pela emissora, mas pela sociedade (o público). Em comparação com o Jornal do Almoço (RBSTV), o telejornal da RicTV reforça claramente características de determinadas culturas históricas e regionais e atua na manutenção de elementos tradicionais. Esse fenômeno cultural sustenta a cultura histórica na atualidade, negociando ao mesmo tempo com um formato padrão de telejornalismo nacional e evitando ou excluindo sotaques marcantes dissonantes dos da região Oeste catarinense. São aspectos selecionados pelo telejornal, que como parte do processo de seleção das tradições (WILLIAMS, 1979), acabam por deixar de fora outros elementos, também presentes na formação histórica e cultural da região Oeste catarinense e do estado de Santa Catarina.

De modo geral, essas condições na apresentação dos conteúdos de ambos os telejornais refletem os limites do que é aceito ou não como cultura identitária regional. O que é selecionado ou não para compor o estilo de apresentação dos telejornais é determinado pelo que está estabelecido como tradicional na sociedade, consequência da regulação social (sua preferência).

O resultado desse tipo de formato de apresentação e postura dos sujeitos fixos dos telejornais em Chapecó revela o papel dessa mídia em reforçar a cultura dominante regional, evitando elementos emergentes, neutralizando sempre que possível o que é diferente ou minoria. As equipes de reportagem de ambas as emissoras não possuem negros, indígenas, caboclos, nem apresentam características marcantes da cultura litorânea, do ‘manezinho’, do argentino, do paranaense e de outras regiões que fazem divisa ou fronteira com o Oeste catarinense. É possível relacionar na atualidade a influência da colonização da região como um reflexo do modo de apresentação dos telejornais e também no modo como os apresentadores se relacionam com o território e sua sociedade. Ele se expressa de forma mais evidente no Jornal do Meio Dia e de forma mais sutil no Jornal do Almoço, que tende a suprimi-lo em seu cotidiano.

A apresentação dos telejornais acaba por reforçar certos elementos estabelecidos (ou aceitos) na cultura regional, sendo possível perceber, com base na coleta de dados, que ambos preferem manter-se próximos do público e da região, reproduzindo elementos da cultura

⁵³ Natural do município de Caçador, no Meio-Oeste Catarinense. Reside em Chapecó desde 2006, quando iniciou a apresentação do Jornal do Meio Dia.

⁵⁴ Natural de Chapecó, atua como colunista esportivo da RicTV desde 2000, tendo ingressado ainda quando a emissora pertencia ao SBT.

identitária da região e dos padrões telejornalísticos nacionais. Essa fusão de elementos trazidos para o formato de apresentação opta por não correr riscos ou gerar conflitos com a cultura dominante no Oeste catarinense. Logo, segue-se um padrão que oscila entre o modelo nacional de telejornal e um modelo mais local, com características e afirmações dos apresentadores que se relacionam com a região.

Diferente do padrão apresentado no primeiro semestre de 2016, a edição de sábado do Jornal do Meio Dia ganhou caráter de ‘edição especial’ e passou a ser apresentada pelo então deputado federal João Rodrigues⁵⁵ a partir de julho de 2016, com o acréscimo à equipe de reportagem de Jotha Biavatti. Em entrevista com a coordenadora de jornalismo da RicTV, Diana Bordin, nos foi descrito que a inserção do deputado na apresentação do telejornal foi uma decisão tomada pela gerência estadual da emissora. Segundo ela, embora não seja contratado da empresa (contrato terceirizado), foram dadas a ele, também, funções editoriais compartilhadas com a equipe da emissora de Chapecó em relação aos conteúdos que seriam exibidos nas edições de sábado.

João Rodrigues, assim como Eduardo Prado, também possui um perfil de apresentação característica da região Oeste catarinense e do Sul do País. O principal diferencial entre os dois, constatado pela nossa pesquisa e corroborado pela então coordenadora de jornalismo da emissora, está na exploração de conteúdos mais polêmicos por parte de João. A edição de sábado também conta com apresentações artísticas, ligadas ao entretenimento, interatividade com o público pela participação via aplicativo *WhatsApp*. O jornalismo se insere ainda mais em um contexto de entretenimento e fica restrito à factualidade de conteúdos de maior apelo emocional como tragédias (acidentes, assassinatos, assaltos) e auxílio a pessoas com necessidades financeiras, de saúde e etc.

Em nosso *corpus* registramos na edição do Jornal do Meio Dia do dia 27 de agosto uma reportagem que resgatou um caso ocorrido em 1995 no município de Águas de Chapecó, no Oeste catarinense. Segundo a reportagem de Jotha Biavatti, um jovem assassinou parte da própria família com o intuito de herdar terras onde supostamente haveria pedras preciosas. Na edição do telejornal, o mesmo repórter narrou a ação de um taxista que foi assaltado e preso no porta-malas do veículo. Com grande dramaticidade, os fatos foram descritos pelo

⁵⁵ Natural de São Valentim (RS), o deputado federal João Rodrigues iniciou sua carreira como radialista entre 1988 e 2000 na Rádio Centro-Oeste de Pinhalzinho, no Oeste catarinense. Em 1997 iniciou também como apresentador do telejornal do meio-dia, o SBT-Comunidade, da então emissora do SBT (hoje RicTV) de Chapecó. Ele deixou a bancada do telejornal na década de 2000, voltando à televisão em 2016 no programa Jornal do Meio Dia Especial, exibidos aos sábados pelas sucursais da Ric em Chapecó e Xanxerê e também apresentando o programa estadual Balanço Geral Santa Catarina (produzido em Florianópolis) nas segundas, terças e sextas-feiras, às 7h30 da manhã.

apresentador e pelo repórter. Percebemos o uso de trilhas sonoras de suspense durante a apresentação de João Rodrigues e nas reportagens, elevando a tensão do público em relação ao tema tratado. Uma clara utilização de recursos audiovisuais para promover ou intensificar os sentidos e a experiência do público.

Na mesma edição de sábado também coletamos opiniões do apresentador (João) expressas durante o telejornal: “No Rio Grande do Sul o governador pediu reforço da Força Nacional. A bandidagem está vencendo essa guerra. Lá, estão morrendo os de bem. Os de mau, matam e nada é feito”. Na análise comentada pelo apresentador, Santa Catarina se encontra em uma situação menos grave em relação à segurança pública, mas não confortável. As afirmações deterministas e generalistas colocam o caráter jornalístico do programa em cheque. Ele afirma que parte da culpa está relacionada a “pessoas engravatadas [...] que têm cargo [...] que protegem o bandido”. No mesmo comentário, o apresentador afirma que a polícia desempenha bem seu papel e que muitas vezes acaba vítima da atual organização social e judicial brasileira. Ele encerra afirmando: “Tá tudo errado neste país. Parece que bandido, aqui, leva vantagem”. O apresentador elogia uma instituição pública (a polícia) em detrimento de outras (ligadas ao judiciário e em paralelo ao executivo) para explicar a manutenção ruim da segurança no País, sendo que ele mesmo faz parte do legislativo.

Em nosso período de coleta para a análise tivemos somente uma edição do telejornal de sábado da RicTV, do dia 27/08/2016. Mesmo assim, foi possível perceber como as relações de poder se manifestam, neste caso de forma explícita. Embora a função de João Rodrigues seja a de apresentar o telejornal, sua atribuição política inevitavelmente continua presente na construção do personagem fixo pelo cargo que ocupa no legislativo federal. O homem público, representante social em uma instituição federal, filiado a um partido político, associa sua função de representar o povo brasileiro, legislar sobre assuntos de interesse nacional e fiscalizar a aplicação dos recursos públicos com a apresentação de um programa telejornalístico. A televisão se torna uma vitrine massiva de divulgação de suas ideias e percepções a respeito de uma série de questões sociais retratadas pelo telejornal. É possível supor certos benefícios na valorização e reforço da imagem do deputado quando se utiliza semanalmente da exposição no telejornal ao se manifestar diretamente para dezenas de milhares de pessoas da mesorregião Oeste catarinense. Soma-se o fato de o deputado/comunicador não possuir formação ou provisão de jornalista para as funções de editor, comentarista e apresentador de telejornal que desempenha na RicTV.

Outra associação possível em relação aos sentidos gerados pela apresentação do quadro de sábado da RicTV Chapecó está na fusão entre duas instituições sociais com funções

parecidas – ambas devem atuar supervisionando o bom funcionamento do estado de direito e da sociedade –, mas de estruturas e meios de atuação completamente diferentes (o legislativo federal e o jornalismo). A condição política do apresentador, filiado a um partido, contrasta com o distanciamento necessário para a atuação jornalística, já que as mediações que ele estabelece são influenciadas por suas ideologias, tanto pessoais, quanto partidárias. Trata-se de uma discussão de valores éticos, naturalmente atribuídos ao exercício do jornalismo como gerador de informação, ator investigativo e promotor de reflexão social, atributos norteados pela isenção e imparcialidade. Embora seja permitido pela constituição a soma das funções (comunicador e deputado), a própria legislação entende que o fato promove vantagem durante períodos eleitorais, obrigando candidatos/apresentadores ou candidatos/comentaristas a se afastarem das funções ligadas a programas de rádio e televisão. Por todo o País não são raros os meios de comunicação que têm em seus programas midiáticos vereadores e deputados no comando. Espaço inevitavelmente utilizado como trampolim eleitoral.

Não nos cabe aqui analisar na totalidade os benefícios, malefícios e riscos dessa relação tão próxima entre os papéis sociais de sujeitos e instituições que fundem em um mesmo espaço seus interesses. Para isso, seria necessário mais coletas e novos aportes teóricos. É imprescindível, no entanto, salientar as evidências de uma cultura dominante estruturada e estruturante que age sobre o telejornalismo da RicTV Chapecó, exercendo poder de definição editorial sobre o formato e o conteúdo jornalístico. Nossa afirmação referente à cultura dominante que o deputado representa é baseada no estilo de apresentar apoiado em características regionais tidas como tradicionais, no fato de o apresentador possuir função eletiva representativa em órgão governamental de nível federal, pertencendo atualmente à ala mais conservadora⁵⁶ e na condição de ex-prefeito dos municípios de Chapecó e Pinhalzinho, ex-secretário de Agricultura de Santa Catarina, dentre outras várias funções de regulação e gerenciamento da estruturação social.

Segundo Diana, na época em que o programa começou a ser exibido aos sábados na RicTV de Chapecó, houve diversas manifestações negativas por parte do público em relação à apresentação do deputado no telejornal, sendo a maioria de pessoas ligadas à oposição política. Esse fenômeno durou as três primeiras semanas, cessando nas semanas seguintes. Essa evidência indica a indissociabilidade, do ponto de vista de parte do público, do caráter político de João Rodrigues enquanto apresentador e editor de telejornal. Por outro lado, a

⁵⁶ Nossa afirmação é feita com base nos conteúdos publicados no site da Câmara Federal que lista a bibliografia e ações de seus deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=160571>. Acesso em: 15 de jan.2017.

coordenadora de jornalismo da RicTV salienta a profunda relação que o apresentador estabeleceu com outra parte do público, seja pela relação de proximidade promovida pelo seu jeito de se comunicar ou pelas ações de auxílio promovidas durante o telejornal⁵⁷ ou ainda pela relação política. Esse cenário nos leva a crer que o telejornal da RicTV em Chapecó opera em sintonia com determinadas linhas político-partidárias, mais ligadas ao conservadorismo de direita, atreladas à família e a uma tradição regional.

4.2 SUJEITOS E INTERAÇÕES DOS ENTREVISTADOS DOS TELEJORNAIS

Ao desenvolver o esquema de leitura de ‘Sujeitos e Interações’ (Anexo B) dos entrevistados dos telejornais, obtivemos dados relevantes, tanto para a análise quanto para o aperfeiçoamento do método desenvolvido. Traremos aqui a leitura dos dados mais significativos para nossa proposta.

Grande parte dos conteúdos de ambos os telejornais está relacionada a Chapecó, ou seja, mais de 75% do total analisado. Logo, seus moradores e representantes ocupam quase todo o espaço dos sujeitos entrevistados nos telejornais locais, exceto quando há reportagens de outras sucursais (reportagens de interesse estadual como a que trata da falta de remédios fornecidos pelo governo federal no estado). Quase 90% dos entrevistados nos telejornais analisados representam, de alguma forma, o município de Chapecó. Os demais municípios da região foram representados em menor escala pelos entrevistados, tendo como destaque apenas Xaxim, presente em três conteúdos distintos no período de coleta dos telejornais. Foram registrados também Xanxerê, Caxambu do Sul, Concórdia, Guatambu, Nova Itaberaba, Alto da Serra, Lajeado Grande, Campo Erê, Modelo, Maravilha, Campos Novos e Joaçaba. Essa identificação se deu por meio da legenda mostrada na tela durante a entrevista, e também pela menção de nomes e cidades pelos repórteres e apresentadores. Em uma região que abrange 98 municípios de Santa Catarina, os sujeitos da Capital do Oeste se destacam como possíveis representantes de um modo de vida regional. Essa participação reduzida das demais cidades da região (85 municípios não apareceram em nossa coleta) pode exercer uma exclusão das identidades específicas e diversas que compõem também o Oeste catarinense. Assim, os telejornais selecionam em grande parte somente os traços e sentidos a partir dos sujeitos

⁵⁷ A coordenadora de jornalismo, Diana Bordin, explicou em entrevista que muitas pessoas de baixa renda ou em situação de necessidade especial conseguiram auxílio através do telejornal apresentado por João Rodrigues. Como exemplo, casas foram construídas e recursos arrecadados como resultado do apelo do apresentador à comunidade para que prestasse ajuda.

chapecoenses, o que pode interferir na identidade dos oestinos, tanto nas representações de si (eu oestino) quanto nas produzidas por outros sujeitos (eles oestinos).

Ao mesmo tempo, compreendemos a impossibilidade de se abranger equitativamente todos os povos, regiões ou características que compõem o Oeste catarinense em um telejornal, entendendo sua abrangência regional, diversidade cultural e também as limitações técnicas das emissoras e do fazer jornalístico (definições editoriais). Por tanto, reforçamos nossa preocupação com a possível exclusão de determinados sujeitos de uma mesma região, entendendo que a vigilância sobre o fato seja saudável ao jornalismo e ao seu papel cultural como instituição social.

Figura 7 – Imagens de alguns dos entrevistados nos telejornais analisados.



Fonte: Frames de entrevistados nas edições dos telejornais analisadas nesta pesquisa.

A maioria das representações dos sujeitos ocorre de forma neutra ou positiva, concentrando as negativas apenas para contextos policiais (crimes) ou denúncias (descasos), que ganharam maior destaque nos conteúdos da RicTV. Os sujeitos, quando suspeitos ou incriminados, não ganharam a possibilidade de fala em entrevistas, apenas foram citados pelo telejornal e relacionados à cidade/região onde ocorreu a factualidade. De modo geral, os sujeitos do Oeste catarinense possuem uma representação positiva ou neutra nos telejornais analisados, sendo as positivas relacionadas às ações que devem inspirar ou serem seguidas (como o caso de um morador de Chapecó que faz a coleta seletiva do lixo de forma correta) e neutras (como o caso da coordenadora da Casa de Passagem que descreve a forma de ingresso na instituição), quando entrevistados compartilham opiniões e análises sobre determinadas

situações e contextos e até reivindicam melhorias para o desenvolvimento social (ou seja, o cidadão em busca de progresso).

As condições criadas pela reportagem para os entrevistados, na maioria positivas, reforçam uma ideia de povo trabalhador, progressista, preocupado com desenvolvimento econômico e justiça social. Esses ideais são potencializados ao percebermos a relação desses com o papel social atribuído aos sujeitos (em condições neutras e positivas de representação). Nossa análise nos permite afirmar que os sujeitos da região, que ‘falam’ nos telejornais, são geralmente referências e lideranças, ligados a instituições públicas ou grupos sociais (organizados) que representam Chapecó e a região Oeste em ações construtivas. Em menor proporção percebemos sujeitos trabalhadores, identificados pelas profissões ou cargos que ocupam.

Os dados apresentaram uma relação constante entre os sujeitos, com ações positivas, com os papéis ‘referência’ e ‘técnica’, e em menor incidência com o ‘trabalhador urbano’. Essa relação remete ao período dos chamados desbravadores da região Oeste, responsáveis pela ocupação e desenvolvimento da região nos séculos XIX e XX, a maioria descendentes de imigrantes europeus inicialmente instalados no Rio Grande do Sul. Assim como o gaúcho herdou a representação de povo guerreiro, trabalhador e desenvolvimentista, as representações atuais dos oestinos de Santa Catarina se constituem semelhantes nos telejornais de Chapecó por meio dos sujeitos entrevistados. O que se vê nos dois telejornais é um povo atuante que se manifesta, em sua maioria, para tratar de trabalho, avanços sociais, conquistas e práticas cidadãs.

Existe uma predominância significativa da etnia branca nos conteúdos analisados, com base em análise de fenótipo. Em contraponto, percebemos a quase inexistência de afrodescendentes, que surgem predominantemente sob a figura de atletas de futebol nas editoriais de esporte e na reportagem da RicTv sobre o aniversário de Chapecó, quando há incidência de dois negros entrevistados, um economista e o outro cidadão, ambos acolhidos por Chapecó. Esse é um reflexo da colonização da região e se expressa no telejornal⁵⁸, mas também evidencia a consequência do esporte (futebol) como fator de imigração recente de outras regiões. De certa forma, é no esporte, principalmente, no papel de jogadores de futebol, que os negros são representados nos telejornais, chegando a quase ausência total nas demais editoriais.

Ao verificar as características culturais desses representantes chapecoenses, percebeu-se a maioria dos sujeitos como urbanos, ou seja, não estão relacionados à área e à atividade

⁵⁸ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-2014), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que 76% da população residente da região Sul é formada por pessoas de cor branca.

rural, embora o sotaque colonial/rural esteja presente em cerca de 15% dos entrevistados. Já o sotaque litorâneo de Santa Catarina foi identificado, de modo significativo, apenas em uma reportagem produzida em Criciúma, exibida pela RBSTV. Nossa pesquisa mostrou uma incidência significativamente baixa de referências culturais de outras regiões ou diferentes da praticada no Oeste catarinense nos entrevistados.

O sotaque dos entrevistados ainda representa os traços do povo colonizador, de várias etnias (de maioria europeia), que na região se instalaram para desenvolver atividades rurais. Esse contato ainda existe e demonstra permanecer presente, marcando as representações da pluralidade que compõe os sujeitos e a região Oeste catarinense. Em contrapartida, a presença expressiva de sotaque não definido (ou não caracterizado regionalmente) pode representar uma consequência da globalização, que tende a homogeneizar traços culturais e minimizar diferenças. Embora o período de imigração seja historicamente marcado pela colonização do município, esse fenômeno ainda ocorre com o crescimento exponencial dos habitantes do município ano a ano. O atrativo econômico reúne uma diversidade grande de pessoas de várias regiões do País e até mesmo de outros países na atualidade, tornando o fenômeno da diversificação cultural ainda mais intenso. A imigração do passado converge com a imigração do presente no Oeste catarinense e tem em Chapecó sua mais forte expressão.

Ainda sobre o sotaque, a exclusão total nos noticiários do sotaque litorâneo representa também uma barreira cultural que nega a entrada desse elemento, que pode ser visto como um símbolo de resistência à exclusão social histórica por parte do Estado, que privilegiou por meio de investimentos a região litorânea em detrimento da região Oeste, desde sua fundação até o fim da década de 1960. São fragmentos que apontam na direção de uma possível rivalidade alimentada entre dois polos culturais em Santa Catarina.

Mesmo que ainda receba muitas pessoas de outras regiões, é notável nas entrevistas dos telejornais, em especial nos conteúdos alusivos ao aniversário de Chapecó, os elogios ao município enquanto anfitrião. Em reportagem do Jornal do Meio Dia, em 25 de agosto, coletamos afirmações de entrevistados como: “O emprego dá mais oportunidade”; “Cheguei aqui e já gostei”; “Gosto da cidade. É *bão* para morar”; “Penso que é uma cidade maravilhosa, tem shopping tem tudo, tem a Chapecoense”; “Chapecó para mim é um ponto de referência”; “A primeira vez que eu vim a cidade me acolheu de uma forma que eu nem esperava”; “Chapecó tem uma vocação para o sucesso. Temos aqui uma população muito trabalhadora”.

Entre os principais aspectos explicitados pelos entrevistados a respeito de Chapecó, podemos destacar a maior incidência para a oportunidade de emprego e de investimentos, a qualidade de boa anfitriã e a boa estrutura social, educacional e comercial que dispõe. Pelo

ponto de vista dos entrevistados, são essas características que tornam o município atrativo e um bom local para se viver, ao mesmo tempo em que o torna diferente da maioria dos municípios da região e até do País.

Percepções parecidas com essas foram colhidas dos dois coordenadores de jornalismo das emissoras analisadas durante entrevista para esta pesquisa. Ambos reforçaram a característica da boa receptividade a pessoas de outras regiões e também o potencial econômico e desenvolvimentista do município. Aparentemente, o público e as equipes de jornalismo convergem na opinião a respeito do município.

4.3 O CONTEÚDO DOS TELEJORNAIS

Chapecó é representada em ambos os cenários das emissoras. No Jornal do Meio Dia (RicTV), no primeiro semestre da análise, é possível visualizar constantemente, atrás dos apresentadores, imagens do monumento Desbravador⁵⁹ e também da Catedral Santo Antônio⁶⁰, pontos turísticos e históricos do município. Os tapumes carregam em destaque as imagens (fotografias), que são intercaladas por um televisor que exibe a logomarca do telejornal e às vezes conteúdos noticiados. O cenário possui um estilo moderno, com tons de azul nos tapumes, mas destacando principalmente imagens da área central de Chapecó.

O monumento Desbravador carrega consigo os sentidos de pioneirismo e trabalho dos primeiros colonizadores de Chapecó, mas também, em segundo plano, de ocupação de terras e tensão com grupos indígenas e caboclos, da exploração de recursos naturais como a madeira e a chegada ‘triumfal’ do povo gaúcho à região, representada pelo louro segurado na mão esquerda do homem de chapéu campeiro e poncho⁶¹ ao vento.

Assim, também, a imponente Catedral Santo Antônio, mantida pela Igreja Católica, se mistura à paisagem urbana como símbolo de religião, fé, cristianismo e doutrina, sendo que esta foi a segunda catedral erguida em Chapecó. A primeira foi queimada em um evento marcante da história do município, conhecido como ‘o linchamento’, conforme relatado no Capítulo 3. Hoje, acredita-se que a Catedral seja representada no cenário pelo sentido

⁵⁹ Construído pelo artista Paulo de Siqueira, no centro da cidade, e inaugurado em 25 agosto de 1981, o monumento é uma homenagem aos primeiros colonizadores que desbravaram e construíram Chapecó. A imagem situada no centro da cidade, próximo à Praça Coronel Enos Bertaso, representa um gaúcho que na mão direita segura um machado, que simboliza o trabalho, e na mão esquerda um louro, simbolizando a vitória.

⁶⁰ Erguida em 1956 em comemoração aos 25 anos da Paróquia de Chapecó, a Catedral Santo Antônio tem 2,5 mil metros quadrados de área construída. O templo foi projetado pelo arquiteto paulista Cristiano Betamin e foi a segunda igreja construída no município, já que a primeira, construída em 1940, foi destruída em um incêndio criminoso em 1950, conforme descrito no Capítulo 3.

⁶¹ Pala ou poncho é uma vestimenta típica da região sul do Brasil, feita de lã grossa parecida com uma capa, com uma abertura no centro para a cabeça.

histórico relacionado à fé, à religião e à imponência e beleza arquitetônica, ou principalmente pelas duas últimas. Basicamente, valores residuais que circulam no discurso do telejornalismo reafirmando diariamente a presença de instituições e suas regras, negando outras instituições e valores, talvez pela imposição histórica da cultura dominante.

O cenário do estúdio do Jornal do Meio Dia da RicTV foi alterado no segundo semestre de 2016, deixando de ter fotos/imagens da cidade de Chapecó. Com cores em tons de laranja e amarelo, o cenário possui hoje apenas tapumes com desenhos geométricos decorativos e um televisor para interação do apresentador com os conteúdos.

Já o cenário do Jornal do Almoço da RBSTV conta apenas com uma imagem representando a cidade de Chapecó, atrás da bancada. Trata-se de uma fotografia aérea que evidencia o centro da cidade e privilegia a Catedral Santo Antônio e a Praça Coronel Bertaso⁶². O que se vê no cenário são muitos prédios de uma área urbana em meio à catedral e a uma praça verde. A fotografia aérea fica visível ao telespectador geralmente quando os apresentadores sentam na bancada, algo não muito comum na rotina de enquadramentos de câmera do telejornal. De modo geral, a maior parte do cenário é composta por tapumes, um deles contendo um televisor de tela plana, que reproduz a logomarca do telejornal e imagens de alguns conteúdos, e outro com frisos coloridos decorativos que remetem a um estilo moderno.

Dos conteúdos analisadas, chama a atenção na RicTV a quantidade de notas cobertas abrangendo a região relacionadas a crimes e acidentes. Nas edições analisadas, foram citados nesse contexto os municípios de Xanxerê, Caxambu do Sul, Concórdia, Guatambu, Nova Itaberaba, Alto da Serra, Lageado Grande, Campo Erê, Modelo, Maravilha e Campos Novos. Nenhuma outra editoria do telejornal acompanhou a pluralidade e abrangência de municípios da região Oeste como essa. Contando com a estratégia de relacionamento com o público e com os órgãos de segurança pública (Corpo de Bombeiros e Polícias Federal, Civil, Militar, Rodoviária Estadual e Rodoviária Federal), com a participação do público e com colegas de outros veículos de comunicação, o telejornal consegue acesso a imagens de crimes e acidentes que vão além do alcance das suas equipes de reportagem. Essa articulação garante conteúdo abrangente na região, abastecendo quase que diariamente o telejornal com os mais diversos problemas de segurança, crimes e contravenções pela região Oeste catarinense. Da mesma forma ocorre na RBSTV de Chapecó, porém com menos destaque se comparado à atenção dada pelo Jornal do Meio Dia da RicTV a esse tipo de assunto.

⁶² A praça representa o primeiro ciclo econômico e cultural de Chapecó, que durou de 1920 a 1950. Um mural de concreto apresenta um mosaico sobre essa história. Ela leva o nome do coronel, dono da Colonizadora Bertaso, responsável por trazer mais de 80 mil famílias do Rio Grande do Sul para Santa Catarina e liderança determinante na colonização e formação social da região de Chapecó.

Alguns desses conteúdos sobre crimes e acidentes contam com o comentário do apresentador do Jornal do Meio Dia da RicTV, que por vezes utiliza-se de sarcasmo, humor e narrativas com dramaticidade para o julgamento dos fatos. Priorizando um estilo por vezes coloquial de linguagem, o apresentador traz as informações e imagens de assaltados, acidentes de trânsito, apreensões de armas e drogas, quase sempre gerenciando e seguindo a narrativa de acordo com a imagem exibida (quando há) na tela.

Embora a maior parte dos conteúdos relacionados a crimes e acidentes esteja relacionada a Chapecó (ocorre em Chapecó), a exposição de outros municípios da região também se faz presente. Uma situação bem diferente das demais editoriais que concentram na Capital do Oeste os principais conteúdos de sentido neutro ou positivo. Essa seleção de conteúdos negativos atrelados à região, por vezes depreciativos, representa continuamente um território pouco promissor no quesito segurança e uma organização social que ainda necessita ‘avançar’ para evitar acidentes e crimes. Citamos como exemplo a nota coberta exibida pelo Jornal do Meio Dia, na edição do dia 26 de agosto, sobre um acidente em que uma carreta carregada de produtos congelados tombou na rodovia BR 282 em Xanxerê. Enquanto o apresentador descreve o conteúdo, imagens mostram o cenário do acidente e encerram com dezenas de pessoas roubando parte da carga que estava despejada sobre a pista. O comentário do apresentador Eduardo Prado é sarcástico ao questionar “Será que tem necessidade disso? Será que estão passando fome? Estamos em tempo de guerra? Tem alguns tipos de ações do ser humano que eu tenho vergonha”.

As instituições públicas como as polícias, os governos e o judiciário foram destaque da crítica do apresentador da RicTV em pelo menos dois comentários em edições diferentes. A responsabilidade sobre o fenômeno recai quase que sobre todos, o que oferece ao público diversas possibilidades de interpretação e julgamento dos fatos, assim como sentidos.

Após exibir uma reportagem, em 20 de maio de 2016, sobre um acidente de trânsito que vitimou uma mulher na rodovia que liga Chapecó a Guatambú, o apresentador da RicTV criticou a postura dos motoristas no centro de Chapecó, afirmando: “A sexta-feira está enlouquecida aqui no trânsito em Chapecó [...] Eu não sei não o que está acontecendo. A impressão é que o mundo vai acabar. E que todo mundo tinha compromisso para resolver até o meio-dia [...] Vamos ter mais calma, somos nós que vamos promover um trânsito mais calmo e seguro.”

O comentário, em tom de alerta, com base em experiência pessoal vivida pelo apresentador, responsabilizou unicamente a instância social pela qualidade do trânsito na cidade de Chapecó. Esse tipo de comentário pessoalizado, além de ignorar as instituições

responsáveis pelas regras que regem o trânsito, generalizou uma visão de que apenas o motorista pode mudar esse cenário, e a ele cabe escolher. Porém, as normativas de trânsito são claras em determinar e fiscalizar padrões de condução seguros para os motoristas e pedestres, não dando ‘escolha’ ao motorista em seguir ou não as regras de boa condução (ou condução segura/defensiva). As visões deterministas e pessoalizadas nos discursos evidenciam a profunda influência do apresentador nos sentidos gerados pelos conteúdos exibidos no Jornal do Meio Dia. Influência que inclusive transforma, às vezes, o sentido dos conteúdos produzidos pelos demais integrantes da equipe de jornalismo da emissora. A parcialidade observada em determinar os valores e sentidos de muitos dos conteúdos exibidos pelo Jornal do Meio Dia efetivamente passa também pelos valores e percepções do apresentador. Conhecer o apresentador e sua forma de ver o mundo permite também conhecer a estrutura cultural presente nos discursos do telejornal, que muitas vezes não estão evidentes.

No quadro Entrevista, do Jornal do Meio Dia da RicTV, de 21 de maio de 2016, foi apresentado um pouco da trajetória de um dos prefeitos que mais tempo esteve no poder em Chapecó (Milton Sander). Embora o quadro se chame Entrevista, trata-se de uma reportagem com espaço generoso para fala do personagem principal. Na voz em *off*, o repórter apresenta o ex-prefeito, aposentado da política, que iniciou sua carreira em 1973, eleito com 31 anos de idade. A narrativa apresenta, como principais feitos de sua trajetória, as obras: monumento Desbravador, Aeroporto Serafim Bertaso, Terminal Rodoviário, primeiro Distrito Industrial, pavimentação de 80% da cidade, Hospital Regional do Oeste e Estádio Regional Índio Condá.

O ex-prefeito evidencia na reportagem o grande esforço que foi conseguir direcionar a verba do governo alemão para construir um hospital em Chapecó (o primeiro da região Oeste), que na época estava disposto a investir em Santa Catarina, devido à incidência de imigrantes alemães no estado. Ele descreve a disputa com outras cidades pelo hospital como uma ‘briga feroz’. É marcante nessa narrativa a seguinte descrição do ex-prefeito: “Às vezes ouço as reclamações de alguns a respeito do Hospital Regional do Oeste e me pergunto: e se tivéssemos de ir até Porto Alegre, Florianópolis ou Curitiba para ter atendimento, não seria pior?” Essa manifestação se enquadra na representação de povo guerreiro, ativo, que não espera por melhorias, mas a promove. Por outro lado, evidencia um conformismo, que não permite questionamentos ou revisões de processos, mantendo no passado as grandes glórias do povo da região, e deixando para a atualidade o gozo das conquistas. É possível que a estrutura de um hospital tenha de passar por melhorias na quantidade e qualidade da oferta de serviços, mas evitar questionamentos impediria o reconhecimento de possíveis deficiências.

Uma série de afirmações indicam um senso nostálgico de Chapecó e região como território de progresso e desenvolvimento, mas frustrado na atualidade por não reproduzir essa experiência de glória de outrora. A reportagem do quadro Entrevista ainda traz um texto do repórter afirmando que:

[...] quando assumiu a prefeitura pela primeira vez na década de 1970, Chapecó já despontava como uma das principais cidades de Santa Catarina, com 60 mil habitantes e um futuro promissor. Hoje, a capital do Oeste possui mais de 200 mil habitantes e uma importância econômica ainda maior. As apostas surpreenderam até os mais otimistas.

Nessa reportagem, novamente é reforçado o passado glorioso e progressista de Chapecó e da região (já que as obras tiveram /ainda têm impactos nos demais municípios do Oeste), porém, nessa narrativa o sentido positivo é estendido para o presente, assim como uma projeção de crescimento para os próximos vinte anos também é feita pelo ex-prefeito. Ele afirma que Chapecó irá crescer, mas gostaria que não ultrapassasse os 300 ou 400 mil habitantes, o que tornaria a cidade muito grande e mais difícil de gerir a qualidade de vida. O fim da reportagem reforça uma visão progressista, mas impõe a condição da qualidade de vida como limitador ou objetivo final do progresso. A visão otimista se faz presente nos sentidos, tanto nos textos como nas entrevistas, e atribui a Chapecó e região uma condição ímpar no cenário regional, independentemente das condições futuras.

Outra reportagem da RicTV, exibida na edição do Jornal do Meio Dia de 20 de maio de 2016, trata de uma audiência pública para definição da obra do contorno viário leste em Chapecó. Na chamada da reportagem é dado destaque para o fato de que o projeto foi criado em 1988 e revisto em 1992, mas que até o momento da reportagem não saíra do papel. Além disso, o conteúdo apresenta moradores rurais insatisfeitos com a falta de informações, que impedem a produção rural nas terras atingidas pela obra, gerando prejuízo e insegurança. Novamente, no passado reside o progresso e no presente esse progresso é lento, mais burocrático e menos efetivo.

No semestre seguinte, o mesmo telejornal exibiu no dia 25 de agosto uma reportagem especial sobre o aniversário de Chapecó, cujo tema central foi o passado e o futuro. O conteúdo inicia com algumas poucas imagens antigas, algumas em preto e branco, de áreas urbanas de uma Chapecó ainda pouco habitada, de balseiros transportando veículos no Rio Uruguai, no Porto do Goio-En, de agricultores com chapéus e calças largas que lembram as bombachas gaúchas. O texto da reportagem cita que Chapecó já foi conhecida como a Cidade das Rosas. O repórter entrevista pessoas nas ruas que elogiam a cidade e citam como qualidades do município a Associação Chapecoense de Futebol, a hospitalidade e o ensino. O

texto da reportagem segue descrevendo os principais focos econômicos de Chapecó: referência em indústria e comércio, prestação de serviços, agronegócio, proteína animal e principalmente educação (35 instituições de ensino superior em Chapecó). O repórter entrevista crianças do ensino fundamental que desejam melhorias para a cidade no trânsito, na área da segurança e a ampliação das escolas e universidades.

Em outra homenagem à cidade, na mesma edição, o telejornal da RicTV, através de um boletim, transcrito abaixo, pontua as principais virtudes do município:

[...] Uma cidade que é referência para toda a região. Tem um aeroporto que é referência também não só para o Oeste, mas para o noroeste do RS e sudoeste do Paraná. Chapecó tem hoje mais 200 mil habitantes e uma contribuição fundamental para o movimento econômico de todo o estado. Tem um PIB que passa dos 7 bilhões de reais, tem hoje quase 23 mil empresas ativas sendo que 1.020 são indústrias, entre elas nos orgulhamos de ter aqui as principais agroindústrias do país. Chapecó que é referência nacional da produção de carne suína, de frango e derivados. Diferentemente de várias outras regiões do país que tem um alto índice de desemprego neste momento de crise econômica, de janeiro a abril (2016) Chapecó teve um saldo de 974 empregos com carteira assinada. Lembrando ainda que Chapecó tem tradição também no futebol com a nossa Chapecoense fazendo bonito na elite da Série A do Campeonato Brasileiro. Eduardo, temos ainda outra cidade catarinense de aniversário hoje que contribuiu na formação da região Oeste do estado, que é Joaçaba que tem hoje quase 29 mil habitantes. Portanto, Chapecó e Joaçaba em festa hoje.

O boletim foi gravado no centro da cidade com a repórter enquadrada ao lado do monumento O Desbravador e, mais ao fundo, parte do Hotel Bertaso. Para ilustrar o texto da repórter, são exibidas também imagens do centro da cidade nos dias atuais, áreas urbanas, Catedral Santo Antônio, indústrias e agroindústrias, grãos, a equipe da Chapecoense e torcedores do clube. São destaques no boletim o fator econômico, desenvolvimentista e a Chapecoense.

A presença da editoria de esporte nos telejornais é tida como tradicional. Há décadas são exibidos blocos inteiros com informações sobre diversas modalidades, em especial relacionadas ao futebol. O destaque dado ao esporte nos programas telejornalísticos do meio-dia em Chapecó evidencia a profunda relação que a sociedade tem com a editoria e o futebol. Relação que vivenciou um pico inédito com a tragédia da queda do avião em que estava o time da Chapecoense em 29 de novembro de 2016. O avião se dirigia para Medellin, na Colômbia e vitimou 71 pessoas, entre atletas, comissão técnica, equipe da aeronave e jornalistas. Seis pessoas sobreviveram. Uma onda espantosa de manifestações tomou conta do Brasil e parte do mundo em solidariedade às famílias das vítimas e também a Chapecó, por ser a cidade natal do clube. Catalisador de holofotes nos últimos anos para Chapecó e região, o clube estava vivendo uma ascensão rápida no futebol profissional brasileiro e

experimentava, em 2016, uma exitosa experiência em competição internacional. Esse fenômeno intrigava apaixonados pelo esporte e curiosos. A Chapecoense, que já levava o nome do município constantemente aos noticiários nacionais e internacionais, como exemplo de boa administração e trabalho intenso, promoveu no final de 2016 uma explosão de empatia ao ser vítima de tal fatalidade.

Trabalhamos com a hipótese de a Associação Chapecoense de Futebol ser considerada uma instituição social representativa das características culturais identitárias do Oeste catarinense, reforçada pelos telejornais diariamente. Embora fundada em 1973, começou a ganhar fama no Brasil a partir de 2009, acessando em 2014 a Série A do futebol nacional. Os telejornais sempre destinaram espaço ao clube, embora historicamente dividido com os dois principais times do Rio Grande do Sul, Internacional e Grêmio. Explicado pela colonização de imigrantes sul-rio-grandense, o interesse pelo esporte do estado vizinho começou gradualmente a perder espaço nos telejornais de Chapecó devido à ascensão da Chapecoense (que em 2005 quase fechou as portas em função de dívidas). Essa afirmação foi colhida em entrevista com os coordenadores de jornalismo que vivenciaram o fenômeno nos últimos anos.

Mais do que uma simples constatação de equivalência de espaço entre dupla Gre-Nal e Chapecoense nos blocos de esporte dos telejornais, essa mudança caracteriza também um fenômeno cultural emergente. Atendendo desde o princípio o gosto do público pelos times de futebol do Rio Grande Sul, inserindo em suas rotinas de produção conteúdos gerados de Porto Alegre, percebemos estabelecida uma cultura dominante em que se privilegiava nos telejornais os ‘principais times’ para a região, chegando muitas vezes a ocupar maior destaque do que a Chapecoense, que ainda ‘pequena’ disputava poucas competições, e raramente gerava abordagens jornalísticas por não despertar o interesse do público. Mas, o que se viu recentemente foi uma inversão do que antes era dominante, e que agora passa a se constituir em algo residual, ligado ao passado, mas ainda ativo. Assim como o que era emergente (Chapecoense) começa a ganhar ares de dominante, legitimado pela essência territorial, histórica e social que carrega. A Chapecoense pode representar as novas gerações de cidadãos chapecoenses, nascidos no município catarinense, e menos relacionados às gerações anteriores que de fora vieram com culturas externas. Presenciamos na análise dos telejornais de Chapecó e de seus históricos a cultura identitária da região ganhar forma e se transformar, apoiando-se em elementos do passado e do presente que ganham novas configurações.

Assim como no esporte, outros elementos identitários são atribuídos à região foco de nossa análise. No Jornal do Almoço é possível perceber a manifestação de valores de crescimento e desenvolvimento em alguns conteúdos como a reportagem exibida em 20 de

maio, que inicia o texto com a afirmação de que “um canteiro de obras caracteriza uma cidade em crescimento, mesmo com um cenário econômico frágil”. A cidade citada é Chapecó e o texto segue apresentando o evento Feirão da Casa Própria, realizado pela Caixa Econômica Federal, que reúne empresas e condições para investimento em imóveis. A reportagem traz um economista que avalia o momento econômico para investimentos: “O momento é importante, ainda mais se tratando de Chapecó. Nos últimos anos temos notado que Chapecó é um município diferenciado na média do Brasil e de Santa Catarina, que já é um estado diferenciado”. Na sequência, o comentarista do Jornal do Almoço é acionado para falar sobre o medo de se investir em período de crise. Trazendo dados negativos sobre o momento preocupante para o Brasil e Santa Catarina, relacionados ao crescimento do índice de desemprego nacional e a redução do Produto Interno Bruto (PIB) estadual, o comentarista reafirma que Chapecó encontra-se bem colocada economicamente em comparação aos demais, embora não possa ser vista “como uma ilha”, já que também sente os reflexos do momento econômico.

Esses sentidos de contextos positivos reforçam como característica nata e histórica de Chapecó a força econômica como uma das principais qualidades. É possível perceber nos discursos do JA a representação de uma economia forte em Chapecó, que não necessariamente garante a estabilidade ou o bom funcionamento de outras instâncias sociais ou é visivelmente superior a outras esferas.

Nesse emaranhado de sentidos a respeito de Chapecó e do Oeste catarinense, a virtude econômica contrasta nos telejornais com problemas sociais, pautados pela factualidade dos crimes, acidentes e incidentes na região. Um contraste social que atua como uma gangorra entre pontos fortes e pontos fracos, embora os fortes tendam a ficar mais tempo em evidência.

Como um espaço de tensões territoriais no passado, a região Oeste ainda se mantém palco de disputa de terras, embora em menor escala na atualidade. Durante nosso período de coleta do *corpus*, percebemos no dia 23 de agosto, em ambos os telejornais, uma nota sobre o Movimento Sem Terra (MST), que ocupou uma nova área rural na região, em Xanxerê. Segundo a nota, cerca de 300 famílias ocuparam uma fazenda na linha Vargem Bonita, sendo que os integrantes do MST buscam chamar a atenção para a reforma agrária em Santa Catarina. Existe uma pendência na justiça envolvendo a propriedade e a medição feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) pelo não pagamento do processo de regularização das terras. A área possui pouco mais de mil hectares e era usada para produção de soja. Na nota do Jornal do Almoço, quase 150 famílias são remanescentes da ocupação que ocorreu em junho de 2016 na Floresta Nacional em Chapecó. Nenhum dos

telejornais exibiu entrevistas ou produziu reportagem mais elaborada. Foram utilizadas para cobrir a nota imagens distantes do acampamento e da barreira na estrada onde foi posta uma bandeira do MST. Segundo os coordenadores, as equipes não foram recebidas pelo MST para serem entrevistadas.

Analisar os telejornais nos forneceu inúmeras novas temáticas para serem aprofundadas em outros trabalhos e também por outros vieses. Como artefatos culturais, os programas provaram sua complexidade quanto gênero midiático e dinamicidade na relação com cultura e identidade. Com conteúdos variados e altamente alinhados com diversos elementos constituidores de sentidos, o telejornalismo se coloca como uma instituição social rica e fundamental para se colher impressões históricas e contemporâneas de uma determinada realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do operador analítico da análise textual, integrado à esfera da produção no circuito da cultura e estrutura de sentimento, se apresentou como um importante instrumento para a análise cultural-midiática, fornecendo condições e parâmetros para a desconstrução dos textos dos telejornais e efetivo estudo das culturas identitárias. Acreditamos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados obtendo dados relevantes sobre a atuação do telejornalismo produzido em Chapecó no processo de mediação e seleção das tradições que constituem a cultura de um espaço-tempo. Limitados ao formato de uma dissertação de mestrado, nossa pesquisa reuniu diversos pontos que podem ser explorados em outras análises específicas para expandir o nível de conhecimento gerado sobre a mídia, cultura, identidade e a região Oeste catarinense. Compartilhamos nos próximos parágrafos algumas das nossas principais descobertas atendendo aos objetivos específicos de identificar elementos da cultura identitária do Oeste catarinense contidos nos conteúdos dos telejornais e analisar esses elementos culturais presentes nas produções telejornalísticas, assim como promover as devidas comparações entre os telejornais analisados.

Em uma análise dos conteúdos dos telejornais podemos afirmar que o Jornal do Meio Dia da RicTV segue um padrão de produção que privilegia as editorias de esporte e segurança, visto que estão presentes de forma fixa em todas as edições, deixando as demais editorias como consequência da factualidade. Seu padrão de apresentação é marcado pelo formato opinativo, explorando pela narrativa o potencial dramático de alguns conteúdos. As informações e notícias sobre crimes e acidentes representam o principal momento de difusão de conteúdos dos demais municípios da região no telejornal, não sendo exclusivas de Chapecó, muito embora a Capital do Oeste tenha uma parcela significativa de participação nessas representações. Fica evidente que cabe a Chapecó o papel de município desenvolvido e progressista da região e aos demais o papel de coadjuvantes, menos expressivos, quando não, mais atrelados a questões negativas como crimes, polêmicas e acidentes.

Já o Jornal do Almoço apresentou, nos dias de coleta desta pesquisa, editorias cambiantes, também frutos da demanda da factualidade, incluindo nesse padrão também os conteúdos relacionados ao esporte e à segurança, que em determinadas edições não tiveram registros. A cobertura de conteúdos relacionados aos municípios da região Oeste, exceto Chapecó, feita pelo JA se restringiu a poucos registros de problemas sociais em trânsito de

solução ou solucionados. Uma característica marcante do telejornal da RBSTV foi a quantidade de conteúdos não produzidos em Chapecó, mas recebidos das sucursais de Porto Alegre (especialmente da editoria de esporte, tratando de Internacional e Grêmio), de Brasília (comentarista política) e de demais sucursais de Santa Catarina (reportagens diversas e previsão do tempo). O telejornal se mostra mais aberto à diversidade cultural recente que povoa a região, em especial Chapecó.

Percebemos assim o Jornal do Meio Dia da RicTV se relacionando de forma mais intensa com as características tradicionais da região, pela cobertura de conteúdos, pelo formato da apresentação, pela reduzida entrada de conteúdos de outras regiões e uma tentativa da produção do telejornal em evitar o contato com outras culturas. Pode-se suspeitar da prática de certo bairrismo por parte do telejornal, recebendo um retorno positivo da audiência. No Jornal do Almoço, a inserção de conteúdos produzidos em outras regiões é maior, colocando o telejornal em uma postura mais alinhada com a globalização e com os fenômenos de migração atuais, não apenas ligados aos fatores tradicionais da região.

O telejornal da RicTV se utiliza de formatos de narrativa e apresentação por vezes interioranos e por vezes coloquiais como estratégia para se aproximar de uma ‘comunidade’ que acredita ser seu público-alvo. Ao mesmo tempo em que define seu público caracterizando-o, o telejornal exclui outras abordagens que poderiam atingir diferentes audiências (ou novas), seguindo em sentido contrário ao Jornal do Almoço, que pelas práticas e formatos de produção coletados nesta pesquisa busca seguir uma linha tênue entre os diversos tipos de públicos. O Jornal do Meio Dia se concentra em aspectos culturais dominantes ligados à tradição gaúcha e do interior rural (mas não unicamente), embora recentemente esses traços culturais estejam se transformando e recebendo a influência de novas culturas povoadoras do Oeste, em especial Chapecó.

Percebemos no JA a busca de uma ‘neutralidade’ como estratégia de tratamento do público, ou seja, a produção do jornal não caracteriza um público específico marcante como audiência, se colocando mais aberto às diversidades culturais, atendendo uma demanda mais diversificada e menos regionalizada. As narrativas, os contextos e a diversidade de conteúdos reforçam uma prática voltada ao Oeste catarinense, em especial à Chapecó, mas pouco segmentada por classe social de determinadas etnias, por exemplo. Já o Jornal do Meio Dia demonstra um interesse em se relacionar com a cultura local de forma mais intensa pelo formato de apresentação do conteúdo, pela exclusão mais aguda de conteúdos produzidos fora de Chapecó e que não tratem diretamente da região.

A presença do sotaque sul-rio-grandense e interiorano em ambas as emissoras frente à exclusão do sotaque litorâneo catarinense revela uma possível regulação promovida pela sociedade (o público) e pelas emissoras de televisão, incorporada como estratégia pelos telejornais. Esse fenômeno cultural reforça a presença da colonização dos séculos passados na atualidade, negociando, ao mesmo tempo, com um formato padrão de telejornalismo nacional e evitando sotaques marcantes, tendo sua representação também historicamente reforçada por telejornais de canal aberto como Jornal Nacional, Jornal da Band, Jornal do SBT, entre outros.

Ainda sobre o sotaque, a exclusão total nos noticiários do estilo litorâneo de falar, por exemplo, representa também uma barreira cultural que nega a entrada desse elemento externo à região, que pode ser encarado como o símbolo de uma história de exclusão social por parte do poder público, que privilegiou por algum tempo a região litorânea em detrimento da região Oeste. Uma possível fagulha de rivalidade que fortalece determinados hábitos em dois polos culturais de Santa Catarina.

Percebemos a complexidade em identificar elementos emergentes na cultura contemporânea, pois em análises culturais é necessário ao pesquisador o exercício da abstração, assim como o distanciamento de sentidos culturais subjetivos para promover uma análise imparcial. Ademais das dificuldades, essas estratégias aplicadas à análise cultural-midiática contribuíram para percebermos os padrões ocultos e os sentidos velados nos textos midiáticos. Observamos, pela análise dos telejornais, uma cultura identitária muito positiva, de modo geral, em relação à região Oeste catarinense e Chapecó. Podemos listar as seguintes características que foram recorrentes como elementos identificadores da região na atualidade: povo trabalhador e hospitaleiro; vocação ímpar para desenvolvimento nas mais diversas áreas (esporte, indústrias, empregos, saúde e educação); pequenos problemas na área da segurança pública; um lugar de oportunidades e bom para se viver. Já as bases históricas que percebemos nos telejornais se referem à presença da cultura gaúcha, hoje em declínio em virtude da globalização e da emergência de uma identidade mais relacionada a Chapecó e à região Oeste catarinense; da transformação de uma cultura mais ligada ao rural para uma cultura mais urbana ainda ligada à força e às consequências do agronegócio para toda a sociedade.

Esta pesquisa evidencia como os telejornais locais são meios mediadores de identidades culturais profundamente ligadas às tradições de uma região, apropriando-se de elementos que melhor representam seus interesses jornalísticos e comerciais, criando novos sentidos em um cenário de globalização e convergência cultural. Ao mesmo tempo em que moldam novas versões de realidade, são moldados pela matéria-prima que extraem da sociedade em um movimento cíclico constante (como um circuito). O reflexo desse fenômeno

atua na constituição das identidades do Oeste catarinense e de seu povo, ainda fortemente caracterizado pelo passado, mas exposto e tensionado aos efeitos do presente.

Consideramos nosso percurso nesta pesquisa revelador e árduo, ao mesmo tempo instigante em meio à aprendizagem. Reconhecemos o êxito na compreensão de determinadas estruturas e avanços metodológicos que indicam um caminho mais efetivo nos resultados, conquistados com a prática da análise do material e a insistência necessária para uma análise cultural-midiática. Encerramos esta pesquisa mais como um ponto de partida do que de chegada, pois o término de um estudo sempre abre possibilidades para novos enfoques.

REFERÊNCIAS

- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV regional: trajetórias e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- _____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CASSETTI, Francesco; CHIO, Federico di. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y practicas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.
- CAVENAGHI, Beatriz; EMERIM, Cárlica. Os primórdios da televisão em Santa Catarina: mercado e produtos. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 3, n. 1, jan./jun. 2014.
- COIRO MORAES, Ana Luiza. A análise cultural. ENCONTRO DA COMPÓS, 24., Brasília, 2015. **Anais...** Brasília: Compós, 2015. (Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação).
- DAMO, Márcia Regina Sartori. **Os arranjos regionais do território: o caso da espacialização multiescalar no oeste catarinense**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2014.
- DU GAY, Paul et al. **Doing cultural studies: the story of Sony walkman**. London: Sage, 1999.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- ENNINGER, Rossana Zott. **Análise cultural do telejornal local: representação e identidade na RBSTV Santa Rosa**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2015.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 9, 1998.
- FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FILMER, Paul. Estrutura de sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura para a sociologia da cultura de Raymond Williams. Tradução de Leila Curi Rodrigues Olivia. Artigo originalmente publicado no **British Journal of Sociology**, Londres, v. 54, n. 2, p. 199-219, jun. 2003.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento em telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista E-compos**, n. 8, abr. 2007.

_____. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: GOMES, Itania Maria Mota.; JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. (Org.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) **Representation**: cultural representation and signifying practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer**: Chapecó, 1950-1956. Chapecó: Argos, 2007.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro : IBGE, 2013. 160 p. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>>. Acesso em: vários acessos.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**: 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em: vários acessos.

LAPORTA, Taís. Cidade berço da Chapecoense é polo agroindustrial no Sul do país. **G1** [online], São Paulo, 29 nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/11/cidade-berco-do-chapecoense-e-polo-agroindustrial-no-sul-do-pais.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; COIRO MORAES, Ana Luiza. Estudos Culturais aplicados a pesquisas em mídias audiovisuais: o circuito da cultura como instrumental analítico. **Significação**, São Paulo, v. 41, n. 42, 2014.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **Mídia regional: gauchidade e formato televisivo no Galpão Crioulo**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: BRDE, 1982.

RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense**. Joaçaba: Unoesc, 2001.

RENK, Arlene. **Identidade comunitária**. Separata. Chapecó: Argos, 2004.

REZENDE, Guilherme /Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Simone Maira. Os Estudos Culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. **Rev. Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 10, n. 19, 2011.

SANTA CATARINA (Estado). **Diversidade é a marca da cultura catarinense**. Florianópolis: Governo de Santa Catarina, [S.d.]. Disponível em: <www.sc.gov.br/index.php/conheca-sc-cultura/>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SAYÃO, Thiago Juliano. **Nas veredas do folclore: leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975)**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis-SC, 2004.

SCHRAMM, Wilbur; LERNER, Daniel. **Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento**. São Paulo: USP, 1973.

SEBRAE SC. **Santa Catarina em números**. Sebrae/SC: Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatorio%20Estadual.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SEMANA Farroupilha de Chapecó tem nove dias de programação. **G1**, online, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/09/semana-farroupilha-de-chapeco-tem-nove-dias-de-programacao.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SILVA, Edinéia Pereira da. **A construção de uma memória gaúcha em Santa Catarina**. 2010. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2010.

SILVEIRA, Sanderlei. **As regiões do estado de Santa Catarina: as mesorregiões catarinenses e suas características**. 2015. Disponível em: <<http://sanderlei.com.br/PT/Silveira/Santa-Catarina/Santa-Catarina-Historia-Geografia-12>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O terreiro e a cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

THOMÉ, Nilson. **Guerra civil em Caçador**. Caçador-SC: Fearpe, 1984.

VITORIA, Fernando Antonio. **De “Velho Xapecó” a “Polo formador de polos”**: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. [1970-1980]. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis-SC, 2011.

WILLIAMS, Raymond. Base and superstructure in Marxist cultural theory. **News Left Review**, I/82, nov./dez., 1973.

_____. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nova Vision, 2003.

_____. **Marxismo e literatura**. Tradução W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Television: technology and cultural form**. London: Routledge, 1974.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZANELLATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e disputas políticas de poder em Santa Catarina na era Vargas**. Criciúma-SC, Unesc, 2012.

ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS CHEFES DE REDAÇÃO DA RBSTV CHAPECÓ E RICTV CHAPECÓ

- 1 – Quais são as principais práticas de cobertura jornalística na região? Quais seus critérios e definições (orientações)?
- 2 – Existe alguma preocupação em cobrir toda região Oeste? Quais as práticas?
- 3 – Existe preocupação em mostrar a diversidade cultural da região? Como?
- 4 – Quais influências “culturais” você percebe na atualidade na região Oeste? (não no telejornal)
- 5 – Quais influências “culturais” novas se percebem na atualidade na região Oeste no telejornal? E perdem força ou se extinguiram?
- 6 – Como o público interfere no telejornal atualmente em relação as questões culturais?
- 7 – Quais os critérios para a exibição de conteúdos de outras regiões.

ANEXO B – PLANILHAS DE ANÁLISE DOS PERSONAGENS FIXOS ENTREVISTADOS

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 18/03							
Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Roseli de Lima	Xaxim	Sociedade Civil	neutra	Feminino, europeia, sotaque interiorano	trabalhadora urbana, vítima, reivindicador	6"	Reportagem
Maria Albertina	Xaxim	Sociedade Civil	neutra	Feminino, europeia, sotaque interiorano	trabalhadora urbana, vítima, reivindicador	6"	Reportagem
Luiz Alberto Brunetto	Xaxim	Instituição Pública	positiva	Masculino, europeu, sotaque interiorano	referência, fiscal	23"	Reportagem
Nivalda da costa	Florianópolis	Sociedade Civil	neutra	Feminino, branca, sotaque litorâneo	vítima, trabalhadora urbana, reivindicador	37"	Reportagem
Deisy Mendes Porto	Florianópolis	grupo social	neutra	Feminino, branca	referência, fiscal	30"	Reportagem
Anônima	São José	Sociedade Civil	neutra	Feminino	vítima, reivindicador	36"	Reportagem
Silvania Warming	Palhoça	Sociedade Civil	neutra	Feminino, branca	vítima, reivindicador	30"	Reportagem
Guto Ferreira	Chapecó	Chapecoense	neutra	Masculino, branca	referência, liderança, técnico	20"	Reportagem
Lucas Gomes	Chapecó	Chapecoense	neutra	Masculino, branco	referência, jogador de futebol	19"	Reportagem
Lucio Flavio	Curitiba - Paraná	Time de Futebol	neutra	Masculino, branco	referência, jogador de futebol	17"	Reportagem
Claudinei Oliveira	Curitiba - Paraná	Time de Futebol	neutra	Masculino, branco	referência, liderança, técnico	16"	Reportagem
Enio Parmegiani	Chapecó	Instituição Pública	positiva	Masculino, branco	referência, liderança	4'12"	Entrevista
Iracilda Santos Leal	Distrito Federal	Instituição Privada	positiva	Feminino, branco	trabalhadora urbana, referência	1'00"	Reportagem
Elizabete Gonçalves	Criciúma	Sociedade Civil	positiva	Feminino, branca	beneficiada, portadora de necessidade especial	1'04"	Reportagem
Elizangela Just Steiner	Criciúma	Instituição Pública	positiva	Feminino, branca	referência	22"	Reportagem
Caroline Betani	Chapecó	Instituição Pública	neutra	Feminino, branca	referência, liderança	31"	Reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 19/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Michele Andressa Pires	Chapecó	Instituição Pública	positiva	Feminino, branca	referência	15"	Reportagem
Dirceu Copati	Chapecó	Sociedade Civil	neutro	Masculino, europeu, sotaque interiorano	beneficiado, trabalhador urbano	13"	Reportagem
Renan Soares	Chapecó	Instituição Pública	positiva	Masculino, europeu	referência	25"	Reportagem
Ivete da Conceição	Chapecó	Sociedade Civil	neutro	Feminino, urbanizado	beneficiado, trabalhador urbano	25"	Reportagem
Kempes	Chapecó	Chapecoense	positiva	Masculino, negro	jogador de futebol, herói	2'25"	Entrevista
Gilvana Leandra Balenchefer	Chapecó	Sociedade Civil	neutro	Feminino, urbanizado	Trabalhadora urbana,	17"	Reportagem
Jacir Coltro	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, europeu, sotaque interiorano	trabalhadora urbana, exemplo	1'35"	Reportagem
Elizete Vaz de Oliveira	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminino, urbanizado	trabalhadora urbana	06"	Reportagem
Daniele de Oliveira'	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminino,	trabalhadora urbana	08"	Reportagem
Eduardo Olivo	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, branco	trabalhador urbano, referência	3'15"	Entrevista
Selda Maria Bach	Modelo	Sociedade Civil	neutro	Feminino, européia, sotaque interiorano	trabalhadora urbana, beneficiado	17"	Reportagem
Jean Schild	Modelo	Sociedade Civil	neutro	Masculino, branco	trabalhadora urbana, beneficiado	22"	Reportagem
João Boch	Modelo	Sociedade Civil	neutro	Masculino, européia, sotaque interiorano	trabalhadora urbana, beneficiado	05"	Reportagem
Daniel Soares	Modelo	Grupo Social	neutro	Masculino, branco	liderança, fiscal	22"	Reportagem
Ivania Michielin	Modelo	Sociedade Civil	neutro	Feminino, européia, sotaque interiorano	trabalhadora urbana, beneficiado	07"	Reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 20/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Rogério Guerra	Chapecó	Instituição Pública	positiva	masculino, branco	referência	13"	reportagem
Marcio da Paixão Rodrigues	Chapecó	grupo social	positiva	masculino, moreno	referência, técnico	1'09"	reportagem
Daniela de Oliveira	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	feminina, branca	reivindicador, trabalhador urbano	14"	reportagem
Euzete de Vaz Oliveira	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	feminina, branca	reivindicador, trabalhador urbano	12"	reportagem
Margarete Fiorenzin	Chapecó	Instituição Pública	neutra	feminina, branca	referência, liderança, técnico	45"	reportagem
Vanusa Maggioni	Chapecó	grupo social	positiva	feminina, branca	referência, liderança	13"	reportagem
Alcenir Hipólito	Chapecó	grupo social	positivo	masculino, moreno	trabalhador urbano	10"	reportagem
Rose Marines Orel	Chapecó	grupo social	neutra	feminino, europeu	trabalhador urbano	10"	reportagem
Djalma Aquino Azevedo	Chapecó	grupo social	positiva	masculino, europeu	referência, liderança, técnico	3'30"	entrevistado
Lourdes Bormam	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	feminino, morena	trabalhador urbano, beneficiado	20"	reportagem
Luciana Bertaso de Azevedo	Chapecó	Instituição Pública	neutra	feminino, branca	referência, liderança, técnico	1'05"	reportagem
anônimo	Criciúma	Sociedade Civil	neutro	feminino, sotaque litorâneo	vítima	27"	reportagem
anônimo	Criciúma	Sociedade Civil	neutra	feminino, sotaque litorâneo	vítima	05"	reportagem
Geder Grows	Criciúma	grupo social	neutra	masculino, europeu,	referência, técnico	50"	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 21/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Jocelito Figueira	Meio Oeste	Instituição Pública	neutra	masculino, europeu	referência, liderança	55"	reportagem
Gil	Chapecó	Chapecoense	neutro	masculino, europeu	jogador de futebol	16"	reportagem
Claudio Winck	Chapecó	Chapecoense	neutro	masculino, europeu	jogador de futebol	15"	reportagem
Edilson	Porto Alegre	Grêmio	neutro	masculino, europeu	jogador de futebol	18"	reportagem
Ernando	Porto Alegre	Inter	neutro	masculino, europeu/afro	jogador de futebol	49"	reportagem
Nélio Conci	Chapecó	Instituição Pública	neutro	masculino, europeu	referência, liderança	53"	reportagem
Elsio Cardoso	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	masculino, europeu	trabalhador urbano	10"	reportagem
Bruna Capitano	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	feminino, europeu	trabalhador urbano	10"	reportagem
Rogério Guerra	Chapecó	Instituição Pública	positiva	masculino, europeu	referência, liderança	37"	reportagem
Dilso Maximino Deitos	Chapecó	Instituição Pública	positiva	masculino, europeu	referência, liderança	10"	reportagem
Adriano Pacassa	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	masculino, europeu	trabalhador urbano	5"	reportagem
Cleusa Soares	Chapecó	grupo social	positiva	feminino, europeu	trabalhador urbano, referência, técnica	1'11"	reportagem
Ari Antonio dos Santos	Caxambu do Sul	grupo social	positiva	masculino, europeu	trabalhador rural, referência	17"	reportagem
Dorvalina dos Santos	Caxambu do Sul	grupo social	positiva	feminino, europeu	trabalhador rural, referência	20"	reportagem
Venilde Marangoni	Caxambu do Sul	grupo social	positiva	feminino, europeu	trabalhador rural, referência	20"	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 24/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Ronaldo Balassiano	Rio de Janeiro	Instituição Pública	Neutro	masculino, branco	referência, liderança	8''	reportagem
Andrea Souza Santos	Rio de Janeiro	Grupo social	Neutro	feminina, branca	referência, liderança	8''	reportagem
não identificada	Rio de Janeiro	Sociedade Civil	Neutro	masculino	cidadão	4''	reportagem
não identificada	Rio de Janeiro	Sociedade Civil	Neutro	feminina	cidadão	4''	reportagem
Silvênio Mergen	Chapecó	Equipe esportiva	positivo	Masculino, sotaque interiorano	Técnico, referência	10''	reportagem
Alberto Limardo	Argentina	Grupo social	positivo	Masculino, sotaque argentino	Liderança, referência	5''	reportagem
Walques dos Santos	Não identificado	Grupo social	positivo	masculino, europeu	Liderança, referência	5''	reportagem
Lais Briansini	Não identificado	Equipe esportiva	positivo	feminina, alemã, sotaque interior	atleta, referência	5''	reportagem
Mari Balbinoti	Águas de Chapecó	Equipe esportiva	positivo	feminina, branca, sotaque interiorano	atleta, referência	10''	reportagem
Enio Parmeggiani	Oeste catarinense	privado	positivo	masculino, branca	liderança, referência	2'50''	entrevista estúdio
Danuza dal puppo	Chapecó	Grupo social	positivo	feminina, branca	cidadã, referência	15''	reportagem
Marcia Adriana Lago	Chapecó	Grupo social	positivo	feminina, branca	liderança, referência, construtora	10''	reportagem
Maria Emília Reffatti	Chapecó	Grupo social	positivo	feminina, branca,	cidadã, referência	10''	reportagem
Taisa Sobieray	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	feminina, branca	cidadã, liderança	5''	reportagem
Agnessa leite	Chapecó	Grupo social	positivo	feminina, branca	liderança, referência	10''	reportagem
Naiara Atayde	Não identificado	Grupo social	positivo	feminina, branca	referência	8''	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 25/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Ronaldo Balassiano	Rio de Janeiro	Instituição Pública	neutro	masculino, branco	referência, liderança	40''	reportagem - serie
anônimo	Rio de Janeiro	Instituição Privada	neutro	masculino, moreno	referência, liderança	15''	reportagem - serie
Leonardo Costanza	Rio de Janeiro	Instituição Privada	neutro	masculino, moreno	liderança, referência, construtor	20''	reportagem - serie
Hilário Dalmann	não identificado	Instituição Pública	neutro	masculino, europeu, sotaque interior	liderança, referência	1'	entrevista
Roberto Fonseca	Cuiabá	Time de futebol	neutro	Masculino, branco	técnico de futebol	15''	reportagem
Caio Junior	Chapecó	Chapecoense	neutro	masculino, branco	técnico de futebol	15''	reportagem
Diego Rodrigues	Oeste catarinense	Instituição Privada	neutro	masculino, europeu	liderança	20''	reportagem
Renato	Estado	Instituição Pública	neutro	masculino, branca, sotaque litorâneo	liderança, referência	8''	reportagem
Cristiano	não identificado	Grupo social	neutro	masculino, branca, sotaque litorâneo	referência, construtor	5''	reportagem
Soraia	não identificado	Instituição Privada	neutro	feminina, branca, sotaque litorâneo	liderança, referência	8''	reportagem
Breno Mattos	não identificado	Grupo social	neutro	masculino, branca, sotaque litorâneo	referência, construtor	5''	reportagem
Andre Alexandre Happke	não identificado	Instituição Pública	neutro	masculino, branco	liderança, referência, fiscal	30''	reportagem
Maria Salete Meneghetti	não identificado	Instituição Pública	neutro	Feminina, branca	liderança, referência, fiscal	30''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, criança, branca	cidadã	8''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	masculino, criança, branca	cidadã	2''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, criança, branca	cidadã	10''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, criança, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	masculino, criança, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, adolescente, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, criança, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, adolescente, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	masculino, adolescente, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	masculino, adolescente, branca	cidadã	3''	reportagem
não identificado	Chapecó	Sociedade Civil	positivo	Feminina, criança	cidadã	4''	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 26/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Não identificada	São Paulo	Sociedade Civil	Negativa	Feminino, negra	Cidadã	2''	Reportagem serie
Não identificada	São Paulo	Sociedade Civil	Negativa	Feminino, europeia	Cidadã	4''	Reportagem serie
Ildo Sauer	São Paulo	Instituição Pública	Neutra	Masculino, branco	Liderança	30''	Reportagem serie
Oswaldo Sanchez	São Paulo	Instituição Privada	Positiva	Masculino, branco	Referência, Técnico, Professor	30''	Reportagem serie
Dal Marcondes	São Paulo	Instituição Privada	Positiva	Masculino, branco	Referência - Técnico - Consultor	30''	Reportagem serie
Reinaldo	São Paulo	Time de Futebol	Neutro	Masculino, negro	Jogador de futebol	7''	reportagem
Caio Junior	Chapecó	Chapecoense	Neutro	Masculino, branco	Técnico de futebol	10''	reportagem
Onédio Sartoreito	Chapecó	Empresário	Positivo	Masculino, branco	Referência	10''	reportagem
Cassiano Klosinski	Chapecó	Agente de transportes	Positivo	Masculino, branco	Referência	5''	reportagem
Adelar Zimmer	Chapecó	Instituição Privada	Positivo	Masculino, branco	Liderança, referência	15''	reportagem
Jair Trizotto	Chapecó	Sociedade Civil	Positivo	Masculino, branco	Referência	6''	reportagem
Mario Bertoncello	Chapecó	Sociedade Civil	Positivo	Masculino, branco	Referência	2'	Entrevistado Estúdio
Daniel Valadare	Chapecó	Sociedade Civil	Positivo	Masculino, branco	Referência	10''	Entrevistado Ar livre

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RBS 27/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Thereza Bet	Chapecó	Sociedade Civil	Positiva	Feminino - Europeia - Sotaque interior	Referência	2min	Reportagem
Achylles Bet	Chapecó	Sociedade Civil	Positiva	Masculino - Europeu - Sotaque interior	Referência	1'30''	Reportagem
Suamir Bet	Chapecó	Sociedade Civil	Positiva	Feminino - Europeia - Sotaque interior	Referência	30''	Reportagem
Filipe Machado	Chapecó	Chapecoense	Neutro	Masculino - Europeu	Jogador de Futebol	30''	Reportagem
Kempes	Chapecó	Chapecoense	Neutro	Masculino - Negro	Jogador de Futebol	15''	Reportagem
Zé Ricardo	Chapecó	Time Flamengo	Neutro	Masculino - Europeu	Técnico de Futebol	20''	Reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 18/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Paula Senna da Silva	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	feminino, branca	liderança, técnica	35"	reportagem
Caroline Betanin	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	feminino, branca	liderança, técnica	37"	reportagem
Ortelino Azzolini	Chapecó	Grupo Social	neutra	masculino, branco	liderança, técnica	1'36"	reportagem
Anônimo	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	masculino, branco	estudante, transeunte	17"	reportagem
Anônimo	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	feminina, branca	estudante, trabalhadora	12"	reportagem
Anônimo	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	masculino, branco	estudante, transeunte	10"	reportagem
Anônimo	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	feminina, branca	trabalhadora	08"	reportagem
Tiago Mendes	São Paulo	time de futebol	neutra	masculino, negro	jogador de futebol	16"	reportagem
Vitor	Minas Gerais	time de futebol	neutra	masculino, branco	jogador de futebol	10"	reportagem
Guto Ferreira	Chapecó	Chapecoense	neutra	masculino, branco	técnico de futebol, liderança	2'24"	reportagem
Lucas Gomes	Chapecó	Chapecoense	neutra	masculino, moreno	jogador de futebol	23"	reportagem
Cleonice Glória	Chapecó	Sociedade Civil	neutra	feminina, morena	vítima, beneficiada	2'00"	entrevista
Abel Bovi	Chapecó	Instituição Instituição Pública	positiva	masculino, branco	técnico, policial civil	43"	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 19/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Severino Teixeira	Chapecó	Instituição Instituição Pública	positiva	masculino, branco	liderança, técnico	2'40"	reportagem
Marcio Sander	Chapecó	Instituição Instituição Pública	positiva	masculino, moreno	liderança, técnico	21"	reportagem
Paulo Locatelli	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	liderança, técnico	45"	reportagem
Diego da Silva	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	liderança, técnico	1'43"	reportagem
nome não informado	região Oeste	Sociedade Civil	neutra	feminina, branca	motorista, vítima	21"	reportagem
nome não informado	região Oeste	Sociedade Civil	neutra	masculino, moreno	motorista, vítima	12"	reportagem
nome não informado	região Oeste	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	técnico, Policial Rodoviário	15"	reportagem
Guto Ferreira	Chapecó	Chapecoense	positiva	masculino, branco	técnico de futebol	1'10"	reportagem
Claudinei Oliveira	Curitiba	time de futebol	neutra	masculino, branco	técnico de futebol	45"	reportagem
Bauza	São Paulo	time de futebol	neutra	masculino, branco, sotaque espanhol	técnico de futebol	46"	reportagem
Leocir	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	Policial, técnico	30"	reportagem
Anônima	Guatambu	Sociedade Civil	neutra	feminina, branca, sotaque interiorano	vítima, trabalhadora	20"	reportagem
Anônima	Guatambu	Sociedade Civil	neutra	feminina, morena, sotaque interiorano	vítima, trabalhadora	15"	reportagem
Andreia Dorneles	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	feminina, branca	liderança, técnico	3'20"	reportagem
Petricoski	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	técnico, Policial	15"	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 20/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Rogério Guerra	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	liderança, técnico	10"	reportagem
Ricardo Lunardi	Chapecó	Grupo Social	neutra	masculino, branco	liderança, técnico	25"	reportagem
Maria Claudia Sakai	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	feminina, morena	técnica	20"	reportagem
Marcilei Vignati	Chapecó	Instituição Instituição Pública	positiva	feminina, morena	liderança, técnico	40"	reportagem
Alceu Mazzioni	Cordilheira Alta	Instituição Instituição Pública	positiva	masculino, branco, europeu	liderança, técnico	50"	reportagem
Wagner Meirelles	Chapecó	Instituição Instituição Pública	positiva	masculino, branco	liderança, técnico	41"	reportagem
Wilson César	Chapecó	Sociedade civil	neutra	masculino, europeu, sotaque interiorano	beneficiado, reivindicador, agricultor	35"	reportagem
Kemps	Chapecó	Chapecoense	neutra	masculino, negro	jogador de futebol, técnico	2'42"	reportagem
não informado	Florianópolis	time de futebol	neutro	masculino, branco	jogador de futebol, técnico	25"	reportagem
Paulo Bento	Minas Gerais	time de futebol	neutro	masculino, branco, sotaque espanhol	técnico de futebol	1'15"	reportagem
Diego Aguirre	Minas Gerais	time de futebol	neutra	masculino, branco, sotaque espanhol	técnico de futebol	1'00"	reportagem
Luiz Alexandre Kadis	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	técnico, policial	40"	reportagem
não informado	Chapecó	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	técnico, policial	1'50"	reportagem
Daniel Caldas	Lajeado Grande	Instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	técnico, policial	1'00"	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 21/03

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Milton Sander	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	masculino, branco	liderança, referência	3'30"	reportagem
Ivo Moraes	Chapecó	grupo social	neutro	masculino, branco, europeu	liderança, referência	3'20"	entrevista
Katiucia Schiochet	Chapecó	grupo social	positiva	feminina, branca	liderança, técnica	40"	reportagem
Ivani Sgarbossa	Chapecó	Sociedade Civil	neutro	feminina, branca, sotaque interiorano	beneficiada, dona de casa	20"	reportagem
Ireni Provinci	Chapecó	Sociedade Civil	neutro	feminina, branca, europeu, sotaque interiorano	beneficiada, dona de casa	15"	reportagem
Eliana Maria Ribicki	Chapecó	instituição Instituição Pública	neutra	feminina, branca	liderança, técnica	2'00"	reportagem
Luciano Buligon	Chapecó	instituição Instituição Pública	neutra	masculino, branco	liderança, técnica	1'35"	reportagem
não informado	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	masculino, moreno, sotaque interiorano	referência, doador	20"	reportagem
não informado	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	feminino, morena	referência, doador	15"	reportagem
Cláudio Wink	Chapecó	Chapecoense	neutro	masculino, branco	jogador de futebol, técnico	1'00"	entrevista
Gil	Chapecó	Chapecoense	neutro	masculino, branco	jogador de futebol, técnico	1'20"	entrevista
Roger Machado	Porto Alegre	Grêmio	neutro	masculino, moreno	técnico de futebol, técnico	1'40"	entrevista
Nélio Sartori	Chapecó	Sociedade Civil	neutro	masculino, branco, europeu, sotaque interiorano	vítima, produtor rural	50"	boletim

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 24/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Ricardo Lunardi	Oeste	Grupo social	Positiva	masculino, europeu	Liderança, referência	40''	reportagem
Wilson lobo	Oeste	Instituição Pública	Positiva	masculino, europeu	Referência	30''	reportagem
Luciano Guolo	Oeste	Instituição Pública	Neutra	masculino, europeu	Referência	20''	reportagem
Andres Duarte	Indefinido	Sociedade Civil	Positiva	masculino, europeu,	Trabalhador, referência, fotografo	1'05''	reportagem
Cristian Stassun	Indefinido	Sociedade Civil	Neutro	masculino, europeu,	Trabalhador, referência, psicólogo	15''	reportagem
Miguel Francisco de carvalho	Bom Jardim -SC	Sociedade Civil	Neutro	masculino, europeu, sotaque litorâneo	Trabalhador, trabalhador, referência	15''	reportagem
Cristiano Mariani	indefinido	Sociedade Civil	Positiva	masculino, europeu, sotaque gaúcho	Trabalhador, referência	25''	reportagem
Caio Junior	Chapecó	Chapecoense	Positiva	masculino, europeu,	Técnico, Jogador de futebol	25''	reportagem
Mateus Caramelo	Chapecó	Chapecoense	Positiva	masculino, sotaque paulista	Jogador de futebol, referência	40''	reportagem
Leandro Mitideiri	Rio de Janeiro	Instituição Pública	Positiva	masculino,	Liderança, referência, reivindicador	40''	reportagem
não identificada	Chapecó	Grupo Social	Positiva	feminina, europeu	Atleta, referência	25''	reportagem
não identificada	Argentina	Grupo Social	Positiva	masculino, europeu, sotaque argentino	Liderança, técnico	15''	reportagem
não identificada	Chapecó	Grupo Social	Positiva	masculino, europeu sotaque interior	Atleta, referência	5''	reportagem
não identificada	Paraguai	Grupo Social	Positiva	feminina, europeu, sotaque paraguaio	Atleta, referência	5''	reportagem
Marli Fátima Bevilaqua	Chapecó	Sociedade Civil	Neutro	feminina, europeu	vitima	2'50	reportagem destaque
Jose Manoel de Santana	Chapecó	Sociedade Civil	Neutro	masculino, moreno	vitima	30''	reportagem destaque

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 25/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, branca	trabalhadora, cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, branca	trabalhadora, cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, europeia, sotaque interior	trabalhadora, cidadão	5''	reportagem
Claudio Machado Maia	Chapecó	Grupo social	positiva	Masculino, negro	referência,	30''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	positiva	Feminina, branca	referência,	25''	reportagem
Sidnei Barozzi	Chapecó	Grupo social	positiva	Masculino, branco	referência, trabalhador	40''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, branco	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, europeia, sotaque interior	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, europeu	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, branca	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, branca	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, negro	cidadão	5''	reportagem
Dunia Comerlatto	Chapecó	Grupo social	positiva	Feminina, branca	trabalhadora, liderança, referência	15''	reportagem
Nemésio Carlos da Silva	Chapecó	Grupo social	positiva	Masculino, branco	referência	20''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	positiva	Feminina, criança, branca	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	positiva	feminina, criança,	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	positiva	masculino, criança	cidadão	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	neutro	feminina, criança,	cidadão, reivindicadora	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	neutro	feminina, criança,	cidadão, reivindicadora	5''	reportagem
Não identificada	Chapecó	Grupo social	neutro	feminina, criança,	cidadão, reivindicadora	5''	reportagem
Jean Badalotti	Chapecó	Grupo social	neutro	masculino, europeu	liderança, técnico de vôlei	25''	reportagem
Nilson REX	Chapecó	Grupo social	positivo	masculino, europeu	liderança, técnico de vôlei	35''	reportagem
Aladim	Chapecó	Grupo social	positivo	masculino, europeu	liderança, técnico de handebol	40''	reportagem
Danilo	Chapecó	chapecoense	Positivo	Masculino, branco	Jogador de Futebol	8''	reportagem
Caio Junior	Chapecó	chapecoense	Positivo	Masculino, branco	Técnico de Futebol,	10''	reportagem

Liége Santin	Chapecó	Instituição Pública	Neutra	Feminina, branca	Liderança, referência	50''	reportagem
Emília Matoso	Chapecó	grupo social	Positiva	Feminina, branca	Liderança, referência	5''	reportagem
Maria de Fatima	Chapecó	Sociedade Civil	Positiva	Feminina, branca	Cidadão	5''	reportagem
Marcos Barbieri	Chapecó	grupo social	Positiva	Masculino, branco	Liderança, referência	20''	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 26/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
Zeli Chiele	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, branca	Cidadã	5	Reportagem
Hannah Manah	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Feminina, criança, branca	Estudante	8	Reportagem
Cezar Ferrari	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, europeu, sotaque do interior	Referência	9	Reportagem
Pablo Pressotto	Chapecó	Instituição Instituição Privada	neutro	Masculino, europeu	Referência	40	reportagem
Giovano Shefer	Chapecó	Sociedade Civil	positiva	Masculino, europeu	Referência, agricultor, Reivindicador	40	reportagem

Sujeitos e Interações dos Entrevistados RIC TV 27/08

Nome do entrevistado	Região/município	Instituição	Ação	Característica cultural marcante	Papel social	Tempo de fala	Formato
João Evangelista	Chapecó	Sociedade Civil	Neutro	Masculino, branco	Trabalhador, reivindicador	8''	reportagem
Genir Antonio Dias	Chapecó	Sociedade Civil	Neutro	Masculino, europeu sotaque interiorano	Vítima, trabalhador, reivindicador	15''	reportagem
Soldado Stefens	Chapecó	Instituição Pública	Neutro	Masculino, branco	Trabalhador, policial , referência	20''	reportagem
Ana Constante	Chapecó	Instituição Pública	Neutro	Feminina, branca	Referência, liderança, musica	1'50''	Entrevistado estúdio
Felipe Machado	Chapecó	Chapecoense	Positiva	Masculino, branco	Jogador de Futebol	8''	reportagem
Kempes	Chapecó	Chapecoense	Positiva	Masculino,negro	Jogador de Futebol	8''	reportagem
Filomena	Haiti	Sociedade Civil	Neutro	Feminina,negra	Vítima,	2'	Entrevistado estúdio
Karina Moreira	Chapecó	Sociedade Civil	Neutro	Feminina, morena	Vítima, trabalhadora	1'	entrevista